



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

MAURO LOPES LEAL

NO SUBSOLO DO NILISMO:
LITERATURA E FILOSOFIA EM *MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS*

BELÉM/PARÁ
2016

MAURO LOPES LEAL

NO SUBSOLO DO NILISMO:

LITERATURA E FILOSOFIA EM MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras, na área de concentração em Estudos Literários.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Máximo von Söhsten Gomes Ferraz.

Coorientador: Prof. Dr. Roberto de Almeida Pereira de Barros.

BELÉM/PARÁ

2016

MAURO LOPES LEAL

NO SUBSOLO DO NILISMO:

LITERATURA E FILOSOFIA EM *MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS*

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras, na área de concentração em Estudos Literários.

Belém, 28 de março de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antônio Máximo von Söhsten Gomes Ferraz
Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. Roberto de Almeida Pereira de Barros
Universidade Federal do Pará

Profa. Dr. Izabela Guimarães Guerra Leal
Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. Vitor Cei Santos
Universidade Federal do Tocantins

BELÉM-PARÁ

2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFPA

Leal, Mauro Lopes, 1978-

No subsolo do niilismo: literatura e filosofia em
Memórias Póstumas de Brás Cubas / Mauro Lopes Leal. - 2016.

Orientador: Antônio Máximo Von Söhsten Gomes
Ferraz;

Coorientador: Roberto de Almeida Pereira de
Barros.

Dissertação (Mestrado) - Universidade
Federal do Pará, Instituto de Letras e
Comunicação, Programa de Pós-Graduação em
Letras, Belém, 2016.

1. Assis, Machado de, 1839-1908 - Crítica e
interpretação. 2. Literatura brasileira - História
e crítica. 3. Política e literatura.
4. Literatura - Filosofia. I. Título.

CDD 22. ed. 869.909

Dedico a Julie Leal pela sua presença constante.

AGRADECIMENTOS

Tarefa ingrata esta de tentar, em poucas linhas abarcar todos aqueles que de modo direto e indireto contribuíram para a articulação deste trabalho, uma vez que, no decorrer da vida, uma palavra, uma conversa, um livro emprestado, uma aula, dentre outros acontecimentos, podem ter se constituído como momentos de aprendizagem, de aprimoramento que agora foram postos em prática. Evidentemente que o percurso não se encerra, uma vez que não há uma linha de chegada, um ponto final a ser alcançado, mas até aqui se apresenta na dissertação uma parcela significativa do esforço e do aprendizado que se efetuou durante toda a vida. Como é tarefa hercúlea citar todos aqueles que foram significativos para o meu percurso como estudante professor e pesquisador, cito, em um primeiro momento os amigos, os mestres que me conduziram durante anos pela trilha do conhecimento, não esquecendo uma parcela significativa de esforço por parte de meus pais, que desde cedo me indicaram o caminho dos estudos como um dos mais nobres.

Entretanto, merecem palavras mais específicas minha sempre companheira Julie Christie Damasceno Leal, esposa com a qual posso sempre contar e que é responsável direta pela concretização deste trabalho. Sua contribuição não pode ser descrita sem que sejam consumidas folhas e mais folhas, entretanto agradeço o seu suporte, a sua confiança, a sua preciosa orientação, que muitas vezes evita que eu siga um rumo equivocado em minhas pesquisas, bem como a sua paciência, uma vez que a vida de estudante e pesquisador demanda tempo e recurso. Que possamos por muitos anos continuar em nosso trabalho de lapidação do conhecimento e produção intelectual, sempre com alegria, disposição, respeito mútuo e carinho, como têm sido todos esses anos.

Ao professor Roberto Barros, com quem efetuo um trabalho de parceria de longa data e cujo resultado tem sido bastante satisfatório, sem esquecer que o aprimoramento é mais do que necessário para continuar tal percurso. Sempre pronto a compartilhar o seu conhecimento, sou-lhe mais do que agradecido, uma vez que, de forma bastante corajosa, aceita a relação que estabeleço entre literatura e filosofia.

Agradeço ao professor Antônio Máximo, que acreditou no meu projeto e que me permitiu, com relativa liberdade, executá-lo do modo mais próximo daquilo por mim concebido. Suas preciosas indicações e conselhos não serão utilizados somente para este trabalho, mas assimiladas como ensinamentos para toda a vida.

Como recente amizade, agradeço ao professor Vitor Cei (que aceitou imediatamente compor minha banca), que de modo pioneiro, efetivou uma delicada e profícua pesquisa na qual relaciona o niilismo com a fortuna literária machadiana. Seus conselhos, seus apontamentos, sempre precisos, ajudaram-me na confecção desta pesquisa, que bem sei não está encerrada, mas que deve ser vista como contribuição para outras pesquisas futuras. Pronto para auxiliar, não posso ignorar aqui o fato de que sempre que precisei, o referido professor mostrou-se prontamente presente para dialogarmos.

À professora Izabela Leal, por sua contribuição e pela disponibilidade em indicar melhorias em meu trabalho, pelo diálogo produtivo, no qual os caminhos da literatura e da psicologia por vezes entrelaçaram-se.

Meus agradecimentos aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPA, que através de seus ensinamentos, puderam aprimorar-me ainda mais no mundo maravilhoso da literatura.

Sinto que o nosso mundo tornou-se uma imensa Negação, e que tudo o que é nobre, belo e divino transformou-se em sátira. Se em tal quadro surge um indivíduo que nem em ideia nem em efeito harmoniza com o todo – em outras palavras, uma figura inteiramente alheia – o que pode acontecer?

Dostoiévski

RESUMO

Machado de Assis é, com justeza, um grande escritor brasileiro não somente pela sua criatividade e escrita, mas principalmente pelas suas ideias, sua postura diante dos valores, que não raro são questionados em suas obras, o que poderia representar uma postura que, longe de ser simplesmente pessimista, está voltada mais para um padrão niilista de pensamento e visão de mundo. Questionar nem sempre significa destruir. Mas se a destruição se faz inevitável, há de se repor outros valores. A morte nem sempre se configura como um fim, mas pode claramente representar o início de uma nova existência. Neste trabalho, será observada a questão do niilismo em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, acionando filósofos como Nietzsche, para pô-los em diálogo com outros escritores, como Dostoiévski, demonstrando que o niilismo não pode ser considerado um fenômeno regional, mas mundial, demonstrando que em Brás Cubas, tal niilismo converge para outros padrões e para uma possibilidade de resistência através do humor, do riso, da alegria.

Palavras-chave: Machado de Assis, Dostoiévski, Niilismo, literatura.

ABSTRACT

Machado de Assis is, rightly, a great Brazilian writer not only for their creativity and writing, but mostly for his ideas, his attitude toward the values that often are questioned in his works, which could represent a position that far to be just pessimistic, it is geared more to a nihilist pattern of thought and worldview. Question does not always mean destroy. But if the destruction is inevitable if there is to reset other values. Death is not always configured as an end, but can clearly represent the beginning of a new existence. In this work, it will be subject to the issue of nihilism in *The Posthumous Memoirs of Bras Cubas*, triggering philosophers like Nietzsche, to put them in dialogue with other writers like Dostoevsky, demonstrating that nihilism can not be considered a regional phenomenon, but worldwide, demonstrating that in *Brás Cubas*, such nihilism converges to other standards and the possibility of resistance through humor, laughter, joy.

Keywords: Machado de Assis, Dostoiévski, Nihilism, literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I: NILISMO E DISSOLUÇÃO DOS VALORES	22
1.1. O hóspede indesejável: diagnóstico do niilismo	23
1.2. Brás Cubas: um niilista singular	42
CAPÍTULO II: MEMÓRIAS DO SUBSOLO	61
2.1. Memórias que não se apagam	62
2.2. Niilismo e morte	72
CAPÍTULO III: A SUPERAÇÃO DO NILISMO	89
3.1. O riso de Brás Cubas e o riso de Zaratustra	90
3.2. A afirmação da vida: diálogos entre Machado e Dostoiévski	105
CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	127

INTRODUÇÃO

Observando-se em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* a forte presença de aspectos niilistas, pretende-se no presente trabalho apresentar tais possibilidades de leitura do referido romance, demonstrando, entre outros aspectos, o vazio da existência do homem, tal como se apresenta na obra machadiana, enfatizando o niilismo na atuação de Brás Cubas, que se movimenta no decorrer da narrativa motivado pela efemeridade do momento e das relações que estabelece com as outras personagens.

Mais do que uma simples obra literária, *Memórias Póstumas* expõe o homem, desnudando-o dos valores que exhibe pela necessidade social, mas que, no isolamento da sua percepção e compreensão de mundo, demonstra que tais ideais que o sustentavam ou protegiam perdem seu valor, pois entra em cena o conflito entre aquilo que o homem é de fato e o que a sociedade e seus moralismos querem que ele seja.

Brás Cubas é o produto dos conflitos e/ou supressão de valores inerentes ao nosso tempo. Exige-se que ele detenha uma postura que seja condizente não apenas com os valores sociais vigentes, mas também àqueles próprios a sua classe social, ou seja, aprimoramento intelectual, posteriormente um casamento rentável, financeira e politicamente, e, por fim, maior ascensão social. Percebe-se que Brás Cubas, no decorrer do romance, não possui inclinação para nenhuma destas e de outras obrigações, mas durante sua existência busca satisfazê-las, sem grande esforço ou dedicação, mesmo que isso signifique a desconstrução de mitos e verdades ditas absolutas, crenças e valores, tudo isto advindo do túmulo, do qual exala a inexistência, a finitude, presentificado através da morte, ou seja, de um foco essencialmente niilista, cuja nadificação do indivíduo é um fato inegável. Sobre tal questão, argumenta Luís Eustáquio:

De qualquer forma, mais do que um escritor cínico, Machado de Assis foi um hábil ficcionista das potencialidades do niilismo, pois o cinismo em sua literatura desconstrói mitos, verdades e valores, não deixando pedra sob pedra, a fim de fazer valer a onipresença da morte, madrastra de todo cinismo, pois, tal como o defunto autor/narrador de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, é o ponto de vista da morte, logo do niilismo, que cria o contexto favorável para que, cinicamente, ela, a morte, quando nos observa mortalmente, venha a rir, sem vergonha alguma, de nossas vãs atribulações, preocupações, apegos, verdades, idealizações, desprezos, autodesculpas, hipocrisias, roubos, limitações¹.

Sob tal enfoque, buscar-se-á reinterpretar a figura de Brás Cubas, personagem multifacetada e que, por isso, permite diversas leituras, dentre as quais a da esfera do niilismo,

¹ SOARES. *Cinismo, niilismo e utopia*, p.3.

detectando-se em suas ações, tais como a do transgressor, imoral, egoísta etc., atitudes que podem também representar outra vertente, a saber, de questionamento dos valores tradicionais, a efetuar-se, principalmente, através do cinismo.

Percebe-se em Brás o conflito, por vezes exposto através da ironia e do sarcasmo (o que seduz o leitor leigo e o induz a uma interpretação diversa do personagem), reduzindo drasticamente a sua dramaticidade, uma vez que o riso, a galhofa também podem significar outros aspectos além da pura zombaria, daí o seu caráter enigmático, como afirma Minois (2003, p. 304): “um dos traços do humor é justamente ser indefinível. Pode-se praticá-lo, reconhecê-lo, jamais descrevê-lo”.

Ao se falar no riso de Brás Cubas não se está abordando qualquer riso, mas algo mais complexo, labiríntico, pois se tem um indivíduo fruto de diversos fatores, sociais, culturais, históricos, psicológicos, morais, que se posiciona contrário a estes mesmos valores. Acrescenta-se a isto o fato de que a narrativa se passa em uma época de nítida transição social, a saber, a derrocada da antiga e ultrapassada oligarquia, ainda presa à mentalidade escravocrata, para dar passagem à nova burguesia, mais moderna e atenta à nova ordem mundial que irá reger o mundo com maior efetividade, o capitalismo. Brás Cubas encontra-se na incômoda posição de não saber para onde ir, como definir-se, uma vez que é um produto dessa oligarquia, que se desfaz, e quer também passar ao campo da burguesia, mas sem saber como fazê-lo.

A postura cética de Brás cubas em certo sentido representa também o ceticismo machadiano diante de variados aspectos da vida social. Contudo, longe de ser um mero pessimismo, como é vulgarmente colocado, percebe-se que a força da escrita machadiana reside justamente nesse ceticismo, que nada poupa e apresenta-se como um denunciador de valores que falseiam uma realidade que está longe de ser desejável. Sob tal aspecto, Machado convida seu leitor a duvidar, a questionar, mas não de qualquer forma, mas de um modo particular, por vezes irônico, gracejador. Não é sem motivo que para muitos estudiosos e pensadores, Machado figura entre a mais alta vertente da literatura brasileira, como expõe Gustavo Krauser:

Machado de Assis é o mais importante escritor brasileiro. Uma das razões principais pela qual podemos dizer isso é porque se trata, também, do escritor que, não saindo da sua cidade, soube falar em primeiro plano do ser humano (com o perdão da rima). A outra razão pela qual podemos dizer isso é porque ele foi, antes de tudo, um cético. Machado não é bom *apesar* de ser cético, ele é bom *porque* é cético – desde que se entenda ceticismo como o faço aqui: uma filosofia de investigação permanente, uma filosofia de proteção à dúvida, uma filosofia que dribla o caráter assertivo da língua e sua tendência ao dogmatismo através do humor e da ironia².

² KRAUSER. *O bruxo contra o comunista ou: o incômodo ceticismo de Machado de Assis*, p.245.

Brás Cubas, através da ironia e do humor, mostra um ceticismo crítico, desafiador, que força o leitor a posicionar-se, seja concordando ou não, mas nunca em uma posição cômoda de inércia, de alheamento. Por vezes, o narrador defunto apresenta ao seu leitor uma espécie de espelho, no qual o vislumbre da própria alma se faz necessário. Diante de uma determinada situação, Brás agiu de uma forma, mesmo que isto signifique ter seguido seus instintos em contraposição aos valores sociais. E o leitor, qual partido tomaria? Brás não nega suas particularidades, não finge honradez, nem virtudes morais, pois está morto e suas preocupações com opiniões, recriminações, desprezo alheio, se antes eram mínimas, no túmulo desapareceram.

Brás Cubas, que tanto falhou no decorrer da vida, não pode ser considerado simploriamente de desafortunado, infeliz, pessimista ou cético justamente por ter falhado nos momentos cruciais da sua vida, ao contrário, sua visão de emundo, aprimorada com o distanciamento da vida diante da morte, tornou-o mais mordaz, mais impiedosamente crítico.

No fim da vida, em um derradeiro ato de ascensão, de prestígio e fama, concebeu a ideia do emplasto, algo que, como muitos outros projetos, permaneceram no âmbito da digressão, da conjectura, o que reforça ainda mais a humanidade de Brás, a sua modernidade. O homem da modernidade, nesse sentido, é o indivíduo do sucesso a qualquer preço, o sujeito da notoriedade imediata, bem como do acúmulo de bens, seja sob quais circunstâncias for. Mas esses desejos muitas vezes não se efetivam, e o homem do consumo e da fama se frustra, pois o que a sociedade prega como os mais altos valores (popularidade, riqueza, reconhecimento etc.) não estão ao alcance de todos, apesar de se difundir, ideologicamente, a sua tangibilidade. O emplasto, neste contexto, seria a representação dessa fórmula imediata de ascensão, que curiosamente conduziu Brás à morte.

Mas se pode afirmar que Brás há muito já estava morto. O que é o niilismo além de, em um primeiro momento, morte? Sem valores que indiquem o caminho “correto” a seguir, sem um deus para abençoá-lo, sem a moral para repreendê-lo e a igreja para puni-lo, o que vem a ser o homem? Crescer acreditando que um ente poderoso guia as ações humanas é condenar o homem a uma existência aparente, que se fundamenta no nada. Represa-se o homem dessa forma, seus impulsos são contidos, seus desejos refreados, sua animalidade domesticada em nome da elegância, do bom gosto, da *finesse* e da civilidade. Entretanto, aprisionar o homem em si mesmo não poderia resultar em outra consequência além do extravasamento e do rompimento, na modernidade, dos grilhões que o mortificavam: eis o niilismo, a negação de tudo.

Referindo-se não aos clones mas aos homens, Kant dizia que a natureza humana é torta de nascença, precisa da lei moral para ser aprimorada. Tendo-se passado 200 anos, a filosofia do século, depois de ter descoberto que a natureza não fundamenta e não garante nada, descobre com a experiência do niilismo que também a moral e a história não servem de arrimo para nada e não levam a nada. Não tendo mais a boa vontade nem a vontade boa para regular suas vidas, não tendo mais a natureza para se apoiar nem a história para se orientar em suas ações, os filhos do século, depois de verem tudo ruir ante os olhos (a religião, a moral, a política, a ciência, a técnica e a história), sentem o solo vacilar e abrir-se sob seus pés o abismo sem fundo do nada³.

Mas é preciso cautela ao abordar este conceito tão esquivo. No presente trabalho, trabalhar-se-á com o conceito nietzschiano de niilismo, pois, como afirma Clademir Araldi, tal fenômeno social é visto pelo filósofo alemão como uma espécie de ponte, que leva de um ponto, negativo, o niilismo propriamente dito, a um positivo: “Ao modo do andarilho, ele (Nietzsche) busca atravessar os desertos do niilismo e da negação, visando atingir, para além deles, um pensamento afirmativo”⁴. Com base em tal pensamento, será efetuado a leitura e o diálogo com a obra machadiana, centrada em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Através da obra machadiana, utilizando-se também outros romancistas, serão observadas as posturas niilistas e como estas podem encontrar resistência: no caso de Brás Cubas, o enfrentamento do niilismo pode ser concebido no seu estágio pós vida, ou seja, a morte configura-se, na lógica de *Memórias*, o ponto de não superação propriamente dita do niilismo, mas em uma espécie de resistência, uma vez que se pode falar em uma dupla postura do narrador-defunto, uma em vida e outra na morte, demonstrando-se que na existência tumular, Brás apresenta uma visão mais crítica de si e dos seus próprios erros e falhas.

Nietzsche apresenta, basicamente, dois conceitos de niilismo, um ativo e outro passivo. Neste, o indivíduo compreende a sua posição de doutrinação e dominação por parte dos valores instituídos, mas não há qualquer resistência ou indicativo de mudança de tal postura por parte do sujeito. No ativo, ao contrário, apresenta-se essa compreensão dos valores como elementos que aprisionam o homem, mas há uma efetiva tentativa de superá-los. Nietzsche ocupou-se mais deste tipo de niilismo, pois aos olhos do pensador germânico, o niilismo ativo, como dito acima, poderia conduzir a outro estado de comportamento, uma diversa visão de mundo, mais criativa, mais humana e voltada à vida efetiva.

I. *O niilismo, um estado normal.*

Nilismo: falta o objetivo; falta a resposta ao “Por quê?”. O que significa niilismo? – *que os valores supremos se desvalorizaram.*

Ele é **ambíguo**:

- A) Niilismo como sinal do *poder aumentado do espírito*: como **niilismo ativo**.

³ DOMINGUES. *A filosofia no 3º milênio: o problema do niilismo absoluto e do sujeito demiurgo*, p. 40.

⁴ ARALDI. *Niilismo, criação e aniquilamento*, p.45.

Ele pode ser um sinal de *força*: a força do espírito pode ter crescido de tal forma, que os objetivos até agora (“convicções”, artigos de fé) lhe são inadequados [...].

B) Niilismo como declínio e *retrocesso do poder do espírito*: o **niilismo passivo**:

Como um sinal de fraqueza: a força do espírito pode estar cansada, *exausta*, de modo que os objetivos e valores *existentes até agora* são inadequados e não encontram mais crença.

Que a síntese dos valores e dos objetivos (na qual se baseia toda cultura forte) se dissolve, de modo que os valores singulares entram em conflito: decomposição⁵.

Niilismo, conforme a visão nietzschiana, não representa apenas desnorteamento, mas também perspectiva, possibilidade do novo, algo que, para se efetivar, é necessário o desligamento com os valores que se mostraram enfermiços ao homem, aprisionadores. Questionar, criticar, por em suspensão, são algumas das posturas que um estágio mais avançado de niilismo pode fornecer ao indivíduo, principalmente o da modernidade.

E por que a modernidade configura-se como período central para o surgimento do niilismo em seu estado mais brutal, mais acabado? É nesse período que a técnica, o pensamento racional, as ciências, a tecnologia, a filosofia inclusive, ganham força e destronam antigos deuses dos seus reluzentes tronos para que, eles mesmos, ocupem o lugar dessas divindades mortas. A morte de deus não se configurou como uma revolução no pensamento do homem, apenas desfez antigas quimeras, fundamentadas principalmente em preceitos cristãos, substituindo-as pelo cientificismo, um novo deus a governar a vida do homem.

Nesse contexto, o niilismo possui relevante significância, pois ele evidencia que os valores são, muitas vezes, contraditórios e seguem uma lógica que não é benéfica a todos. O homem, solitário, tem a oportunidade, no campo do niilismo, de desenvolver a crítica contra todos os valores que visem o seu adoecimento e domesticação. Brás Cubas é o homem moderno domesticado: ele segue caminhos traçados por Cubas pai, no qual o filho, através de diversos contratos, inclusive matrimoniais, alcançaria mais promoção social, como se vê no capítulo XXVI “O autor hesita”.

O niilismo, por esse prisma, demonstra que é um fenômeno de extraordinário perigo, pois pode conduzir o homem a atos extremos, uma vez que as rédeas que o aprisionavam a manutenção de uma postura socialmente aceita foram rompidas, bem como também pode ser a força motriz para que se possa desenvolver uma nova visão de mundo.

Benedito Nunes, tomando por base Heidegger, definiu o niilismo sob as seguintes linhas:

Faces de um mesmo acontecimento, que culmina na civilização mundial, cenário do fim da Filosofia, sob a racionalidade da técnica e da vontade de potência,

⁵ NIETZSCHE. *Sabedoria para depois de amanhã*, p.238-239. Grifos originais.

esquecimento do ser e dominância da Metafísica respondem pela essência do niilismo, de que são signos a *devastação da terra, o exílio ou o apatridismo do indivíduo, a massificação, o totalitarismo e a fuga dos deuses*. O niilismo é a figura, que esses signos exteriorizam, do geral obscurecimento do mundo (*Verdüsterung der Welt*), da carência debaixo da abundância⁶.

Assim posto, o niilismo é apresentado sob um caráter de abrangência que não conhece limites geográficos, desconsidera diferenças linguísticas, culturais, políticas, físicas, e marca o homem de forma indelével sob o estigma da destruição, que por sua vez se efetua dos mais diversos modos, o que supera a concepção de morte como representação última de esvaziamento e dissolução do homem: matar um homem é retirar de si suas características mais intrínsecas e naturais, é exilá-lo de si mesmo, tornando-o apenas mais um entre milhões de homens domesticados, uma vez que perdeu sua humanidade para alguma terminologia que tente defini-lo ou classificá-lo.

Brás Cubas, nesse sentido, é tão escravo quanto Prudêncio, que durante a infância serviu-lhe de cavalinho, pois ao nascer, colocaram-se sobre Brás as devidas classificações e responsabilidades inerentes à sua condição: oligárquico, membro de uma elite branca, homem livre etc. Não se sabe, sob certo ângulo, quem de fato é Brás Cubas, pois toda a sua representação no romance efetua-se por aquilo que lhe é culturalmente, no sentido da tradição, imposto. Ao jovem senhor é permitido o açoite aos escravos, as diabruras, o atentado às escravas, dentre outras ações, uma vez que são esses os privilégios concedidos aos homens de sua casta, holograma de determinados valores hierarquicamente estabelecidos, seja democraticamente, ou ideologicamente, pelo uso da força e/ou da violência.

Desse modo, falar em liberdade efetiva é um tanto contraditório: o homem já nasce aprisionado a certos aspectos que, querendo ou não, irão influenciar decisivamente sua visão e compreensão do mundo. Mas e se tais valores não existirem? Ou melhor, se todos esses valores até então cultuados se revelassem falhos, insustentáveis e enganosos? O que resta desse processo de aniquilamento absoluto quando o homem é destituído daquilo que é e situado em um plano do que outras esferas desejam e impõem? O niilismo, essa situação de desnortamento perante a falta de valores e ideais, como afirma Volpi (1996, p.8) é, antes de tudo, um acontecimento natural, uma vez que as diretrizes morais que regem, ou tentam gerir, a conduta do homem não poderiam efetuar-se perpetuamente.

A própria história é permeada de exemplos de modificações de posturas, pensamentos, tendências, que marcam uma época, um grupo, uma sociedade inteira. Matar, em outros tempos, tinha significados e representações bastante diversas da época atual. A guerra, no

⁶ NUNES. *No tempo do niilismo e outros ensaios*, p.17.

passado, era o momento de prova para o verdadeiro guerreiro; hoje, consiste em manipulações políticas nas quais o interesse econômico se sobrepõe a milhares de vidas sacrificadas.

O niilismo, nesse cenário, marca um período de questionamento e negação, postura esta que se mostra imprevisível e perigosa para alguns⁷. Como movimento contestador dos valores vigentes, o niilismo, na sua forma mais ameaçadora, popularizou-se, segundo Volpi, na Rússia, no qual valores religiosos, metafísicos e estéticos foram atacados e compreendidos como “nulidades” e “ilusões”. Um dos primeiros objetivos dos niilistas russos era a morte do czar. Tal contexto influenciou significativamente o pensamento e a escrita de Fiódor Dostoiévski (1821-1881), que com sua visão profunda do homem e seus conflitos internos, psicológicos, influenciou, por sua vez, Nietzsche.

No presente trabalho o pensamento do filósofo Nietzsche será acionado de modo mais expressivo, uma vez que a este pensador específico foi creditado, com justeza, o estudo mais detalhado e profundo do fenômeno do niilismo, assunto este que está presente de forma embrionária desde os primeiros escritos de Nietzsche até as derradeiras obras, uma vez que o filósofo de Röcken conferiu expressiva importância a esse acontecimento, que resultaria no chamado além do homem nietzschiano.

É neste panorama que será lida e interpretada *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, obra marcada pela presença acentuada do niilismo em suas páginas, o qual apresenta metamorfoseado, não como um inseto, tal qual o personagem de Kafka⁸, mas em várias outras formas, como a pobreza, as misérias humanas, a própria morte, esta que se expõe constantemente no decurso da narrativa, sempre evidenciando a efemeridade e brevidade da existência humana, que tanto quer, mas pouco consegue, uma vez que a saciedade dos desejos humanos não possui limites.

Assim, ao longo de três capítulos, o niilismo será abordado em *Memórias* através, principalmente, da figura de Brás Cubas, pois neste personagem, em especial, encerram-se os mais vastos conflitos e posturas que reafirmam um posicionamento niilista do mesmo, seja através de atos, seja por meio de pensamentos. Estabelecer-se-á, também, uma comparação da referida figura dramática com alguns personagens de Dostoiévski, exercício esse que deve ser considerado em determinados momentos do trabalho, uma vez que tal relação evidenciará o diálogo entre escritores de diferentes nacionalidades, mostrando que o niilismo não é o

⁷ O próprio escritor eslavo, Dostoiévski, compreendia o niilismo como uma ameaça aos valores e às tradições russas.

⁸ Gregor Samsa, da obra *A metamorfose*.

produto de um único continente, o Europeu, mas algo, como apontara Benedito Nunes, que culmina na civilização mundial.

No primeiro capítulo, buscar-se-á apontar a presença do niilismo na civilização ocidental sob duas perspectivas, a histórica e a filosófica, principalmente sob o plano de interpretação nietzschiana. Quais valores são desfeitos pelo niilismo e como os mesmos efetivaram-se na sociedade moderna? Como o niilismo pode ser diagnosticado na civilização moderna? Sabe-se que o homem guia-se por regras que são impostas e, em nome de uma integração social, elas são repassadas de geração para geração sem qualquer questionamento mais contundente, pois até mesmo na filosofia tais preceitos se fazem sentir, seja em maior ou menor grau. Impõe-se a mentalidade da igualdade social: perante a lei todos os seres humanos são iguais. Entretanto, na efetividade da vida, percebem-se outros valores, outros regramentos. Tal fato é concreto e por mais que se busque acreditar na meritocracia, fatores como cor de pele, nível social, escolar, cultural, dentre outros aspectos, ainda são decisivos na sociedade moderna/capitalista para designar quem serão os “vencedores” e quem receberá o título de “perdedores”.

Em algum momento da história, as classes abastadas decidem que necessitam de mão de obra para trabalharem para os seus propósitos expansionistas. A solução? Considera-se o negro, o índio, o judeu, o estrangeiro, o outro, enfim, o estranho, o perigoso, o inimigo, o inferior, o sem alma, para que, com tais justificativas, sejam solucionados os problemas de escassez de trabalhadores. Valores estes criados, portanto, por um determinado grupo que, protegido pela política, pelo judiciário e pela força *militia*, impõe decisões que visam à manutenção de seu controle e expansão do seu poder. O que pode significar prestígio para alguns, para outros representa sofrimento. Brás Cubas, o filho da elite oligárquica, flagela, corrompe, desvirtua e engana, pois a sua posição privilegiada permite-lhe. Mas tal *status* não é suficiente para preencher o vazio que permeia sua existência. Não consegue realizar nem metade do que lhe foi imposto, revela-se, ao fim da vida principalmente, um homem solitário, superficial e portador de ambições que nunca foram suas.

No segundo capítulo, evidencia-se o caráter subterrâneo de Brás Cubas. O conceito de subterrâneo, confeccionado por Dostoiévski, em *Notas do Subsolo*, adequa-se com perfeição à figura do narrador de *Memórias Póstumas*. Nesse capítulo, faz-se necessário o diálogo entre Brás e o homem do subsolo, na intenção de, traçando uma linha paralela entre ambos, seja permitido colocá-los frente a frente, tal como se olhassem para um espelho. Brás, nas suas impossibilidades, e talvez incapacidades, subsiste na intenção de viver, de forma banal e desinteressada, como um *bon vivant*, cuja existência fundamenta-se no nada. Assim como ele

se questionou sobre o motivo pelo qual D. Plácida vive e a resposta é bastante negativa, como se a pobre mulher não tivesse razão para existir, a mesma pergunta se faz a Brás: por que ele existe? Para oprimir, responderão alguns, tal como ele respondeu em um sentido inverso sobre a questão de D. Plácida⁹.

Não há como negar a natureza niilista de Brás, que em vida nada realizou, pouco alcançou e viveu sob a parca glória de ter existido sem precisar ter que trabalhar. Simboliza-se em Brás o subsolo moral e ressentido, aquele que brada contra os costumes, contra as famílias, as religiões, as filosofias, as mulheres, dentre outros ícones sociais, utilizando para isso a pena da ironia, do despeito, da zombaria e do ressentimento, o que pode representar uma crítica a tal sistema, que segue leis cujo tradicionalismo impõe-se sobre o indivíduo, tornando-o cativo e, não raro, destituído de ação, o que não é o caso de Brás, cujo tom cômico mostra-se como uma espécie de enfrentamento contra a postura niilista passiva, mesmo que seja preciso efetuar tal ação do túmulo. A morte, subsolo de Brás Cubas, é o local no qual a questão do niilismo se impõe de forma mais significativa, pois é na condição de morto que o seu aspecto niilista mostra-se mais contundente.

O terceiro capítulo aborda a efetiva possibilidade de resistência ao niilismo passivo através da alegria, do humor, em uma atitude reafirmativa da vida. O homem não pode viver, indefinidamente, sob a sombra do nada, é preciso voltar-se para algum lugar agradável, no qual possa construir seus novos templos, não maculados pelos imperativos de “dever”, de verdade e “Deus”. O homem niilista imergiu de forma profunda em questionamentos e problematizações dos valores alicerçantes, travando, em alguns momentos, certo combate com esse mesmo “hospede incômodo”, expressão utilizada por Nietzsche para referir-se ao niilismo. O filósofo alemão propõe a superação do niilismo através de uma atitude expressa por Zaratustra: o sagrado dizer “sim” à vida em contradição ao “não”. O “sim” de Brás Cubas efetua-se de um modo bastante particular: através do cômico. Sua vontade de vida é inegável, como se pode perceber em muitos momentos de *Memórias*, o que significa dizer que o ceticismo de Brás não é voltado para a vida em si, mas para os valores instituídos e que permeiam a existência humana, o que por vezes acabam se tornando desagradáveis, sem sentido.

O último capítulo da narrativa machadiana, CLX “Das negativas”, é um claro exemplo de que a existência de Brás Cubas revelou-se vazia em muitos aspectos, mas tal aspecto não

⁹ Cf. MACHADO. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, LXXVI, p.259.

está relacionado ao seu desejo de viver, mas à sua incapacidade de alcançar objetivos que outros estabeleceram para si e que ele aceitou como verdadeiros, únicos.

Zaratustra, por sua vez, ama os homens e quer lhes ensinar a dizer sempre sim à vida, ao homem, ao corpo, ao mundo concreto. Entretanto, neste trabalho, a concepção nietzschiana de superação de niilismo será convertida para uma posição de resistência, uma vez que o homem, indefinido e inclassificável, não é um ser pronto e acabado, mas em constante processo de construção e modificação. Logo, apontar a superação do niilismo, fora do contexto do além-do-homem¹⁰, como situou o referido pensador, torna-se uma tarefa delicada. Portanto, ao se falar em Brás Cubas e niilismo, situa-se a questão no plano da resistência, através da morte, ao niilismo, uma vez que o conceito de morte é extenso e não se encerra apenas na qualidade do fim puramente orgânico, como se percebe na própria lógica de *Memórias Póstumas*.

Para confrontar o niilismo é preciso, também, ruminar, esquecer, superar o ressentimento, as lembranças fúnebres, a enfermidade do espírito, a mácula da supervalorização da alma em detrimento do corpo. Aqui, faz-se necessária outra relação entre Machado e Dostoiévski, agora no que se refere à obra *Os irmãos Karamázov*, pois em tal obra há também o exemplo de outra personagem que igualmente diz esse sagrado sim à vida, Aliócha Karamázov, o ex-seminarista que mesmo diante das mais devastadoras situações familiares, ainda reafirma a vida e o que nela existe, sem compreender isso no sentido de bom ou mau: há apenas vida.

Propõe-se que o niilismo é parte fundamental de *Memórias Póstumas*, que lido de forma mais atenta expõe e desnuda a alma humana naquilo que a maioria das pessoas nega, que se oculta no subconsciente e somente vem à tona através de sonhos. Brás Cubas perverteu a si e aos outros, se for considerada a moral vigente e os preceitos cristãos. Mas no terreno niilista, isto pode ser interpretado de forma totalmente diversa. Desse modo, é preciso perceber que apesar de adotar-se aqui a concepção nietzschiana de niilismo, Machado de Assis representou esse vazio no homem de modo bastante particular, o que torna Brás Cubas um niilista singular.

Literatura e filosofia dialogam para desvendar o niilismo no espírito do homem moderno que, independente de classe social, ou qualquer outra distinção, sofre os efeitos de

¹⁰ Tal importante conceito não será abordado no presente trabalho, uma vez que tal tipo, o além-do-homem, foge demasiadamente das características identificadas em Brás Cubas e Aliócha, apesar destes também mostrarem-se questionadores, críticos, como o é também o super-homem nietzschiano.

tal fenômeno pelo simples fato de ser membro da civilização e, como tal, comungar dos valores instituídos. O que pode significar um fim ou um começo, dependendo de cada um.

CAPÍTULO I

NIILISMO E DISSOLUÇÃO DOS VALORES

1. 1. O hóspede indesejável: diagnóstico do niilismo

Há muito que dizer acerca do nada, uma vez que, dependendo da posição da qual se lança o olhar sobre tal assunto, ele pode adquirir contornos bastante diversos: a um pode significar o alienamento e aniquilação do homem, a outro uma perspectiva de mudança, cujos resultados podem alterar significativamente a visão do homem sobre as coisas e os seres; para outros ainda o nada é uma angústia, uma prisão, uma dor aguda, um pesadelo, pois indica responsabilidade, devolve ao homem o encargo de posicionar-se, de refletir e pensar. Para muitos, isto significa o mais absoluto amedrontamento. Comparemos tais indivíduos a crianças, que veem na imagem paterna o símbolo de força e proteção. Mas tal figura deixa de existir, por alguma razão, esfacelando toda uma tradição, uma postura de negligência, pois se acostumou com a presença paterna e a segurança que ela supostamente transmitia. Está-se aqui apontando para a morte de Deus como condição significativa da inserção do homem no estágio de niilismo.

Desde épocas remotas, a imagem de um ser divino, de uma entidade superior, tem acompanhado o homem. O sagrado que antes possuía forte relação com o poder e a realidade, principalmente para as sociedades primitivas e pré-modernas¹¹. Na modernidade, tal relação foi desfeita, criando-se mundos distintos, ou seja, o sagrado e o profano, no sentido de comum, físico, real. Para o trabalho em questão, toma-se a morte de Deus como um aspecto central do niilismo, uma vez que este evento marca uma ruptura com a tradição dos valores até então concebidos como inquestionáveis e perenes, tais como a moral, a verdade, o metafísico, dentre outros.

Sobre o niilismo, tentar uma definição é tarefa bastante complexa, uma vez que apenas afirmar que tal fenômeno caracteriza-se como a supressão dos valores é postura bastante simplista, algo que este fenômeno não é, uma vez que ele adentra os mais diversos setores da sociedade, na postura e no pensamento humano. Nietzsche, por força do seu interesse no que se refere ao niilismo, será fonte recorrente no trabalho, uma vez que em diversas obras do filósofo alemão há referências ao niilismo, bem como em diferentes fragmentos póstumos.

Em *Fragmentos Finais*¹², Nietzsche aponta diversos aspectos no que se refere a tal acontecimento, que podem ser resumidos em três pontos:

1. O cristianismo é uma das fontes, senão a principal, do niilismo;

¹¹ ELIADE. *O sagrado e o profano*: a essência das religiões, p. 18.

¹² NIETZSCHE. *Fragmentos Finais*, 2 (127), p. 49-50.

2. A decadência do cristianismo se faz presente através do voltar-se contra seu próprio deus;

3. A moral adentrou em um ceticismo, uma vez que a transcendentalidade, sua principal característica, não consegue conferir sentido às coisas. O transcendental não é mais visto como resposta, mas sim como fuga daquilo que é sólido.

Um prenúncio de resposta para o que vem a ser o niilismo apresenta-se nas palavras de Nietzsche: é a perda referencial dos modelos tradicionais que, durante muito tempo, serviu de paradigma para a existência humana, tanto na sua forma de ser, quanto de compreender. É a imersão do homem na descrença absoluta, na dúvida agônica de tudo e na constatação de que ele se encontra sozinho. Uma solidão que acreditava não existir sem a sombra do divino a conduzir os rumos da humanidade.

Antes de Nietzsche outro filósofo já havia abordado a questão do *nihil*: Schopenhauer. Em *O mundo como vontade e como representação*, obra na qual o referido pensador refletirá sobre um dos seus mais profícuos conceitos, a vontade, esta que se mostra cega, insaciável, nunca satisfeita e que se alimenta de si mesma. É essa vontade que, aos olhos de Schopenhauer, reintroduz na filosofia um elemento antes ignorado, o corpo, uma vez que este é o portador do anseio, do sentimento humano de querer, de desejar. Em união, esses elementos resultam em uma vontade da vida, pois esta nunca se sacia, nunca se esgota. Um desejo realizado é prontamente substituído por outro, e assim sucessivamente, até o fim da vida. Tal processo configura-se também como um tipo de sofrer, pois a saciedade nunca se realiza, não se sacia, tal como o personagem mitológico Eresictão¹³.

Entretanto, antes das concepções que cada um destes filósofos apontou sobre o que vem a ser o niilismo, este já se apresentava no cerne do pensamento filosófico desde os seus primórdios, mas ainda em um estágio bastante embrionário através de Parmênides, um dos primeiros a refletir sobre o nada, distinguindo aquilo que “é” daquilo que “não é”, sendo este incognoscível e, portanto, nada podendo estabelecer sobre ele: “[...] Não se pode pensar senão aquilo que é. Pensar o nada significa não pensar absolutamente, e o dizer o nada significa não

¹³ No referido mito, Eresictão comete um desagravo à deusa Ceres, responsável pela fertilidade, ao interromper, em um bosque, uma cerimônia consagrada à referida divindade. Como punição a deusa lança uma maldição ao rude homem: a de sentir uma fome insaciável. Consumido por uma necessidade que nunca cessa, Eresictão come tudo o que havia em sua casa, incluindo os animais domésticos como os cachorros. Dessa forma, inevitavelmente o homem adentra em um estado de miséria absoluta, tendo ao seu lado somente a única filha, que vende posteriormente para comprar comida, algo que faz não somente uma vez, mas várias, pois a moça, sob a proteção de Zeus foge dos seus compradores sempre que é transformada em algum animal. Por fim, Zeus a transforma em uma borboleta e a mesma desaparece. Sozinho e faminto, Eresictão acaba por alimentar-se do próprio corpo, desaparecendo, por fim.

dizer nada. Portanto o nada é impensável e indizível" ¹⁴. Percebe-se que o nada ainda é concebido em um aspecto transcendente, como algo fora da razão.

No decorrer do tempo, a questão sobre o nada convergiu para outros campos, como o político¹⁵, tal como o ocorreu na Rússia do século XIX, cujo cenário social era o de conflito de gerações, a de 1840 e a de 1860. A primeira destas, conforme Frank¹⁶ (1992) “[...] se formara com literatura romântica e filosofia idealista alemã, e era politicamente simpática ao liberalismo e ao socialismo utópico” ¹⁷. A segunda geração era mais voltada para o realismo, centrada na figura de Gógol, e se mostrava “rancorosamente hostil a qualquer espécie de reformismo liberal” ¹⁸, uma vez que as reformas propostas pelo czar, como a de libertar os servos, mostraram-se dúbias e ilusórias, pois o servo continuava, de certo modo, preso a um sistema que o explorava, sendo-lhe infligidos pesados impostos a serem pagos, o que desagradou consideravelmente a nova geração.

Data dessa época uma importante obra, *Pais e filhos*, do escritor Turguêniev, na qual se tem referências diretas ao niilismo, seja através de diálogos¹⁹, na qual o assunto é enunciado, bem como mais indireta, transparecendo apenas por meio das ações dos personagens. O romance é permeado de debates sociais e políticos, destacando-se os ataques diretos a determinados valores, princípios e, em alguns casos, instituições: “O aristocracismo, o liberalismo, o progresso, os princípios! – disse Bazárov. – Quantas palavras estranhas e inúteis. O russo não precisa delas” ²⁰. Posteriormente, o resultado desse conflito foi a revolução e a ascensão do comunismo, aspectos que não serão, entretanto, trabalhados aqui, limitamo-nos a abordar esse período pré-revolucionário, no qual o niilismo russo possuiu forte influência, pois a nova geração de intelectuais russos não concordavam mais com o sistema czarista, considerado retrógrado e desigual.

¹⁴ REALE, G./ ANTISERI, D. *História da Filosofia: antiguidade e idade média*, p.51.

¹⁵ A questão sobre o nada é, como visto, bastante antiga. Entretanto, ao adquirir outros contornos sociais, o debate sobre o “ser” e o não-ser” convergem para a questão de valores, mais precisamente no século XVIII, conforme Vitor Cei: “O conceito de niilismo (do latim *nihil*, “nada”), em uso desde o século XVIII, designa a perspectiva de negação absoluta de todos os valores e princípios estabelecidos pela tradição, sejam de ordem ontológica, epistemológica, religiosa, social, moral ou política. Indica, ainda, a expressão de esforços artísticos, literários e filosóficos voltados para a experimentação do poder do negativo e para a vivência de suas consequências, trazendo à luz o profundo mal-estar da modernidade”. CEI. *Contra-isso-que-está-aí: o niilismo nas jornadas de junho*. In: CEI & BORGES (Org.). *Brasil em crise: o legado das jornadas de junho*, p.140-141.

¹⁶ Joseph Frank (06 de outubro de 1918 – 27 de fevereiro de 2013) considerado um dos maiores pesquisadores estadunidenses sobre a vida e a obra do escritor russo Fiódor Dostoiévski.

¹⁷ FRANK. *Pelo prisma russo*, p.219.

¹⁸ FRANK. *Pelo prisma russo*, p.219.

¹⁹ TURGUÊNIEV. *Pais e filhos*, p.31-32; 65.

²⁰ TURGUÊNIEV. *Pais e filhos*, p.63.

Destacam-se, entre aqueles que observaram o niilismo com preocupação, o escritor Fiódor Dostoiévski:

Sua oposição a essa ideologia, que se pode chamar *grosso modo* de niilismo russo num sentido amplo, somente veio à tona, de forma gradual, nos primeiros cinco anos da década de 1860. Foi no final desse período, mais precisamente em 1864, que lançou seu primeiro ataque frontal contra ela, em *Memórias do Subsolo*, e elaborou a estratégia artística que empregaria com idêntico propósito em seus dois grandes romances dos anos 1860 (*Crime e Castigo* e *Os Demônios*). Consistia essa estratégia em criar personagens que *aceitassem* um ou outro dogma do niilismo russo, para mostrar, em seguida, as desastrosas consequências que a prática desses preceitos poderia trazer para suas vidas²¹.

A interessante vida deste escritor por si só merece um trabalho à parte, o que não está incluído no desenvolvimento do presente texto, portanto, não será objetivo prioritário demonstrar como o até então jovem Dostoiévski, nascido em uma família relativamente abastada, flertou com essas ideias revolucionárias que lhe custaram a prisão e o confinamento na Sibéria, recebendo a pena de morte por fuzilamento, condenação esta comutada posteriormente para trabalhos forçados. Também não será objeto de pesquisa aprofundada a chamada “conversão” do escritor na prisão, ao ter contato com as camadas mais simplórias da sociedade russa, contato este que mudou significativamente a sua percepção política e social. Este considerado novo Dostoiévski pós-prisão entreviu com preocupação o avanço do niilismo em terras russas, sentindo, portanto, necessidade de, através dos seus romances, alertar a juventude para os perigos dessa postura que subverte os valores até então estabelecidos, incluindo até mesmo o valor dado à vida. O niilismo, para o escritor russo, somente conduziria o indivíduo ao sacrifício fútil e à prisão, tal como ele na sua época de revolucionário, como explicita Joseph Frank:

Sente-se aqui a angústia do ex-revolucionário Dostoiévski diante da futilidade do auto-sacrifício (que, no seu entender, só podia ser) dos jovens, homens e mulheres, idealistas e puros de coração que estavam trilhando o mesmo caminho que o havia levado à Sibéria. Era-lhe impossível assistir com indiferença enquanto tantos deles estavam sendo conduzidos ao desastre pelos flautistas variegados do niilismo²².

Percebe-se, conforme fragmento acima, que o niilismo possui uma feição bastante particular no solo russo, pois diferente da revolução francesa, que resultou no fim da monarquia na França, na Rússia não era apenas uma questão de descontentamento com o czar, mas toda uma contestação que incluía até os valores mais intrínsecos da cultura russa, como a religião. Sob esse aspecto, percebe-se que a mudança no pensamento do homem russo niilista é algo bem mais profundo e complexo. Por que esse cansaço para com ideias que até então se

²¹ FRANK. *Dostoiévski: os anos milagrosos*, p. 31.

²² FRANK. *Dostoiévski: os anos milagrosos*, p. 92.

mantinham como respostas para as angústias humanas? Por que opor-se a um modelo que se apresenta basicamente em quase todos os países, fundados ainda na concepção secular da pirâmide social, distintivo entre os que rezam, guerreiam e trabalham? No niilismo, toda essa concepção, além de se desfazer hierarquicamente, questiona-se até mesmo sobre o motivo de tais indivíduos existirem. Existe, de fato, um deus? Se existe, por que olha com aparente descaso para o homem e, principalmente, para o sofrimento dos inocentes?

Compreendes quando um pequeno ser, que ainda não tem condições sequer de entender o que se faz com ele, trancado naquele lugar sórdido, no escuro e no frio, bate com seus punhozinhos minúsculos no peitinho martirizado e chora suas lágrimas de sangue, complacentes e dóceis, pedindo ao “Deusinho” que o proteja dali – tu entendes esse absurdo, meu amigo e irmão, meu dócil noviço de Deus, entendes para que serve esse absurdo e para que foi criado? [...]. Não falo do sofrimento dos adultos, estes comeram a maçã e o diabo que os carregue, e carregue a todos, mas elas, as crianças!²³.

A conversa acima é efetuada entre Ivan e Aliócha Karamázov e gira em torno do sofrimento desnecessário pelo qual passam as crianças, muitas vezes alvo de indivíduos “instruídos”. Ivan enumera uma série de casos nos quais as vítimas eram crianças, casos esses provavelmente verídicos, uma vez que Dostoiévski armazenava todas as notícias de jornais que lhe interessavam, muitas sobre crimes, e repassava tais impressões posteriormente às suas obras. A posição de Ivan Karamázov reflete a postura que muitas pessoas têm diante de situações grotescas, principalmente violentas. A fome, a miséria, a subcondição humana pela qual passam tantos seres humanos todos os dias é alvo de questionamento por parte do referido personagem, que parece estabelecer dentro de si um conflito, pois ele não descrê da existência de um deus, mas também não aceita a postura passiva do mesmo diante das mazelas sociais e da barbárie.

Não é sem motivo que o niilismo foi alvo de preocupação por parte de Dostoiévski, pois tal fenômeno é sedutor diante de situações grotescas e revoltantes. Nesse ponto, percebem-se posicionamentos opostos entre Turguêniev e Dostoiévski em torno do niilismo. Enquanto este olhava com preocupação para tal destruição, o primeiro reforçava-a e representava com bastante clareza os ideais niilistas, como se vê na carta de Dostoiévski a um amigo:

Ele (Turguêniev) disse-me pessoalmente que a ideia central, a questão principal daquele livro (*Fumo*²⁴) é esta: “Se a Rússia fosse destruída por um terremoto e desaparecesse do globo terrestre, não haveria perda alguma para a humanidade – não seria sequer notada”. Ele declarou-me que essa é a sua visão fundamental da Rússia²⁵.

²³ DOSTOIÉVSKI. *Os irmãos Karamázov*, p.335.

²⁴ Obra datada de 1867. Apesar da narrativa centrar-se em um relacionamento romântico, o debate político faz-se presente de modo bastante acentuado na referida obra.

²⁵ DOSTOIÉVSKI. *Dostoiévski: correspondências*, p.122.

Apesar de tal fenômeno ser observado por muitos com preocupação e desconfiança, para o filósofo Nietzsche o niilismo é paradoxal, uma vez que no mesmo momento em que marca a decadência e aversão pela existência, ele também é “expressão de um aumento de força, condição para um novo começo, até mesmo uma promessa”²⁶. Esta perspectiva, que será mais profundamente abordada no final dessa argumentação, aponta para o niilismo como uma perspectiva positiva, afastando-o de uma inclinação fatalista do fenômeno, algo que Nietzsche detectou com bastante precisão e cautela, pois o homem não é previsível, o que pode significar que o niilismo pode, para tal indivíduo, representar variadas coisas e não somente a destruição e o declínio.

É na modernidade que tal aspecto do niilismo se torna mais claramente delineado. É nesta época específica que, segundo Nietzsche, o homem revelará todo o desconforto e angústia resultante do aprisionamento dos instintos e das paixões humanas em nome de ideais metafísicos, processo esse iniciado, conforme o pensador alemão, na Grécia antiga, com a figura de Sócrates, e reforçada, posteriormente, através do platonismo:

Mais do que um período histórico bem recortado no tempo e abordado segundo os critérios da ciência histórica, trata-se da modernidade cultural, a qual, a despeito da interpretação orgulhosa dos homens modernos, que a consideraram uma ruptura com o mundo dos antigos, é vista por Nietzsche mais como continuação de uma história que perdura e até declina²⁷.

É conhecido por todos que a Modernidade é essencialmente interligada com a chamada Revolução Industrial, que, posteriormente, resulta no advento do Capitalismo. Nietzsche, homem de seu tempo, pensou a Modernidade sob uma ótica bastante particular, perscrutando-a de forma crítica e contundente, influenciando até mesmo o período posterior, denominado pós-modernismo, pois foi no primeiro que o referido pensador detectou a exaustão dos ídolos.

Observou-se que o niilismo é considerado por muitos estudiosos do assunto como um fenômeno intrinsecamente europeu. Como efetuar, assim posto, um diálogo entre o Brasil, e mais especificamente a obra de Machado de Assis, com um pensamento de natureza aparentemente tão particular aos europeus? Primeiramente, é preciso observar que o niilismo iniciou-se como um acontecimento de natureza política, mas não se limitou a isto, pois se espalhou para outros campos sociais, como o artístico, o social, o moral etc. Em segundo lugar, é preciso vislumbrar o niilismo sob outras esferas, ou seja, sob o momento do período

²⁶ PELBART. *O avesso do niilismo, cartografias do esgotamento*, p.93.

²⁷ DI MATTEO. *Nietzsche, pensador da modernidade*, p.121.

de modernização da sociedade, a já referida revolução industrial, na qual temos uma mudança bastante significativa de organização e concepção sociais, processo esse que também atingiu o Brasil, este que foi um dos últimos países do mundo a abolir a escravidão, o que por si só já demonstra terreno fértil para perscrutar os efeitos do niilismo atrelando-o à passagem de um sistema oligárquico, escravocrata, para uma burguesia que apesar de insípida industrialmente, ainda assim marcava o fim de um sistema que não coadunava com a mentalidade moderna de mundo e de relações de trabalho.

Machado de Assis, mais do que qualquer outro escritor, observou as mudanças políticas e sociais do país de um modo bastante particular, muitas vezes se posicionando e descrevendo tais eventos sob “a pena da galhofa”. Nada mais natural para aquele que atentou para situações tão delicadas e complexas da sociedade, observando-as através da ironia, da crítica inteligente, da comicidade, da sátira, que mesmo contendo o tom humorístico, nem por isso perde a sua credibilidade crítica e denunciante.

Por em um nível de igualdade Machado de Assis e Dostoiévski não é tarefa recente, pesquisadores como Augusto Meyer e Boris Schnaiderman já o fizeram antes. O primeiro, em 1975, apresenta um estudo comparativo entre os referidos escritores tendo por base o “homem do subterrâneo”, ou “subsolo”, identificando no romancista brasileiro o caráter sombrio dos personagens do romancista russo e, em algumas obras deste, a ironia, o tom humorístico de Machado. Segundo Meyer, o bruxo do Cosme Velho apresentaria traços de incapacidade de reação e um tédio pela vida que beiraria o pessimismo: “incapaz de reagir contra o espetáculo de sua vontade paralisada, gozando até com lucidez a própria agonia.”²⁸

Schnaiderman, por sua vez, aproxima os dois expoentes da literatura mundial em um artigo, denominado *O alienista, um conto dostoiévskiano*, no qual a questão da loucura será apresentada como uma ponte de contato significativo. Conforme se evidencia, o diálogo entre Machado de Assis e Dostoiévski efetiva-se no plano das proximidades que, superando-se em um primeiro momento as características mais evidentes de cada um e as diferenças culturais, adentra em um terreno mais profícuo e ainda pouco explorado por nossos pesquisadores, no qual o homem é sempre o objeto de pesquisa a permear tais estudos. Seja o “homem do subsolo” dostoiévskiano ou o galhofeiro Brás Cubas, o ser humano apresenta-se, através das letras, sob o olhar clínico e perscrutador destes dois nomes da literatura, cada um seguindo sua perspectiva.

²⁸ MEYER. *Machado de Assis*, p.15.

Machado, por seu turno, critica, acusa, zomba através da pena. Não é panfletário, nem partidário assumido, antes, é um estudioso do comportamento humano, tal como foram todos os grandes escritores consagrados das mais variadas épocas, que traspuseram o seu tempo, mas não o esqueceram, como é o caso de Machado no que se refere, por exemplo, à escravidão.

É inegável a questão sobre o nacionalismo em Machado. Mas sua visão sobre tal assunto não versava sob um ponto romantizado, mas em termos de autonomia, principalmente na literatura. É nesta que Machado expõe uma espécie de identidade brasileira abordando temas e problemas de caráter nacional, como a escravidão.

A passagem de um sistema escravocrata para o do trabalho remunerado não se efetuou de forma pacífica no Brasil. Houve muita resistência, o que indicava o atraso do Brasil referente a determinados assuntos e comprovando a força que as oligarquias possuíam frente a muitos assuntos. Despojado de seu controle, tal grupo cedeu lugar à burguesia, mas este é outro enfoque no qual não se deseja aprofundar, apenas observa-se que neste período de transição social significativa para o Brasil, Machado de Assis não poderia se manter ausente. Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, tem-se o claro exemplo de um personagem, Brás Cubas, que se insere perfeitamente no contexto como membro dessa oligarquia escravocrata e atrasada, esta, por sua vez, fora do sistema da ciência²⁹, em uma época na qual já se encontravam em forte compasso as ideias libertárias, evolucionistas e de progresso, cenário no qual a escravidão do homem era vista como algo repugnante e condenável.

O resultado desse contrassenso, no campo literário, especificamente no meio brasileiro, são personagens de natureza confusa, os quais esboçam indecisão, incapacidade de assimilação e prática dessas mentalidades modernas que se chocam com posturas ainda retrógradas, como se constata muitas vezes em Brás Cubas, representante de um sistema debilitado. Mas esta não é uma característica unicamente do Brasil. Na Rússia, semelhante processo também se desenvolveu, como explicita Schwarz:

Na exacerbação deste confronto, em que o progresso é uma desgraça e o atraso uma vergonha, está uma das raízes profundas da literatura russa. Sem forçar em demasia uma comparação desigual, há em Machado [...] um veio semelhante, algo de Gógol, Dostoiévski, Gontcharov, Tchekov – e de outros talvez, que não conheço.³⁰

O homem, que vigora no mundo, em muitos casos defronta-se com situações que o oprimem, que exigem de si um posicionamento, uma postura, uma reflexão mais aguda e, por vezes, dolorosa. A coexistência social é permeada de ditames e, não raro, choca-se com aquilo

²⁹ Cf. SCHWARZ. *Ao vencedor as batatas*, p.11.

³⁰ Cf. SCHWARZ. *Ao vencedor as batatas*, p. 28.

que, particularmente, deseja-se, busca-se, seja por quais motivos forem. A sociedade, entretanto, impõe seus valores e regras e diz como o homem deve comportar-se, como agir, falar, vestir-se, em que e no que acreditar. Muitas concepções, criações de seu tempo, não encontram eco em épocas posteriores. O conflito, nesse caso, é inevitável. A mudança de paradigmas, de ideologias, de concepções, sejam políticas, filosóficas ou de outra natureza, geram no espírito humano daquele que se vê no cerne de tais mudanças, contradições que, dependendo do seu direcionamento, podem gerar diversas consequências, das mais belas até as mais destrutivas, seja para si ou para os outros. O homem que pensa seu tempo, como Machado de Assis, que se encontrou no meio de radicais mudanças no Brasil, foi um destes visionários que detectou diversas incongruências entre o passado, o presente e a expectativa quanto ao futuro. Este trabalho visa também apontar tal visão através de *Memórias Póstumas*, considerada sua maior obra, fazendo-a dialogar com outras, mais especificamente no que se refere ao escritor russo Fiódor Dostoiévski, que, como precisamente apontou Schwarz acima, também passou por processo semelhante na Rússia.

Entretanto, esta argumentação não seguirá por uma vertente sociológica ou antropológica, abordando os mais diversos âmbitos que tal debate entre progresso, ou possibilidade de progresso, e atraso, pode suscitar. O foco convergirá basicamente para os efeitos de tal conflito sobre o espírito humano, mais precisamente no que diz respeito ao niilismo e seus efeitos, estabelecendo um estudo comparativo enfocando literatura e filosofia, bem como acionando Dostoiévski para dialogar com Machado.

A escravidão no Brasil, por exemplo, inseriu no homem brasileiro determinadas percepções que, no avanço científico e político, em sua maior parte, mostraram-se errôneas e insustentáveis. O que pensar agora, diante da afirmação de que o outro, antes escravo, é também um homem, detentor de direitos? À Igreja Católica, que tanto auxiliou na difusão da mentalidade do homem negro como ser inferior, qual seria a sua postura de ratificação dessas premissas desqualificadoras do outro? Pode-se apontar para a justificativa de que tudo foi resultado de um processo social “natural”, mas tal pensamento não dá conta do conflito do homem consigo mesmo, naquilo que acreditava e que, de um momento para outro, afirmam não ser válido. O conflito daquilo que acreditava ser verdadeiro com uma nova mentalidade desqualificadora do passado gera, inevitavelmente, conflitos, internos ou externos ao homem.

Assim, Brás Cubas representa esse homem que tenta, com pouco afinco, assimilar as novas ideias, mas sem sucesso. Sua postura, niilista, não no sentido tradicional de negação aberta dos valores, pode ser definida como tal no plano da injunção entre aquilo que deve ser feito, ou aceito, e os próprios valores de cada um, das suas aptidões, inclinações e paixões.

Em diversos casos, as leis da sociedade tornam-se uma espécie de entrave para o indivíduo que, para seguir em suas inclinações, deve suprimi-las, tal como ocorreu com Brás e Virgília: “Agora, que todas as leis sociais no-lo impediam, agora é que nos amávamos deveras.”³¹

Mas para se falar em niilismo é preciso percorrer determinadas questões. Dentre elas, a da liberdade. Rousseau fala em liberdade como um exercício de abstenção de determinadas particularidades em nome de um coletivo. Kant, por sua vez, atrelou liberdade à ética, associando o comportamento humano a parâmetros que devem ser seguidos no meio social, tal como um guia de comportamento a ser seguido.

O conceito de liberdade versa sobre, basicamente, três pontos:

1º Liberdade como autodeterminação ou autocausalidade, segundo a qual a L. é a ausência de condições e limites; 2º L. como necessidade, que se baseia no mesmo conceito precedente, a autodeterminação, mas atribuindo-a à totalidade a que o homem pertence (Mundo, Substância, Estado); 3º L. como possibilidade ou escolha, segundo a qual a L. é limitada e condicionada, isto é, finita.³²

Desde o surgimento da filosofia que a questão da liberdade tem sido debatida nos mais diversos vieses e perspectivas. Para os gregos antigos, a liberdade (*autarkéia* em grego) estava associada a um autodomínio de si, ou seja, o homem livre era senhor das suas ações, sendo a liberdade, portanto, considerada uma virtude. Tal condição era oposta a do escravo, desprovido da auto governabilidade. No séc. XVII, Descartes associa a liberdade ao livre-arbítrio, repassando ao homem a responsabilidade por suas ações. Neste ponto, percebe-se que tal concepção encontra-se interligada com a visão cristã de liberdade, ao afirmar ser o homem responsável pelas suas atitudes, arcando, dessa forma, com os rigores da punição sobre pecados cometidos, ou seja, a transgressão dos valores e dogmas estipulados no idealismo cristão. Nesse aspecto, pode-se tentar vislumbrar uma perspectiva de autonomia para o homem: este é supostamente livre para agir da forma que mais lhe aprouver, mas sabendo que tal ação autônoma requer responsabilidade. Por esse prisma, o homem agiria ou transgrediria determinadas leis ou posturas por sua própria iniciativa.

Em uma vertente contrária, Schopenhauer afirma, em *Sobre a liberdade da Vontade*³³, que o livre-arbítrio não existe, o que não significa conceber a inexistência absoluta da liberdade no pensamento do referido filósofo, mas tal conceito estaria atrelado a três

³¹ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, LVII, p.241.

³² ABBAGNANO, *Dicionário de filosofia*, p.606.

³³ Edição utilizada na referência ao texto: SCHOPENHAUER. *Los dos problemas fundamentales de la ética*. Trad. Pilar López de Santa Maria. 1 ed. Madrid: Siglo XXI, 1993.

concepções: a física, a intelectual e a da vontade³⁴. A primeira versa sobre a ausência de obstáculos materiais, ou seja, as paredes da prisão impedem que o detento seja considerado um indivíduo livre. A liberdade intelectual efetua-se pela impossibilidade de bloqueios por meio do intelecto no que se refere às ações, adentrando-se nesse contexto o aspecto da Vontade.

Enquanto em Nietzsche, a vontade é determinada por aspectos orgânicos, que muitas vezes estão associados às inclinações fisiológicas, a vontade pela perspectiva da multiplicidade e vontade expansão, Schopenhauer, ainda imiscuído pelo viés metafísico, mas já refletindo acerca da importância de determinados aspectos ligados a concepção de vontade, delimita a mesma enquanto cega, insaciável.

No quarto capítulo da citada obra *Do mundo como vontade e como representação*, o filósofo aponta para uma perspectiva de tom pessimista ou, mais ainda, niilista, uma vez que é nesta parte que será apresentada a possibilidade de atenuação da dor existencial, provocada pela vontade, através do asceticismo, que, por sua vez, conduz a um Nada, pelo pressuposto de que a felicidade não é duradoura:

Que toda felicidade é de natureza negativa, não positiva, e que justamente por isso não pode haver satisfação e nem contentamento duradouros (...). Tudo o que essa consideração pretendia deixar claro, a saber, a impossibilidade de alcance da satisfação duradoura, bem como a negatividade de qualquer estado feliz, encontra sua explanação no que foi mostrado na conclusão do segundo livro, ou seja, que a Vontade, cuja objetivação é tanto a vida humana quanto qualquer outro fenômeno, é um esforço sem alvo e interminável. Essa marca da ausência de fim está impressa em cada parte de todos os fenômenos da Vontade, desde sua forma mais universal, tempo e espaço infindos, até o mais acabado de todos eles, a vida e a labuta do homem.³⁵

O homem, conforme a visão schopenhauriana, caminha para lugar nenhum. Ao traçar um percurso à felicidade, deve ter em mente precipuamente que esta, se existir, é passageira, pois recobre apenas um instante da vida do indivíduo. Os esforços diários de nada valem, a vida é um sofrimento que tem na morte o derradeiro destino, temido e evitado durante a existência do homem, mas que dela não pode fugir³⁶. A existência é dor porque a vontade não

³⁴ Jair Barbosa utiliza, na tradução das obras de Schopenhauer para o português, o “V” maiúsculo para referir-se à Vontade como a coisa-em-si. O “v” minúsculo remete à vontade de cada homem em particular, recurso este que será adotado no presente trabalho.

³⁵ SCHOPENHAUER. *O mundo como vontade e como representação*, p. 412-413.

³⁶ “A vida da maioria das pessoas é tão-somente uma luta constante por essa existência mesma, com certeza de ao fim serem derrotadas. O que as faz, por tanto tempo, travar essa árdua luta não é tanto amor à vida, mas sim temor à morte, que, todavia, coloca-se irremediável no pano de fundo, e a cada instante ameaça entrar em cena. – A vida mesma é um mar cheio de escolhos e arrecifes, evitados pelo homem com grande precaução e cuidado, embora saiba que, por mais que seu empenho e arte o leve a se desviar com sucesso deles, ainda assim, a cada avanço, aproxima-se do total, inevitável, irremediável naufrágio, sim, até mesmo navega direto para ele, ou seja,

cessa, por que o homem não se sacia e um desejo saciado é prontamente substituído por outro, até o fim da vida. Dessa forma, conforme o pensamento de Schopenhauer, o homem não é livre de modo absoluto, pois está preso a alguma coisa que almeja, seja emprego, dinheiro, *status* social, bens, amor, ou qualquer outro fator ou condição que o faça acreditar encontrar-se em uma posição superior aos demais.

O fato de todo esse esforço conduzir ao Nada é outra constatação de que a vigência passageira do homem no mundo é, conforme Schopenhauer, de valor nulo. O mundo como vontade e representação é o nada, mas é preciso observar que este nada é diferente do termo niilismo, ainda a ser trabalhado mais detalhadamente neste trabalho. O nada tem sido um objeto de estudo por parte da filosofia desde os pré-socráticos. Alguns o designam como o não-ser, ou seja, aquilo que não pode ser conhecido, que não se revela ao entendimento e à razão humana, pois esse não-ser não é. Outros concebem o nada como a negação de um determinado ser, que não possui movimento. Nesse âmbito, percebe-se que tal questão afasta-se essencialmente do que vem a ser o niilismo, uma vez que o nada, mesmo que compreendido nas duas acepções acima, refere-se a um aspecto diverso, pois o nada é compreendido no primeiro caso como uma espécie de estado inverso ao do ente, que é e está posto no mundo. O niilismo, como já visto, refere-se a uma descrença nos valores, uma perda de referências em relação ao mundo e às coisas, o que nos permite abordá-lo mais como uma negação de valores que até então vigoravam na sociedade como absolutos.

E por valores absolutos, compreendem-se em sua maior parte, aqueles que se referem aos traços marcantes da sociedade, principalmente os de natureza metafísica, como os que distinguem a existência do homem entre terreno e suprasensível, fábula religiosa que marcou de forma até então inquestionável uma parte considerável da história humana, mas que na modernidade encontrou a sua decadência, decorrente da impossibilidade de sustentação de valores que não encontram mais vazão para muitos, pois não respondem, e nunca responderam, às questões mais cruciais do homem. O ideal de paraíso não conforta, a invenção de um inferno mais amedronta do que acalma e espiritualiza. O homem se viu impelido a seguir, por muito tempo, dogmas que mais visam controlá-lo do que aproximá-lo de uma autêntica experiência religiosa no sentido de contato com o sagrado.

A filosofia teve papel significativo nesse processo de desvalorização do mundo e do corpo em nome de um ideal que marcou o pensamento da sociedade nos mais diversos âmbitos:

para a MORTE. Esta é o destino final da custosa viagem e, para ele, pior que todos os escolhos que evitou”. SCHOPENHAUER. 2005, p.403.

Traço essencial de nossa cultura, o dualismo de mundos foi invenção do pensar metafísico e fabulação da religião cristã. Com Sócrates, teve início a ruptura da unidade entre *physis* e *logos* – a filosofia converteu-se, antes de mais nada, em antropologia [...]. Desvalorizando este mundo em nome de um outro, essencial, imutável e eterno, a cultura socrático-judáico-cristã é niilista desde a base.³⁷

Scarlett Marton, uma das principais estudiosas da filosofia de Nietzsche no Brasil, faz uma interessante afirmação ao apontar a cultura vigente como niilista, pois conforme esta concepção, todo aquele que segue os preceitos dessa cultura é, de algum modo, niilista. A cultura socrático-judaico-cristã baseia-se em alicerces que já se apresentam como niilistas, pois desvalorizaram o mundo e o corpo, situando-os em um patamar de inferioridade em relação ao além e a alma. Entretanto, para alguns autores, niilista é o homem que se volta contra esses mesmos valores, renegando-os. Assim posto, pode-se falar em diferentes tipos de niilismo, o que não será objeto de problematização profunda no presente texto, uma vez que as distinções entre os tipos de niilismo serão baseadas no pensamento do filósofo Nietzsche, como se verá mais adiante.³⁸

A crença em alma, éden, Deus, anjos, imortalidade, demônios, amor ao próximo, dentre outros aspectos, fazem parte da mitologia cristã que norteia um padrão de comportamento que deve ser seguida e que não pode ser transgredido sob pena de punição. Contudo, o espírito humano indócil, mediante as mais diversas imposições, sempre encontrou formas, explícitas ou não, de transgredi-las, uma vez que a natureza humana e seus impulsos quase sempre não podem ser refreados por dogmas impositivos, o que pode acarretar na deformação do homem e seu respectivo adoecimento.

A questão, portanto, não é a crítica pela crítica a certas imposições religiosas, mas observar como a questão do sagrado tornou-se um mecanismo de controle e alienação do homem e, por vezes, forma de enriquecimento pessoal, o que se afasta em muito das concepções de sacralidade dos povos antigos, como os indígenas brasileiros, para os quais não há sagrado ou profano, mas algo comunitário.³⁹

A crítica ao posicionamento muitas vezes superficial e oportunista de determinados segmentos religiosos é efetuada por muitos filósofos, como Friedrich Nietzsche, que observou na morte de Deus não um acontecimento qualquer, mas, sobretudo aquele que marca a modernidade de modo irreversível. O homem moderno, produto dessa divina morte, conforme

³⁷ MARTON, *Extravagâncias, ensaios sobre a filosofia de Nietzsche*, p.71.

³⁸ Nietzsche aponta para, pelo menos, dois tipos de niilismo: o passivo e o ativo.

³⁹ “Para os índios são os mitos que contêm a verdadeira história do mundo. [...] Cerimônias, festas, rezas, cantos, proibições, regras de comportamento – tudo aquilo que faz parte do que costumamos chamar de religião – têm como chão um corpo mítico, inerente ao cotidiano, sem nítida distinção entre o sagrado e o profano, familiar para todos, embora os pajés detenham um conhecimento mais profundo e a prerrogativa das viagens místicas”. MINDLIN, 2009, p.203.

ficará evidente mais adiante, é alvo de Machado de Assis em diversas obras. O abandono do sagrado pode ser observado em Bento Santiago, ou Bentinho, de *Dom Casmurro*, personagem esta que melhor apresenta a dicotomia entre sagrado e profano, ou sagrado e o dessacralizado, oscilando entre a crença e a dúvida, a fé absoluta e a relatividade.

Em *Memórias Póstumas* é que Machado apresenta a questão da religiosidade e do sagrado em um patamar menos evidente e por isso mesmo mais labiríntico, uma vez que associa tal debate a outros assuntos, como o problema de classes, a ideologia escravocrata, a passagem de uma realidade agrária para outra moderna⁴⁰. Virgília, neste aspecto religioso, é um claro exemplo do caráter flácido de uma postura religiosa que se faz presente em muitas personagens machadianas:

Virgília era um pouco religiosa. Não ouvia missa aos domingos, é verdade, e creio que só ia às igrejas em dia de festa, e quando havia lugar vago em alguma tribuna. Mas rezava com fervor, ou, pelo menos, com sono [...]. Algum tempo desconfieei que havia nela certo vexame de crer, e que a sua religião era uma espécie de camisa de flanela.⁴¹

Brás Cubas representa, de certo modo, o homem niilista sob a ótica machadiana. Sua vida converge para caminhos nos quais os valores morais são postos de lado. E o resultado disso é uma ausência de arrependimento, certa lassidão diante do fim de suas aventuras, jamais acompanhadas de reflexões que o coloquem como culpado ou responsável, como no seu caso adúltero com Virgília: “Brás Cubas fere os tabus matrimoniais, levado por determinações do mundo, sem vigilância moral e sem cuidados religiosos”.⁴² O adultério, uma dentre tantas transgressões cometidas por Brás⁴³, situam-no no contexto niilista.

Esta particularidade das classes dominantes referentes à religião no Brasil demonstra uma postura de negligência à crença religiosa que ainda nos dias atuais se mantém através de termos como “cristão não praticante”, ou seja, aquele indivíduo que diz acreditar em determinada religião, no caso o cristianismo, mas que se ausenta das obrigações religiosas propriamente ditas referentes a tal prática, como a omissão nas celebrações e não participação em cerimônias. Sobre a sociedade especificamente elitista da época machadiana, Facioli apresenta uma significativa explicação:

⁴⁰ Segundo Versiani, desde 1870 o Brasil já importava maquinário para a produção de tecidos de algodão.

⁴¹ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, LVII, p.242.

⁴² FAORO. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*, p. 443.

⁴³ No que se refere à amizade, Brás Cubas também demonstra descaso e desfarçatez para com o amigo Lobos Neves, o marido traído, ao confortá-lo quando este demonstra cansaço para com a vida política: “E a confiança não parava aí. De fresta que era, chegou a porta escancarada. Um dia confessou-me (Lobo Neves) que trazia uma triste carcoma na existência; faltava-lhe a glória pública. Animei-o; disse-lhe muitas coisas bonitas, que ele ouviu com aquela unção religiosa de um desejo que não quer acabar de morrer”. MACHADO. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, LVIII, p.242.

Machado em toda sua obra analisa e expressa uma quase infinita variedade de situações e tensões da religiosidade presentes no povo; encena também o uso e abuso que certas figuras das classes dominantes fazem da religião e da crença; confirma assim uma conclusão conhecida de inúmeros estudiosos de que as elites brasileiras não eram propriamente religiosas, senão que espertamente utilizavam o catolicismo oficial em proveito próprio e na sustentação da ordem imperial-escravista.⁴⁴

Assim posto, nota-se que as classes dominantes estavam mais voltadas para atividades de ordem social, do que propriamente para a espiritualidade. Considerando-se que na história da civilização o poder sempre foi uma força sedutora sobre o homem e que aquele foi conquistado, em muitos casos, através da força, da violência e da exploração, os senhores escravocratas também possuíam forte influência sobre a visão cristã no que diz respeito à questão da escravidão, ambos os segmentos coadunados em uníssono para a justificativa e manutenção da última.

Associando-se tal postura, ou seja, a ostentação da postura religiosa meramente ornamentaria, ao niilismo, tem-se um cenário fértil e propício para um espírito inquiridor como o de Machado de Assis que, inegavelmente, foi um dos primeiros a pensar sobre tal temática, principalmente nas suas crônicas. Muitas vezes interpretado equivocadamente como meramente pessimista, Machado vai além da simplória visão negativa sobre a vida: debruça-se sobre o homem e seus enigmas. Entre autor e obra e a relação que se estabelece entre ambos, sob o olhar intrigado do leitor, por vezes se colocam arrolamentos que são indissociáveis. Contudo, chama a atenção o diálogo entre autor e obra, o qual não se sustenta no ideal de genialidade do escritor, tal como explica Foucault, e sim no “*alter ego* cuja distância em relação ao escritor pode ser maior ou menor e variar ao longo mesmo da obra”⁴⁵. O escritor, o autor, o artista, o filósofo, é produto de uma série de características que se apresentam na sua vida social, cultural, geográfica, temporal, histórica etc. Machado de Assis não é exceção. Através da literatura e, com certa ênfase, da crônica jornalística, criticou valores, costumes e aparências:

Essa linguagem (a jornalística) ele conheceu nos seus efeitos últimos, como qualquer leitor assíduo de jornais, e ele foi um; mas sobretudo viu-a nascer, acompanhou as circunstâncias de sua implantação nas redações de jornais em que trabalhou. Compreende-se, portanto, que não lhe escaparia esse gênero de linguagem, que ademais da inautenticidade expressiva trazia consigo ou denunciava a inautenticidade moral: a imprensa, em vez de cumprir a tarefa de formar opinião, limitava-se à prática do embuste. Preocupado com problemas de expressão, o escritor descobre-lhes as implicações éticas, diagnosticando uma efemeridade moral pelos sintomas que o estilo deixa entrever.⁴⁶

⁴⁴ FACIOLI. *Um defunto estrambótico: análise e interpretação das Memórias Póstumas de Brás Cubas*, p.28.

⁴⁵ FOUCAULT. *O que é um autor?*, p. 279.

⁴⁶ SOARES, M. N. L. *Machado de Assis e a análise da expressão*, p.40.

A problemática da moral, como expõe Soares, é expressiva para Machado. Não se pode negar que, em certo aspecto, Brás Cubas apresenta uma forte inclinação sensualista que se manifesta em *Memórias Póstumas* desde a sua passagem da infância para a pré-adolescência, orientado pelo tio João, indivíduo lascivo e que gostava de “palestrar com as escravas”:

Vimos os pais; vejamos os tios. Um deles, o João, era um homem de língua solta, vida galante, conversa picaresca. Desde os onze anos entrou a admitir-me às anedotas reais ou não, eivadas todas de obscenidade ou imundice. Não me respeitava a adolescência, como não respeitava a batina do irmão; com a diferença que este fugia logo que ele enveredava por assunto escabroso. Eu não; deixava-me estar, sem entender nada, a princípio, depois entendendo, e enfim achando-lhe graça.⁴⁷

A luxúria de Brás é evidente no decorrer da obra. O rapaz demonstra a lascívia que o conduz à transgressão de valores sociais e à corrupção, não de si, mas de outras personagens, como D. Plácida, que abre mão da sua dignidade em nome dos agrados pecuniários de Brás, pois ele necessitava de uma alcoviteira para os seus encontros amorosos com Virgília. Amores estes que, conforme Rodrigues, consumiram a vida de Brás e, após a sua morte, restaram-lhe enquanto recordações amarguradas da superficialidade das relações que manteve e que em nada acrescentaram à sua existência.⁴⁸

A “flor” Brás Cuba nasceu, portanto, em um seio familiar que o próprio denominou de “vulgaridade de caracteres, amor das aparências rutilantes, do arruído, frouxidão da vontade, domínio do capricho, e o mais”.⁴⁹ Terra e estrume composta pelo pai negligente com as atitudes condenáveis do filho, que perpassam a agressão às escravas, denuncia de amores clandestinos; a mãe apática, resignada diante dos desmandos do marido; o outro tio, cônego, portador de um “espírito medíocre”⁵⁰, cuja única ambição na vida era o título de cônego; uma tia autoritária, mas que não viveu muito.

Em todas essas personagens, como enumera acima o próprio Brás, pairam os valores questionáveis se comparados aos comportamentos sociais tradicionalmente aceitos: a falsa aparência, o sensualismo, a ambição exacerbada ou, em contrapartida, a rasteira, a resignação.

⁴⁷ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, XI, p. 192.

⁴⁸ “A alma de Brás Cubas apresenta uma reconta de efêmeros gozos sensuais, de prazeres fugazes, nos quais ele resumiu sua vida; além de desfiar um discreto rosário de amarguras em razão das experiências vividas e de lembranças penosas das situações desfrutadas. Há, em seu depoimento, uma saudosa recordação desses deleites, que adquirem um novo sentido quando a morte lhe corroe as vestes da matéria e lhe relegou apenas a imaterialidade do passado por meio das memórias. Na verdade, sua confissão é uma tentativa vã de trazer de volta a experiência sensual que marcou sua passagem pela terra”. (RODRIGUES. *Machado de Assis, personagens e destinos*, p.131).

⁴⁹ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, XI, p. 193.

⁵⁰ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, XI, p. 192.

Brás Cubas, produto de tal família, é também resultado do seu tempo. As tensões e contradições em um país que se quer moderno sem abandonar a escravidão marca não apenas o tom da sociedade da época, mas também a percepção aguda de um escritor de tamanha visão de mundo como Machado de Assis. Se por um lado o niilismo é “criação” europeia, por outro, sua emancipação do antigo mundo e sua presentificação no novo mundo é um claro exemplo de que a contradição humana e seus conflitos interiores são uma constante em qualquer lugar ou época.

O querer ser e o ter norteiam a existência humana, criando um cenário mais do que propício para as subversões, ou tentativas, de normas e regras em nome de satisfações particulares, algo em certo sentido natural, se o pensamento cristão, subvertendo a percepção de bom ou ruim, não tivesse inventado o pecado e o inferno.

Nesse sentido, o niilismo se apresenta como espelho da alma humana, pois evidencia a perspectiva de que certos valores são pesados demais para serem carregados pelo homem, e aqui utilizamos a metáfora do camelo apresentada por Nietzsche em *Assim falou Zaratustra*.

⁵¹ Os impulsos e desejos, em uma tentativa quase sempre frustrada de supressão em nome de um ideal ascético, são o resultado antinatural de um mecanismo de coerção que significa o sacrifício da liberdade e da individualidade. A religião, visualizada principalmente na figura

⁵¹ Em *Assim falou Zaratustra*, Nietzsche põe em destaque que o espírito humano, na passagem do último homem para o além do homem precisa passar por três transformações, a do camelo, a do leão e, por fim, a da criança. Tais metamorfoses também funcionam como uma crítica de Nietzsche ao tradicionalismo filosófico, mais propriamente dito a partir de Sócrates e Platão, por isso, nesse sentido, a simbologia da criança como um retorno às questões primordiais sem a dicotomia entre mundo físico e mundo espiritual. A primeira metamorfose é apresentada por Zaratustra como a fase inicial do espírito humano que nada questiona, nada critica, aceitando todos os dogmas e preceitos sobre si sem qualquer tipo de inconformismo: “Há muitas coisas pesadas para o espírito, para o forte, resistente espírito em que habita a reverência: sua força requer o pesado, o mais pesado. O que é pesado? Assim pergunta o espírito resistente e se ajoelha, como um camelo, e quer ser bem carregado. (...) Todas essas coisas mais que pesadas o espírito resistente toma sobre si: semelhante ao camelo que ruma carregado para o deserto, assim ruma ele para o deserto” (NIETZSCHE, *Assim falou Zaratustra*, p. 27-28). Contudo, é posto sobre o camelo um peso demasiado exaustivo para si, o que nos remete à incapacidade, por vezes, do homem em suportar os mais variados ditames e regras que tentam anular seus impulsos mais primordiais e instintivos. A partir do cristianismo, principalmente, muitas características humanas viraram pecados: a alimentação, o sexo, o sentimento de rebeldia, dentre outras. O ato de ajoelhar-se para receber o fardo dos valores e imposições é bastante significativo, pois este é um gesto que muitas vezes está associado a uma ação de resignação, submissão, impotência e veneração. No último caso é também possível estabelecer uma relação mais direta com a imagem composta por Zaratustra pois o camelo será carregado de valores que muitas vezes são aceitos de bom grado, sem qualquer análise profunda. É de conhecimento geral que os valores são culturais, repassados, em sua grande parte, de geração para geração, ou seja, são aceitos por imposição social. A imagem do deserto também é expressiva, pois o mesmo refere-se ao que é amplo, desabitado e hostil. O homem está só no mundo, a morte de Deus, negada ou não, apresenta ao homem a evidência de que sua existência é solitária e que na concepção ideológica, extensa e variada, existem as mais variadas formas de doutrinação do homem, desde sua infância até o derradeiro momento da sua existência. A todo momento é imposto um novo valor ou são reafirmados antigos valores, e os meios para tantos são diversos, perpassam por simples propagandas de televisão chegando até a dogmas religiosos. A fase do camelo está, também, interligada com a questão do niilismo, pois aceitando determinados preceitos, como o da imortalidade da alma, tomamos como ponto de comparação o corpo, perecível e impuro, como concebem determinadas concepções cristãs.

sacerdotal, estabelece padrões que, ilusoriamente, estabelecem uma suposta liberdade de escolha ao indivíduo, este que, psicologicamente, aceitará tais leis e regras não por livre vontade, mas por um temor quase inconsciente do castigo.

A análise nietzschiana das noções de liberdade, pecado, culpa, responsabilidade etc. permite detectar por trás do “tu és livre”, “tu és autônomo”, os direitos sacerdotais. Quando o padre afirma: “A tua vontade escolhe”, “Tu és autônomo para pecar ou não pecar”, devemos decodificar as suas verdadeiras intenções de mando que poderiam traduzir-se como “Tu deves acatar as minhas ordens”, “Tu deves aceitar as minhas normas, caso contrário serás castigado”. Estamos diante de “artimanhas” teológicas que empregam conceitos abstratos - Deus, dever, vontade, redenção – no intuito de impor concretos instintos de dominação. Na doutrina do livre arbítrio operam conceitos - vontade, consciência – que falseiam nitidamente a psicologia do homem, visando exclusivamente estabelecer as normas de moral.⁵²

A perda da liberdade, desse modo, está também associada à opressão, consciente ou não, que o indivíduo sofre em meio social, cujos padrões impostos devem ser seguidos em nome de uma ordem repressora, o que não raro conduz a uma atitude niilista, pois niilismo não significa apenas uma atitude negativa, mas também uma forma de resistência, de efetiva libertação.

Da modernidade aos dias atuais, o niilismo tem se configurado como um fenômeno social que se personifica através das mais diversas atitudes: uma fraude, um ato de corrupção, o assassinato cometido por um latrocida, o questionamento para com certos padrões, o desrespeito com determinados segmentos sociais, tais ações configuram, em maior ou menor grau, uma postura niilista. O homem moderno é um descrente, efetivo ou em potencial. Não é algo que se pode delimitar com clareza, pois uma determinada pessoa pode negar a existência de um deus, mas acreditar na bondade humana, por exemplo. Não é sem motivos que o debate sobre o niilismo é complexo e em muitos casos mais suscita questões do que apresenta respostas. O desencanto com a vida, com o mundo, o desapego, a nulidade da existência em todos os seus planos, este é o protótipo do niilista que mais chama a atenção e que provoca diversificados debates, uma vez que nem deuses, nem a técnica permitiram ao homem encontrar alívio para seus tormentos existenciais mais primordiais.

Entretanto, ao criar seus próprios valores, Brás Cubas rompe com essa tendência social de padronização do indivíduo. Não se pode negar que a sua postura, no decorrer das *Memórias*, é compreendida sob os adjetivos mais negativos possíveis, contudo, tal comportamento pode ser entendido também como um desejo de viver, mesmo que isso signifique transgredir, corromper, estabelecer seus próprios valores. Sobre tal questão, observa Volpi:

⁵² BARRENECHEA. *Nietzsche e a liberdade*, p.42.

O desencanto do mundo erodiu as referências tradicionais – os mitos, os deuses, as transcendências, os valores. A racionalização técnico-científica tornou impossível assumir opções definitivas, em nível unicamente racional. O resultado é o politeísmo dos valores e a isostenia das decisões, a obtusidade das prescrições e a inutilidade das proibições. No mundo governado pela ciência e pela técnica, a eficácia dos imperativos morais lembra os freios de bicicleta usados em avião a jato.⁵³

Sobre Brás, vejamos alguns trechos de *Memórias* que apresentam o seu caráter independente e transgressor, cujos próprios valores evidenciam-se sob os demais:

Esconder os chapéus das visitas, deitar rabos de papel a pessoas graves, puxar pelo rabicho das cabeleiras, dar beliscões nos braços das matronas, e outras façanhas deste jaez, eram mostras de um espírito indócil, mas devo crer que eram também expressões de um espírito robusto.⁵⁴

Tais observações, é preciso entrever, são feitas por Brás defunto, ou seja, sua compreensão acerca de suas atitudes infantis é dissociada de uma má criação ou falta de educação, e apontada como pertencente a um espírito naturalmente irrequieto, impaciente e transgressor. No mesmo capítulo, Brás continua sua exposição moral de si: “Não se conclua daqui que eu levasse o resto da minha vida a quebrar a cabeça dos outros nem a esconder-lhes os chapéus; mas opiniático, egoísta e algo contempor dos homens, isso fui” . Tal ressalva, mais condizente com sua personalidade, demonstra que Brás parecia não coadunar com os valores vigentes e nem com seus semelhantes.

Na modernidade, o homem arrefeceu ou suprimiu a sua crença em uma entidade superior e, por conseguinte, desestruturou o mundo quimérico que até então havia criado por influências diversas e externas, gerando conflitos que convergem principalmente para o campo moral. Em *Memórias Póstumas*, tal premissa impõe-se constantemente no decorrer da narrativa, compondo um cenário no qual o ser humano atua das mais diferentes formas, atendendo as mais diversas exigências existenciais. Nietzsche, em *Gaia Ciência*, sintetiza tal debate:

Para onde vamos nós mesmos? Para longe de todos os sóis? Não estamos incessantemente a cair? Para adiante, para trás, para os lados, em todas as direções? Haverá ainda um “em cima” e um “embaixo”? Não estamos errando através de um vazio infinito? Não sentimos na face o sopro do vazio? Não se tornou ele mais frio? Não anoitece eternamente? Não será preciso acender os candeeiros logo de manhã? Não ouvimos ainda o barulho dos coveiros que enterram Deus? Ainda não sentimos o cheiro da decomposição divina?... Os deuses também apodrecem! Deus morreu! Deus continua morto! E nós o matamos! Como havemos de nos consolar, nós, assassinos entre assassinos!⁵⁵

⁵³ VOLPI. *Nihilismo*, p.139.

⁵⁴ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, XI, p.190.

⁵⁵ NIETZSCHE. *Gaia ciência*, §125, p.116

O fim dos valores marca a modernidade e os seus mais diversos aspectos. Machado, com suas obras pós-românticas, assinala um realismo que se nutre do solo social, sorvendo os conflitos humanos como nenhum outro escritor brasileiro o fez. Mas é preciso observar que o homem não pode viver em pleno estado de niilismo. Se determinadas concepções foram suprimidas ou desrespeitadas, novas surgirão, em um processo natural que não cessa. Brás, como já argumentado, expressa essa postura de questionamento, inadequação e criação.

1.2. Brás Cubas: um niilista singular

Em 1958, Octavio Brandão escreveu um interessante e, de modo geral, questionável livro intitulado *O niilista Machado de Assis*, no qual faz uma brutal crítica ao homem e ao escritor Joaquim Maria Machado de Assis, dentre as quais, acusa-o de “médio-burguês” que “só viu parasitas”, que passou de um “romantismo decadente” para um “realismo passivo, contemplativo, pessimista e niilista”. Estas e outras censuras mais apontam para uma acusação que o escritor carioca recebeu durante toda a sua vida e também após esta, a saber, de que suas obras, tanto as da denominada fase romântica quanto os textos da fase realista, situam-se no campo do ceticismo, da não tomada de posicionamento perante as grandes questões que assaltavam o Brasil da época machadiana, como a escravidão.

Há, de fato, nas obras de Machado de Assis, tanto na poesia quanto na prosa, uma forte presença do niilismo, mas é preciso observar que a questão do niilismo não é escolha, não se busca ser niilista, não se estende a bandeira niilista tal qual se faz com um símbolo patriótico. Se Machado possuiu de fato tal postura niilista, nada mais natural, pois um intelectual com uma visão crítica da sociedade não pode ignorar que determinados assuntos e tendências, sejam sociais ou religiosas, estão em descompasso com o homem. Desse modo, o mais evidente é a denúncia, mesmo que seja em tom de zombaria, como muitas vezes Machado efetuou em suas crônicas.

Acrescente-se a isso que o niilismo é antes de tudo um sintoma, fruto de concepções políticas, filosóficas, culturais, religiosas, interpretativas e impositivas no decorrer da história do homem. Ser um niilista, se é que é possível efetuar tal enunciado como uma forma de escolha do homem, implica em debates mais profundos e dolorosos do que simplesmente não questionar um determinado aspecto presente na sociedade, uma vez que, no niilismo, há uma

supressão de todos os valores, incluindo-se aí os liberais, monarquistas, comunistas, dentre outros.

É claro que em uma situação extrema como a do niilismo tudo é mais complexo, abissal e enigmático, pois se está falando em desfazer ídolos, formas e percepções de ver e compreender o mundo, crenças, ideologias, forças, sejam quais forem, que faz com que o indivíduo levante todos os dias e faça isto, e não aquilo, que trabalhe de tal modo e constitua sua família seguindo este ou aquele padrão, que ame, odeie, destrua.

Tudo é vão, todo esforço mostra-se inútil, o Destino, que pode ser aqui interpretado sobre inúmeras formas, ou seja, Estado, Igreja, economia, enfermidades, morte etc., parecem demonstrar que o homem não tem controle sobre sua vida, que já não é mais vida, como diria Pelbart (2013, p.26), mas uma espécie de sobrevivência. E por que tal sensação de nulidade, por que essa volúpia pelo Nada, na qual o homem parece estar preso e em constante condição de inanição? O próprio escritor, na sua relação com a escrita, encontra-se inicialmente imerso no nada da folha, o espaço vazio que, conforme Blanchot, pode também ser relacionado à morte.

É nisso que podemos dizer que existe ser, porque existe o nada: a morte é a possibilidade do homem, é a sua chance, é por ela que nos resta o futuro de um mundo realizado; a morte é a maior esperança dos homens, sua única esperança de serem homens. ⁵⁶

Segundo Blanchot, o homem encontra na morte a possibilidade de nomear-se homem, uma vez que a linguagem o auxiliaria em tal tarefa, e não apenas no que se refere a si mesmo, mas também às demais coisas. Nesse sentido, a linguagem efetua-se com base naquilo que se entende por mundo real. Após cada palavra dita, o vazio instaura-se, o nada se faz presente, relacionando o ato da fala com a morte. A presença e ausência se faz sentir no mesmo instante em que se pronuncia uma palavra e no momento seguinte, no qual se instaura o silêncio.

A palavra, pronunciada, significa a suspensão do objeto concreto, pois ao se referir a um determinado objeto, o ouvinte irá criar o seu próprio objeto em sua mente, diferente daquele que se fez presente através da fala. Em um conversa, portanto, pode-se afirmar que ocorrem inúmeras mortes, sucessivas, mas este processo é indispensável para a organicidade do mundo, pois sem a consciência da morte, não há também a da vida: “Somente a morte me permite agarrar o que quero alcançar; nas palavras, ela é a única possibilidade de seus sentidos. Sem a morte, tudo desmoronaria no absurdo e no nada”. ⁵⁷

⁵⁶ BLANCHOT. *A parte do fogo*, p.323.

⁵⁷ BLANCHOT. *A parte do fogo*, p.312.

Nesse interessante pensamento, a linguagem configura-se como um elemento que torna o mundo possível ao homem. Entretanto, Blanchot efetua a necessária distinção entre a linguagem rude, bruta, a do cotidiano, e a linguagem literária, que, por sua vez, permite ao homem um universo criador. Brás Cubas, nesse contexto, torna-se criador e criatura de si mesmo no espaço vazio da morte, que pode ser interpretada também como a folha em branco. Brás fala de si e nesse processo acaba também se transformando em criador de uma realidade que foi sua. Como veremos mais adiante, as memórias de Brás Cubas, que também é um autor, um escritor, igualmente podem servir não apenas como recordação da sua vida, mas até como um modo de resistência ao vazio existencial, ao niilismo em seu sentido mais essencial, uma vez que a escrita, o seu romance, efetivariam a sua existência mesmo após o seu desaparecimento físico, posto que niilismo não seja somente a supressão de valores, mas também a inexistência, a ausência, a fundamentação do nada.

O homem, nesse aspecto, pode apresentar uma postura niilista mesmo abastado, mesmo seguindo os preceitos religiosos, pois muitas vezes, dinheiro, poder, *status* social, roupas caras, estética, beleza, nada parece satisfazê-lo. Tal indivíduo parece buscar algo que não sabe o que vem a ser. Talvez busque a si mesmo, perdido nos séculos passados, quando abriu mão do que era em nome da segurança do grupo, da vida comunitária cômoda, das vantagens sociais que a força da unidade podia proporcionar. Mas o que foi dado em troca dessa vida tranquila, pacata, generosa, tal como a de Brás Cubas? O homem deu a si mesmo como moeda de troca. Abriu mãos dos instintos, dos desejos, da sua própria animalidade em prol de uma existência longa, dita civilizada, racional e supostamente moral.

Darei uma fórmula a um princípio. Todo naturalismo na moral, ou seja, toda moral *sadia*, é dominado por um instinto da vida [...]. A moral *antinatural*, ou seja, quase toda moral até hoje ensinada, venerada e pregada, volta-se, pelo contrário, justamente *contra* os instintos da vida – é uma *condenação*, ora secreta, ora ruidosa e insolente, desses instintos.⁵⁸

A repressão de si, através de instituições como Igreja, escola, trabalho, Estado, fez do homem um ser domesticado, segundo Nietzsche, um animal agora encarcerado em uma bela jaula, munida pelo conforto e segurança da vida regular e cotidiana, na qual recuperará suas forças para retornar, no dia seguinte, ao seu estado de homem adestrado. E tudo isso sob o nome de progresso, de evolução, de expansão.

Entretanto, o represamento daquilo que o homem é tem consequências bastante significativas para tal ser: neuroses, psicoses, depressão, angústia, dentre outros problemas,

⁵⁸ NIETZSCHE. *Crepúsculo dos ídolos*, V §4, p.36.

demonstram o quanto é falho e instável tal controle sobre esse ser domesticado, civilizado, que ainda é, mesmo assim, um animal. A Igreja diz o que deve ou não deve ser feito, o Estado estabelece leis jurídicas de como o homem precisa se comportar, a escola impõe o que necessita ser estudado, assimilado. O trabalho exaustivo, monótono, desgastante, que consome trinta ou mais anos da vida desse homem, o dignifica, conforme ideologia popular. Mas essa organização, essa vida padronizada, não é suficiente para preencher o vazio humano.

As respostas advindas anteriormente das instituições religiosas, principalmente as cristãs, não são mais satisfatórias. A desculpa do trabalho dignificante não seduz, pois somente uma pequena classe lucra com o resultado dessa ação. O Estado elabora leis nas quais busca a manutenção da sociedade tal qual ela se encontra, ou seja, através da paz e da harmonia. Ocultam-se a conservação das diferenças sociais, das distinções de classes, da exploração do povo por um pequeno grupo abastado. As grandes guerras mostraram que o homem não é puramente racional, culto, civilizado: as pilhas de corpos esqueléticos sepultaram a inocência com a qual o homem olhava-se no espelho. A barbárie, em maior ou menor escala, está sempre presente, seja nos campos de batalha, na esquina de uma rua ou dentro de uma sala de aula.

Nesse terreno de dúvidas, de incertezas, de questionamentos dolorosos, nasce o niilismo. Mas a questão não se encerra através de uma simples afirmação, ela progride e cresce, tencionando tornar-se mais conflitante, uma vez que o retorno a uma ignorância ingênua se faz impossível. A ciência e a técnica avançam cada dia mais, inserindo o homem em acalorados debates sobre vida, morte, perda e vazio. Sobre tal fenômeno, muitos teóricos se manifestaram, contudo partiremos da afirmação de Volpi (1999, p.8): “O niilismo constitui, assim, uma situação de desnortamento provocado pela falta de referências tradicionais, ou seja, dos valores e ideais, que representavam uma resposta aos porquês e, como tais, iluminavam a caminhada humana”. Tal definição sobre o que vem a ser o niilismo é parcialmente correta, com exceção do fato de que tais valores e ideias nunca iluminaram o percurso humano, mas ao contrário, conduziram o homem por meandros que o cegaram, fazendo-o adotar posturas e pensamentos que contradizem a sua própria natureza.

Quando da sua publicação, *Memórias Póstumas* não causou satisfatória reação. O estilo, a posição incomum do narrador (um defunto), as narrativas que atacavam os costumes e a moral de uma determinada sociedade, estes e outros aspectos fizeram com que o referido romance fosse recebido com pouco entusiasmo por parte dos leitores, até então afeitos aos romances de cunho geralmente edificantes e exultantes das morais personificadas através do

herói exemplar. Brás Cubas não se classifica nesses moldes, pois o conceito clássico de herói não se aplica ao referido personagem, como já apontado anteriormente, mas que aqui será desenvolvido com mais detalhes, reforçando-se o aspecto niilista de Brás Cubas.

A própria obra inicia com uma dedicatória de expressão exultante do niilismo: “Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico como saudosa lembrança estas Memórias Póstumas”.⁵⁹ A incomum dedicatória permite as mais diversas explicações, mas seguindo a perspectiva proposta neste trabalho, observar-se-á tal declaração sob o viés do niilismo.

A figura do verme e sua expressividade é muito instigante:

Símbolo da vida que renasce da podridão e da morte. [...] Em todas as lendas, o verme aparece como um símbolo de transição, da terra à luz, da morte à vida, do estado larvário ao voo espiritual. Nos sonhos, entretanto, os vermes são interpretados como *intrusos indesejáveis* que vêm tirar ou roer um afeto muito caro [...] ou significam uma situação material muito desastrosa.⁶⁰

A dedicatória do livro é, com frequência, direcionada para pessoas que influenciaram ou motivaram de modo positivo o autor de determinada obra, seja literária ou não. Ao conceder tal privilégio ao verme, Brás Cubas sustenta que, em vida, não conheceu nenhum ser humano digno de sua obra póstuma. Tem-se aqui a primeira, e não menos profunda crítica de Brás Cubas à humanidade⁶¹, característica que será recorrente na obra e que culminará com o capítulo das negativas, CLX. Mas, inicialmente, é preciso observar de que forma tal crítica é efetuada, e aqui se apresenta um dos pontos principais que delimita uma espécie de niilismo à brasileira, uma vez que Brás Cubas não é um melancólico no sentido tradicional do termo e o seu pessimismo é apresentado de forma bastante irônica, o que nos permite falar que o referido personagem é niilista, mas sob uma ótica bastante particular, pois o ar grave, a expressão sombria, o caráter fatalista com que são descritos os personagens niilistas, como se pode observar em Dostoiévski⁶² não se apresenta em Brás Cubas.

O verme, termo que surge em outros capítulos da obra⁶³, representa, conforme a interpretação que aqui se sustenta, uma acusação à humanidade, afirmando uma

⁵⁹ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, XI, p.175.

⁶⁰ CHAVALIER, J; GHERRBRANT, A. *Dicionário de Símbolos*, p.943-944.

⁶¹ Para efeitos de produção acadêmica, o narrador de *Memórias Póstumas* será sempre Brás Cubas, não estabelecendo relação com Machado de Assis, como se o primeiro fosse autônomo em relação ao segundo. Com raras exceções, quando se tomar o segundo pelo primeiro, será explicitado.

⁶² Em muitas obras, o escritor russo caracteriza os seus personagens niilistas de modo bastante caricatural: são homens para os quais a ausência de valores permite qualquer ação, até mesmo o assassinato. Sob esse ponto de vista, como veremos em alguns pontos do trabalho ao relacionarmos Machado de Assis e Dostoiévski, os niilistas dostoiévskianos são, em sua grande maioria, intelectuais com inclinações criminosas, pois a ausência de uma regência moral, segundo o posicionamento de personagens como Raskólnikov e Kirilov, de *Crime e Castigo* e *Os Demônios*, respectivamente, permite todo tipo de ação.

⁶³ Capítulos VII “O delírio”, XIV “O primeiro beijo”, XXVII “Virgília?”, XXXVIII “A quarta edição”.

impossibilidade de se encontrar indivíduos que mereçam uma dedicatória. Nesse aspecto, poder-se-ia simplesmente afirmar que este gesto de Brás Cubas é mera rabugice de um homem que em vida não encontrou a felicidade ou o amor, mas tal visão é simplista para a profundidade de tal personagem. Tem-se, é preciso sempre frisar, a presença de um morto que, já tendo ultrapassado o limite entre vida e morte, fala aos vivos sob um olhar distinto, pachorrento, diferente, despido de qualquer remorso, valor, preocupação moral, ou seja, nada há que o impeça de fazer não um julgamento da humanidade, mas uma observação crítica, como o faz de si mesmo:

Agora, porém, que estou cá do outro lado, posso confessar tudo: o que me influenciou principalmente foi o gosto de ver impresso nos jornais, mostradores, folhetos, esquinas, e enfim nas caixinhas do remédio, estas três palavras: *Emplasto Brás Cubas*. Para que negá-lo? Eu tinha a paixão do arruído, do cartaz, do foguete de lágrimas.⁶⁴

Durante sua existência, Brás foi corrompido e também corrompeu, humilhou e troçou dos seus semelhantes, demonstrando uma visão e um posicionamento particular, como membro de uma privilegiada classe social. Mas não se pode resumir a personalidade de Brás Cubas a este campo, pois como se pode observar no decorrer do romance, sua oscilação entre opostos é constante: na mesma medida em que se apresenta culto e requintado, no momento posterior, desfaz tal imagem com alguma observação maldosa, irônica, debochada ou pessimista:

A todo momento Brás exhibe o figurino do *gentleman* moderno, para desmerecê-lo em seguida, e voltar a adotá-lo, configurando uma inconsequência que o curso do romance vão normalizar. É como se a conduta ilustrada fosse credora de respeitosa consideração, tanto quanto de escárnio, e funcionasse ora como norma indispensável, ora como trambolho – complementaridade que delineia um modo de ser.⁶⁵

Esse “modo de ser” interessa-nos no sentido de que Brás Cubas apresenta uma volubilidade bastante provocadora, pois a sua constante alternância de postura demonstra uma não fixação de valores, uma frequente subversão dos padrões que deveriam ser seguidos. *Memórias Póstumas* permite ao leitor adentrar na *psique* de um personagem que se adequa à situação conforme as exigências sociais, mas que no íntimo, no recôndito da sua mente, apresenta as verdadeiras reflexões sobre o que vê e sente. Assim, temos uma espécie de duplo Brás Cubas, aquele em vida, o personagem narrado, que apresenta uma postura condizente com a sua posição social, e aquele que, livre da vida, não precisa mais representar nada, nem fingir uma postura que, no além-túmulo, é fútil, desinteressante e fatigante: “Foi assim que me

⁶⁴ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, II, p.179.

⁶⁵ SCHWARZ. *Um mestre na periferia do capitalismo*, p.19-20.

encaminhei para o *undiscovered country* de Hamlet, sem ânsias nem dúvidas do moço príncipe, mas pausado e trôpego, como quem se retira tarde do espetáculo. Tarde e aborrecido”.⁶⁶

A relação de Brás Cubas com a morte apresenta aspectos que reforçam uma possibilidade de afirmação niilista do referido personagem. A presença do niilismo, em qual aspecto for, tem como forte relação a presentificação da morte: a morte espiritual, moral, social, familiar, dos valores, física propriamente dita etc., uma vez que ele demarca o fim de um período, de um estágio, de uma existência. Cita-se o falecimento da mãe de Brás que o forçou, pela primeira vez, a refletir sobre a questão da vida e da morte: “Jamais o problema da vida e da morte me oprimira o cérebro; nunca até esse dia me debruçara sobre o abismo do Inexplicável; faltava-me o essencial, que é o estímulo, a vertigem...”⁶⁷

Aqui retorna a figura do verme que Brás tanto enfatizou e louvou no início do seu romance, pois como já abordado, o verme também é um símbolo de transição. No caso do narrador de *Memórias Póstumas*, a passagem da vida para a morte encerra em si mais questões do que se pode supor, pois foi visto que se têm dois tipos de Brás, um em vida e outro em morte. A passagem de um estado para o outro poderia ser uma resposta para essa alteração de posicionamento do narrador defunto, uma vez que Brás é o homem da imagem, da postura aparente, das filosofias vulgares e superficiais, aquele que, desde a infância, quer as atenções, que acredita ser o centro nevrálgico do universo cujos apetites, já na fase adulta, devem ser saciados mesmo que isso implique em transgressão, adultério, corrupção, como o de Dona Plácida.

Na terceira idade, destituído do vigor e da juventude, gasta seu tempo com projetos absurdos que visem lustrar seu nome, tal como o pai desejava. Surge a ideia do emplasto: “Essa ideia era nada menos que a invenção de um medicamento sublime, um emplasto anti-hipocondríaco, destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade”.⁶⁸

Percebe-se que a intenção primordial do emplasto não é a cura de uma determinada moléstia física, uma enfermidade, e sim buscar aliviar, não suprimir, um incômodo moral, ou seja, a melancolia humana. Brás, produto do seu tempo, talvez a partir de si mesmo, detecta que a humanidade encontra-se em um estado de desânimo e depressão e que provavelmente tal condição seja insuperável, mas que seja possível atenuá-la. Ou, também, pode-se afirmar que o emplasto fora a derradeira tentativa de Brás alcançar a fama, o reconhecimento, mesmo

⁶⁶ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, I, p.177.

⁶⁷ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, XXIV, p.212.

⁶⁸ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, II, p.178.

que tal notoriedade fosse alcançada através de um emplasto cujas propriedades farmacológicas fossem nulas.

O avanço tecnológico, em todos os âmbitos, até mesmo nos clínico, identificou inúmeras doenças que criaram no homem moderno o receio hipocondríaco de viver. O ato de comer, beber, alimentar-se em geral, a ação de satisfação física, os vícios, as diversões, quase tudo agora encerra em si algum aspecto patológico, implica em alguma possibilidade concreta de adoecimento. No campo psicológico, novas doenças são classificadas a todo o momento: neuroses, psicoses, manias, posturas suspeitas, a desilusão, o pessimismo, o desencanto, a fragilidade, a solidão, em muitos comportamentos humanos identifica-se uma anomalia que, classificada, torna-se uma nova enfermidade da modernidade, que não raro pode se adaptar com alguns aspectos do niilismo e os seus efeitos sobre o indivíduo. Machado de Assis trabalhou tal aspecto de forma interessante em *O alienista*.⁶⁹ O homem moderno é o indivíduo temeroso, que receia a si, ao outro, que nesse caso pode ser o desempregado, o estrangeiro, o pobre, o louco. Bauman aponta para os medos modernos, como ponto de partida, a redução do controle estatal, que acentua a individualidade do homem:

Os medos tiveram início com a redução do controle estatal (a chamada *desregulamentação*) e suas consequências individualistas, no momento em que o parentesco entre homem e homem - aparentemente eterno, ou pelo menos presente desde tempos imemoriais -, assim como os vínculos amigáveis estabelecidos dentro de uma comunidade ou de uma corporação, foi fragilizado e até rompido.⁷⁰

Na *polis* grega, o sentimento de pertencer a uma unidade orgânica que influenciava em todos os setores sociais, até mesmo os militares⁷¹ era preponderante para a solidificação de determinados valores pertinentes ao grupo social. Na modernidade, diminui-se esse viés, e o sentimento de elevação social, significativamente estimulado, lança um homem contra o outro em uma busca constante por *status* social, no qual, principalmente em termos de solo brasileiro, é considerado um vencedor aquele que acumula, apresenta bens e se distingue economicamente. O perdedor, em contrapartida, é aquele que trabalha e nada ascende socialmente, como é o caso de D. Plácida, que tentando levar uma vida honrada e laboriosa, acaba sendo inserida no sistema da corrupção de Brás Cubas, por necessidade, para atenuar sua condição de miserabilidade.

⁶⁹ Obra de Machado de Assis, publicada em 1882. Trata-se da história de Simão Bacamarte, que tem por objetivo dedicar-se à ciência, mais especificamente aos estudos em torno da questão da loucura. Sua teoria precípua será a concepção de que a ausência de razão seria um demonstrativo de desequilíbrio mental.

⁷⁰ BAUMMAN. *Confiança e medo na cidade*, p.19-20.

⁷¹ Para o exército grego, o sentimento de unidade era fundamental, pois isso reforçava a concepção de *pólis* grega, voltada para a organização do grupo e os interesses sociais.

O medo da pobreza, especificamente, situa o homem em um campo de disputa que, muitas vezes desleal, separa a sociedade entre os bem-sucedidos e os hierarquicamente inferiores. O temor da pobreza, o julgamento do outro sobre si impõe a uma grande parcela de indivíduos uma obrigação de manter, ao menos em aparências, uma condição de desfrute e opulência. Vê-se tal caso com o ex-cativo Prudêncio, que de imitação de cavalo vertasgado quer passar ao nível de senhor. Para tanto, compra um escravo e aplica-lhe os mesmos açoites que recebera anos antes, numa tentativa de apagar o seu passado e posicionar-se no mesmo nível dos senhores brancos oligárquicos:

Tais eram as reflexões que eu vinha fazendo, por aquele Valongo fora, logo depois de ver e ajustar a casa. Interrompeu-as um ajuntamento; era um preto que vergalhava outro na praça. O outro não se atrevia a fugir; gemia somente estas únicas palavras: — “Não, perdão, meu senhor; meu senhor, perdão!” Mas o primeiro não fazia caso, e, a cada súplica, respondia com uma vergalhada nova.

— Toma, diabo! dizia ele; toma mais perdão, bêbado!

— Meu senhor! gemia o outro.

— Cala a boca, besta! replicava o vergalho.

Parei, olhei... justos céus! Quem havia de ser o do vergalho? Nada menos que o meu moleque Prudêncio, — o que meu pai libertara alguns anos antes. Cheguei-me; ele deteve-se logo e pediu-me a bênção; perguntei-lhe se aquele preto era escravo dele.

— É, sim nhonhô.

— Fez-te alguma coisa?

— É um vadio e um bêbado muito grande. Ainda hoje deixei ele na quitanda, enquanto eu ia lá embaixo na cidade, e ele deixou a quitanda para ir na venda beber.

— Está bom, perdoa-lhe, disse eu.

— Pois não, nhonhô manda, não pede. Entra para casa, bêbado![...].

Era um modo que o Prudêncio tinha de se desfazer das pancadas recebidas, transmitindo-as a outro. Eu, em criança, montava-o, punha-lhe um freio na boca, e desancava-o sem compaixão; ele gemia e sofria. Agora, porém, que era livre, dispunha de si mesmo, dos braços, das pernas, podia trabalhar, folgar, dormir, desagrilhoado da antiga condição, agora é que ele se desbancava: comprou um escravo, e ia-lhe pagando, com alto juro, as quantias que de mim recebera.⁷²

Prudêncio, apesar de tentar apresentar uma postura senhorial, falha em seu intento, pois diante do antigo senhor e das ordens deste, acata-as, como se ainda fosse um cativo, além de pedir-lhe a bênção assim que o vê, gesto este imposto pelos donos de engenho aos seus cativos ao fim do dia de trabalho. Brás, por sua vez, não se refere a Prudêncio com termos que seriam dignos de um homem livre, chama-o de “meu moleque”, o que ainda demonstra um vínculo de superioridade em relação ao outro, como se fosse uma propriedade sua.

Mas provavelmente o maior dos medos humanos, bem como objeto de veemente estudo e análise filosóficos⁷³, é o medo da morte, a finitude da existência, fenômeno esse que

⁷² ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, LXVIII, p.254.

⁷³ “Platão afirmou que a filosofia é uma meditação sobre a morte. Toda vida filosófica, escreveu mais tarde Cícero, é uma *commentatio mortis*. Vinte séculos depois, Santayana afirmou que ‘uma boa maneira de provar o valor da filosofia consiste em perguntar o que ela pensa acerca da morte’. De acordo com estas opiniões, uma história das formas da ‘meditação sobre a morte’ poderia coincidir com uma história da filosofia”. (FERRATER MORA. *Dicionário de Filosofia*, p. 2016).

poderia ser visto com naturalidade, mas que através do cristianismo adquiriu contornos mais complexos e obscuros, pois a partir dos preceitos cristãos, a morte marca uma passagem que, de forma radicalmente maniqueísta, efetiva a travessia do indivíduo que morre para uma proximidade com a divindade, a chamada salvação da alma, ou para a sua derrocada e convergência para o inferno, no qual sofrerá por tempo infindo. Dessa forma, desnaturalizou-se a morte enquanto processo intrínseco ao ciclo da vida para situá-la em um patamar de anormalidade e temor.

Com o cristianismo, a morte revestiu-se de uma nova representação que enfoca significativamente a questão moral, tanto para aqueles que creem em uma divindade quanto para os que renegam tal concepção: “Uma concepção teológica do fundamento dos julgamentos morais é ainda muito aceita. Ela é aceita não somente por aqueles que acreditam na existência de Deus, mas também por muitos que negam ou duvidam que Deus exista”.⁷⁴

Tem-se em *Memórias Póstumas* uma narrativa além-túmulo, de um homem que morreu sem distinção, “um solteirão que expira aos 64 anos não parece que reúna em si todos os elementos de uma tragédia”⁷⁵. O romance inicia pelo fim, ou seja, pela extinção do narrador, que detalha com zelo a sua morte. E diante desta não há reflexões morais, nem sentimento de remorso, nada que lembre uma tentativa de reconciliação com aqueles que ficam e com o próprio mundo, apenas o desejo de desfrutar o que o narrador denominou de “orquestra da morte”⁷⁶, pois, conforme suas próprias reflexões, aquele momento derradeiro não se configurou tão triste quanto parecia.

Entrevisto dessa forma, a morte para Brás é algo desejável, que não lhe incute medo, mas alívio, possibilidade de afastar-se desse mundo que lhe negou tudo, a paternidade, o matrimônio, a cadeira de ministro. Esvaia-se de si a consciência, a moral, a própria vida, restando um corpo inerte que não tardaria a se tornar nada, como se tudo o que um dia fora em vida nada valesse diante da morte, ou seja, valores morais, corpo, desejo, tudo haveria de desaparecer inevitavelmente: “esvaía-se-me a consciência, eu descia à imobilidade física e moral, e o corpo fazia-se-me planta e pedra, e lodo, e coisa nenhuma”.⁷⁷

A referência ao niilismo surge nesse momento de transição da vida, do movimento, para a imobilidade. Nota-se que Brás Cubas não faz referência a uma possibilidade de vida após a morte, de dirigir-se a um mundo novo ou ir ao encontro de uma divindade onipresente, ao contrário, ele aponta para a imobilidade do corpo, a sua inércia enquanto coisa destituída

⁷⁴ LYONS. *As regras morais e a ética*, p.20.

⁷⁵ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, I, p. 178.

⁷⁶ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, I, p. 178.

⁷⁷ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, I, p. 178.

de vida, que regressa aos estágios mais primitivos da existência humana, planta, pedra, lodo e nada. A sua existência, que nada significou no sentido moderno de produção, passa de um nada existencial para um nada físico.

Essa passagem e destituição do seu corpo que se reduz a nada é bastante significativa, pois até mesmo a questão da lembrança é renegada por Brás, que poderia confortar-se na ideia de que, mesmo morrendo, ficaria na memória de algumas pessoas vivas, mas até quando? Também essas pessoas não encontrariam um fim? Sem nenhum feito louvável para ser lembrado, nenhuma distinção política, nenhum filho para perpetuar sua memória e continuar o seu “legado miserável”, nenhuma esposa, não retorna o homem descrente ao absoluto nada? O conforto de uma vida edênica parece não fazer parte do seu pensamento. Uma ideia de punição para si não surge em momento algum. Brás morre tão somente invadido pelo sentimento de monotonia depois de uma vida inglória e improdutiva.

Em *A bela morte e o cadáver ultrajado*⁷⁸, Vernant aborda aquilo que seria uma morte digna e honrada para o homem grego antigo: Aquiles sabe que ao cruzar os portões de Tróia, tombará. Mas a consciência da sua morte em nenhum momento é um empecilho para que o maior dos heróis gregos se lance ao ardor da batalha, objetivando a vitória, que significa também a sua destruição. O caráter da questão que adquire complexos contornos morais para o homem moderno é bastante clara para o guerreiro grego: “Mas, se já não pode vencer e sobreviver, depende dele cumprir o que exige, aos seus olhos como aos de seus pares, sua condição de guerreiro: transformar sua morte em glória imperecível”.⁷⁹

Ao homem moderno, a ideia de morte mostra-se terrificante. Métodos de possibilidades de prolongamento da vida, remédios, cirurgia, estes e outros meios são inventados pelo homem com a intenção de estender sua existência ou mascarar a proximidade da morte. O próprio Brás, quando confrontado por Pandora, evidencia o seguinte:

- Creio; eu não sou somente a vida; sou também a morte, e tu estás prestes a devolver-me o que te emprestei. Grande lascivo, espera-te a voluptuosidade do nada. Quando esta palavra ecoou, como um trovão, naquele imenso vale, afigurou-se-me que era o último som que chegava aos meus ouvidos; pareceu-me sentir a decomposição súbita de mim mesmo. Então encarei-a com olhos súplices, e pedi mais alguns anos.

- Pobre minuto! – exclamou. – Para que queres tu mais alguns instantes de vida? Para devorar e seres devorado depois? Não estás farto do espetáculo e da luta? Conheces de sobejo tudo o que eu te deparei menos torpe e menos aflitivo: o alvor do dia, a melancolia da tarde, a quietação da noite, os aspectos da terra, o sono, enfim, o maior benefício das minhas mãos. Que mais queres tu, sublime idiota?

⁷⁸ Artigo escrito por Pierre Vernant, no qual retoma a temática das conferências realizadas no Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo – USP, no segundo semestre de 1977.

⁷⁹ VERNANT. *A bela morte e o cadáver ultrajado*, p.31.

- Viver somente, não te peço mais nada.⁸⁰

O enfermo Cubas não quer nada além de mais tempo de vida, uns poucos anos ainda de existência. Apesar da vida melancólica, dos dissabores, da rotina tediosa, ainda assim, Brás quer continuar vivendo, pois, conforme Nietzsche: “o homem prefere querer o nada ao nada querer”.⁸¹ Brás Cubas, protótipo do homem moderno, quer viver, ao contrário do homem grego antigo, mesmo que seja através de uma existência desinteressante e debilitada.

No trecho acima se apresenta outra vez, mas de forma indireta, a presença do verme: “para devorar e seres devorado depois?”. Nas palavras de Pandora, bem como a do próprio Brás, como já visto, a existência parece revertida de uma nulidade irrevogável. O túmulo, os vermes, é o que aguarda o homem, que deveria estar farto da luta. A existência humana, no caso a de Brás Cubas especificamente, é representada na fala de Pandora como uma repetição constante e monótona. Ao grande lascivo que foi aguarda o nada, a inexistência, o não ser.

Nesse cenário, a presença do niilismo se faz constante. O receio da morte, a vida tediosa, o nada como destino final do homem. Mas se é possível conceber a possibilidade de Brás ser um niilista, também é necessário dizê-lo que ele o faz de um modo bastante peculiar, ou como já foi dito, à brasileira, ironicamente, bilateral, posto que Brás, no caso específico da morte, vê a mesma sob o aspecto da zombaria, até com certo desdém, achando-lhe graça, deliciosa, não a observando pelo viés terrificante comumente erigido no meio social. Tal atitude diante do fenômeno da morte pode ser o resultado de inúmeros fatores: a postura oligárquica, o desrespeito com todos os valores, a falta de controle desde a infância, a frágil e quase inexistente postura de contato com a religião, que não parece exercer sobre si influência significativa, o cansaço e experiência de vida, que não parece ter mais nada de interessante para ofertar. Não se pode precisar se estes são ou não os responsáveis pela postura de desrespeito em relação tanto à vida quanto à morte, mas se observa que tal procedimento situa-o no plano do niilismo, pois a postura de Brás rompe também com valores morais tradicionais, que não encontra barreiras na sua efetivação no decorrer do romance. Araldi, interpretando o pensamento de Nietzsche acerca do niilismo, expõe:

Ao constatar que o niilismo é a consequência da desvalorização dos valores morais, metafísicos e religiosos da tradição ocidental, o filósofo afirma que a raiz comum desse fenômeno, a origem desse hóspede sinistro, está na interpretação moral da existência e do mundo. Desse modo, o niilismo assume em Nietzsche o estatuto de uma questão fundamental, mediante a qual a experiência de instauração e dissolução

⁸⁰ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, VII, p. 186.

⁸¹ NIETZSCHE. *Genealogia da moral*, III dissertação, § 28, p.149.

dos valores morais é trazida à problematização filosófica, para explicitar sua origem, seu transcurso e os âmbitos nos quais ela (a moral) se desenvolve.⁸²

A questão moral permeia a essência do debate sobre o niilismo. O homem, inserido nesse contexto de modo indissociável, é o produtor desses valores que desenvolve, de forma pacífica ou não, para introduzi-los e aceitá-los, em nível social, como normativa para seu comportamento. Mas como em toda regra, seu poder de abrangência por vezes não se efetua de modo satisfatório. Acrescenta-se a isso que em muitos casos, a natureza desses valores se contrapõe aos aspectos mais internos do próprio homem, este que, por natureza, é imprevisível e contraditório.

A moral, para Nietzsche, é uma espécie de invenção, criada e imposta pelo homem ao próprio homem. Essa moral tem como efeito imediato a sensação de mal-estar diante da transgressão de alguma regra socialmente aceita, posto que os preceitos morais e seus valores nasçam, basicamente, dos juízos de “bom” e “mau”, e Nietzsche, em *Genealogia da Moral*, indaga-se sobre os efeitos dessa invenção sobre o próprio homem:

Sob que condições o homem inventou para si os juízos de “bom” e “mau”? E que valor tem eles? Obstruíram ou promoveram até agora o crescimento do homem? São indícios de miséria, empobrecimento, degeneração da vida? Ou, ao contrário, revela-se neles a plenitude, a força, a vontade da vida, sua coragem, sua certeza, seu futuro?⁸³

A resposta que o filósofo de Röcken irá desenvolver durante significativa parte da obra é de que os valores de “bom” e “mau” foram invertidos. O homem apático, debilitado, incapaz de autogovernar-se, tornou-se o “bom”, essa é a moral do escravo conforme Nietzsche. O indivíduo de qualidades soberanas, guerreiras, livres, foi situado, nessa inversão de valores, como “mau”. A moral aristocrata foi corrompida e combatida nesse novo cenário, no qual o homem enfermo, o indivíduo do rebanho, incapaz de defender-se sozinho e lutar, foi posto como o sujeito ideal nessa sociedade moralizada. Moral esta que se ramificou, adquirindo novas expressões, como a moral da compaixão, que Nietzsche entreviu com cautela:

Eu compreendi a moral da compaixão, cada vez mais se alastrando, capturando e tornando doentes até mesmo os filósofos, como o mais inquietante sintoma dessa nossa inquietante cultura europeia; como o seu caminho sinuoso em direção a um novo budismo? A um budismo europeu? A um – *niilismo*?...⁸⁴

⁸² ARALDI. *Niilismo, criação e aniquilamento*, p.63.

⁸³ NIETZSCHE. *Genealogia da moral*, §3, p.9.

⁸⁴ NIETZSCHE. *Genealogia da moral*, §5, p.11-12.

A moral, em uma das suas tarefas primordiais, estabelece um controle sobre o posicionamento do indivíduo no mundo que visa estabelecer parâmetros, restritos, é necessário frisar, de atuação desse mesmo sujeito na efetividade. A questão parece obscura quando nos indagamos sobre quem deseja esse controle, essa forma de coerção do homem, ou pelo menos da grande maioria. É preciso aqui lembrar, para uma rápida resposta, que a sociedade em muitos momentos da história, baseou-se em exploradores e explorados. O desejo por poder atinge esferas que se ramificam para as mais diversas áreas de controle ideológico, como religião, educação e a própria filosofia, como observou Nietzsche no fragmento acima. Lembra-se aqui o clássico exemplo de atuação conjunta entre Igreja e Estado. Este oprime através das leis em nome de uma “organização e civilidade”. Aquela, através da doutrinação, conforta os espíritos oprimidos e explorados com a noção de um mundo etéreo melhor, mais justo e agradável. Desse modo, tem-se um sistema de controle bastante eficaz que não raro nutriu-se na filosofia, principalmente nos primórdios, para efetuar a internalização daquilo que é “bom” e “mau”.

Entretanto, a moral, como se sabe, não é um mecanismo natural do homem, como o medo ou a tristeza, é, antes, uma imposição de valores que, por isso mesmo, pode ser mudada, reinterpretada ou simplesmente negada. “Não existem fenômenos morais, apenas uma interpretação moral dos fenômenos”⁸⁵, afirma Nietzsche, deixando claro que as posturas morais são interpretações que muitas vezes estão condicionadas pelo espaço e época, dentre outros aspectos, de cada sociedade. Moral ou imoral é convenção, que em diversos casos não encontra receptividade em um determinado indivíduo, pois este reafirma a sua vontade, que se choca contra os valores morais, podendo-se falar em um terreno do extramoral para tal tipo de sujeito:

A origem extramoral das interpretações morais (inclusive a de Nietzsche) encontra-se num campo que a moral não controla, uma vez que ela vem à existência a partir da exigência de uma determinada forma de vontade de poder, de um determinado tipo fisiológico que quer se afirmar, expandir, impondo aos demais suas formas próprias.⁸⁶

Não se quer aqui afirmar que Brás Cubas é este tipo fisiológico que busca a expansão, mas considerando que o homem, tal como foi anteriormente argumentado, é um animal instintivo, cuja vontade, tal como expresso por Schopenhauer, não pode ser saciada, pode-se, portanto observar que todo homem, em potencial, deseja essa expansão, mas que tal desejo encontra-se latente, anestesiado pelos valores morais, o que não significa que essa aspiração

⁸⁵ NIETZSCHE. *Além do bem e do mal*, §108, p.66.

⁸⁶ PASCHOAL. *Nietzsche e a Auto-superação da Moral*, p.94.

de ampliação não ocorra vez ou outra, mesmo que isso signifique ultrapassar a moral e com ela os costumes considerados intocáveis na sociedade.

No caso de Brás, torna-se mais plausível observá-lo sob a necessidade de satisfação dos desejos do que propriamente de expansão. O primeiro exemplo a ser citado sobre Brás é o do seu relacionamento com Marcela, baseado na paixão do rapaz pela mulher e desta pelas riquezas. Iniciando sua vida amorosa e sem recursos próprios, Brás, para agradar Marcela, utilizava do dinheiro paterno para suas aventuras amorosas, que pelos excessos tornaram-se escassas, forçando Brás a recorrer a outros meios:

Era o meu universo; mas, ai triste! Não o era de graça. Foi-me preciso coligir dinheiro, multiplicá-lo, inventá-lo. Primeiro explorei as larguezas de meu pai; ele dava-me tudo o que eu lhe pedia, sem repreensão, sem demora, sem frieza; dizia a todos que eu era rapaz e que ele o fora também. Mas a tal extremo chegou o abuso, que ele restringiu um pouco as franquezas, depois mais, depois mais. Então recorri a minha mãe, e *induzi-a a desviar* alguma coisa, que me dava às escondidas. Era pouco; lancei mão de um recurso último: entrei a sacar a herança do meu pai, a assinar obrigações, que devia resgatar um dia com usura.⁸⁷

Para a manutenção da sua satisfação, Brás Cubas utiliza-se de mecanismos que, como se vê no fragmento acima, acionam ações que transpõem a moral social, principalmente no que se refere à parte materna, uma vez que o rapaz induz a mãe a agir também de forma delituosa. Nesse ponto, percebe-se que Brás Cubas apresenta um comportamento corriqueiro, que irá se aprofundar cada vez mais no decorrer da obra, de corrupção de si e que acaba por estender aos demais na intenção de saciamento das suas próprias vontades. É o que faz com Virgília e com D. Plácida, para citar os casos mais evidentes da obra.

Brás, recém entrado na adolescência, corrompe a mãe em nome da manutenção de um relacionamento que é claramente de natureza interessada, o que não passa despercebido pelo rapaz, como se pode observar nos capítulos XVI e XVII, “Uma reflexão imoral” e “Do trapézio e das outras coisas”, respectivamente:

Ocorreu-me uma reflexão imoral, que é ao mesmo tempo uma correção de estilo. Cuido haver dito, no capítulo XIV, que Marcela morria de amores pelo Xavier⁸⁸. Não morria, vivia. Viver não é a mesma coisa que morrer; assim o afirmam todos os joalheiros desse mundo, gente muito vista na gramática. Bons joalheiros, que seria do amor se não fossem os vossos dices e fiados? Um terço ou um quinto do universal comércio dos corações. Esta é a reflexão imoral que eu pretendia fazer, a qual é ainda mais obscura do que imoral, porque não se entende bem o que eu quero dizer. O que eu quero dizer é que a mais bela testa do mundo não fica menos bela, se a cingir um diadema de pedras finas; nem menos bela, nem menos amada. Marcela, por exemplo, que era bem bonita, Marcela amou-me [...]. Marcela amou-me durante quinze meses e 11 contos de réis; nada menos.⁸⁹

⁸⁷ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, XV, p.199-200. Grifo nosso.

⁸⁸ Amante anterior de Marcela.

⁸⁹ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, XVII, p. 201-202.

Brás denomina a sua reflexão de imoral, e não se engana. Para ele, como explica de forma irônica através da imagem dos joalheiros, o amor é condicionado, em uma significativa parcela dos relacionamentos, pelos bens e pela riqueza. Brás não nega a existência do amor, mas o situa em um contexto bastante peculiar, o dos jogos de interesses. Os joalheiros são os que mais sabem de gramática, ou melhor, das posturas femininas no caso, por serem eles que melhor sabem a força sedutora de uma joia em um relacionamento. Marcela “amou” Brás enquanto este dava-lhe presentes de valor. Dessa forma, desde cedo Brás associa poder econômico a relacionamentos, pensamento este que irá se consolidar com Virgília, que foi sua primeira pretendente para matrimônio, mas que escolheu outro, Lobo Neves, para casar-se por este apresentar mais perspectivas concretas de ascensão social: “Virgília comparou a águia e o pavão, e elegeu a águia, deixando o pavão com seu espanto, o seu despeito, e três ou quatro beijos que lhe dera”.⁹⁰ Brás autodenomina-se pavão, animal pomposo, extravagante, que se alimenta de insetos e não possui o vigor da águia e sua precisão, animal carnívoro, que caça outros animais e faz seu ninhos no alto das montanhas.

Não é sem propósito que a visão de mundo de Brás é marcada por um pessimismo que se acentuará cada vez mais, dada a própria inércia do narrador em “continuar o nosso nome, continuá-lo e ilustrá-lo ainda mais”⁹¹, como aconselha Cubas pai ao filho. Mas este pessimismo, ao contrário do que ocorre com outros personagens, mesmo do universo literário machadiano, que situados no campo do desânimo e da descrença no valor da vida sucumbem a uma postura negativa, em Brás, por sua vez, tem-se aquele que ironiza, galhofa, demonstrando que a existência é mais do que uma só vertente. Se há dor, tristeza, sofrimento, mentira, imoralidade, há também a possibilidade de rir de tudo isso, o que diminuiu a influência destes mesmos liames sobre o homem, reafirmando-se nesse âmbito a perspectiva de um niilismo com feições brasileiras.

Nietzsche, ao referir-se ao niilismo e ao homem niilista, o faz de um cenário europeu:

Pois assim é: o apequenamento e nivelamento do homem europeu encerra nosso grande perigo, pois *esta* visão cansa... Hoje nada vemos que queira tornar-se maior, pressentimos que tudo desce, descende, torna-se ralo, mais plácido, prudente, manso, indiferente, medíocre, chinês, cristão – não há dúvida, o homem se torna cada vez “melhor”... E precisamente nisso está o destino final da Europa – junto com o temor do homem, perdemos também o amor a ele, a reverência por ele, a esperança em torno dele, e mesmo a vontade de que exista ele. A visão do homem agora cansa – o que é hoje o niilismo, se não *isto*?...Estamos *cansados* do homem...⁹²

⁹⁰ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, XLIV, p.230.

⁹¹ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, XXVIII, p.217.

⁹² NIETZSCHE. *Genealogia da moral*, I, §12, p.35.

No fragmento acima, Nietzsche aponta para a depreciação do homem, que se torna cada vez “melhor”, no sentido anteriormente abordado de “bom” e “mau” e na inversão promovida no que se refere a esses valores. O melhor, para Nietzsche é, de fato, interpretado no sentido de decadência, pois o entendimento de melhoria na sociedade moderna passa por um processo de despojamento de si do próprio homem, da sua desconfiguração em nome de princípios que o desvalorizam. O homem é desprezado no momento em que aquilo que lhe é natural passa a ser desfavorecido, temido, evitado. Mas Nietzsche deixa claro que está referindo-se ao homem europeu e aos perigos que o niilismo representa para a Europa.

Não se faz necessário adentrar no mérito da questão de que o homem, independente de cor, região, nacionalidade, cultura etc., é sempre homem, mas no que se refere aos efeitos do niilismo sobre cada povo, apresenta-se aqui a distinção que se quer observar. Müller-Lauter apresenta, com base no pensamento de Bougert⁹³, uma provisória distinção entre povos e os efeitos da angústia do homem moderno:

No século XIX, a náusea do mundo [...] tornou-se bancarrota universal. De fato, trata-se de modos de aparição distintos. Nos eslavos, ela se manifesta como niilismo; nos germânicos como pessimismo; nos latinos, como incomum sensibilidade nervosa. Porém, em todos eles Bougert encontra o mesmo “espírito de negação da vida, que a cada dia obscurece mais a civilização ocidental”.⁹⁴

O niilismo marca a modernidade e com ela o pensamento do homem, que se acreditava seguro em uma unidade que possuía como centro fundante a divindade. O homem latino, ou mais especificamente, o brasileiro, como visto anteriormente, mantêm, na época de Machado de Assis, um sentimento ambíguo em relação à religião, a começar pelo fato de que no Brasil não existiu uma unidade propriamente dita em relação ao cristianismo, mas uma junção de várias crenças, entre elas a indígena, a africana e o cristianismo. Logo, não se pode comparar a visão do homem europeu em relação ao cristianismo com a do brasileiro. No Brasil, o fenômeno do sincretismo foi forte e somente na atualidade pode-se falar em um início de separação de religiões, como argumenta Prandi em relação ao sincretismo religioso.

95

⁹³ Paul Bourget (1852-1935). Romancista e crítico literário francês que inseria nos seus artigos, bem como romances, abordagens de natureza psicológica. É de sua autoria *Essais de Psychologie Contemporaine*, o qual Nietzsche leu, apropriando-se do termo niilismo contido na referida obra.

⁹⁴ MÜLLER-LAUTER. *Nietzsche, sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*, p.124.

⁹⁵ “Só muito recentemente as religiões de origem negra começaram a se desligar do catolicismo, já numa época em que a sociedade brasileira não precisa mais do catolicismo como a grande e única fonte de transcendência que possa legitimá-la e fornecer-lhe os controles valorativos da vida social. Mas isso é um projeto de mudança nos referenciais de identidade que mal começou e que exige antes outras experiências de situar-se no mundo com mais liberdade e direitos de pertença”. PRANDI. *Faces da tradição afro-brasileira: religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafirmação, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida*, p.97.

Para Nietzsche, o fenômeno do niilismo está interligado de forma indissociável à questão moral, que por sua vez apresenta-se com vigor no campo religioso. A história da Europa, em relação à religião, mostrou-se, principalmente no que se refere ao cristianismo, há muito bastante complexa: temos situações como as santas cruzadas, a santa inquisição, dentre outros fatos históricos que demonstram que o cristianismo em solo europeu esteve mais atrelado aos fatores políticos e econômicos do que espirituais. No Brasil, sentiu-se tal influência, contudo atrelada a outras religiões, o que pode ter resultado em um cristianismo mais brando. O comportamento de Brás Cubas, levando-se em conta tal aspecto, pode ter relação com esse cristianismo de feições brasileiras mais brandas, que somente encontrou vigor mais extremista no que se refere à tentativa vã de supressão das outras religiões, como as africanas.

O resultado final desse processo no Brasil foi um cristianismo diferente, uma vez que a catequese promovida pelos portugueses na sua colônia foi apropriada pelos diversos grupos étnicos aqui presentes de modo bastante particular, por vezes adaptando a sua religião nativa ao cristianismo, o que não significa dizer que o brasileiro não é religioso, mas sim que ele professa suas crenças de modo bastante distinto dos europeus.

Durante o seu percurso em *Memórias Póstumas*, não se percebe em Brás Cubas uma religiosidade enraizada. Na verdade, ele age como se as normas sociais não existissem ou não fossem válidas para si, mas para os outros, talvez os de classes inferiores. A presença de exemplos bíblicos, de narrativas religiosas esboçadas em *Memórias Póstumas* são quase sempre utilizadas por Brás com o intuito de justificar uma atitude ou pensamento, que em alguns momentos adquire tom moderadamente cômico ou de gracejo.

Logo no início da referida obra, o narrador cita Moisés ao comparar a história deste com a sua: “Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no introito, mas no cabo: a diferença radical entre este livro e o Pentateuco”⁹⁶. Durante algumas das suas reflexões iniciais, expõe: “Creiam-me, o menos mau é recordar; ninguém se fie da felicidade presente; há nela uma gota da baba de Caim”.⁹⁷ No capítulo CXXXI, Brás, sobre o adultério cometido por homens e mulheres, cita: “Em pontos de aventura amorosa, achei homens que sorriam, ou negavam a custo, de um modo frio, monossilábico etc., ao passo que as parceiras não davam por si, e jurariam aos Santos Evangelhos que era tudo uma calúnia”.⁹⁸ Estes e outros momentos nos quais passagens ou personagens bíblicas são expressos por Brás Cubas,

⁹⁶ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, I, p.177.

⁹⁷ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, VI, p.182.

⁹⁸ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, CXXXI, p.302.

demonstra por parte do mesmo não um ateísmo declarado, mas certa descrença para com os valores expressos no âmbito religioso, talvez para demonstrar, como argumenta Schwarz em relação à comparação entre o romance e a bíblia, uma espécie de superioridade, ou inferioridade:

Ao distinguir entre a sua obra (*Memórias Póstumas*) e a Bíblia num ponto preciso, como se fossem comparáveis no resto, Brás Cubas mostra que a sua disposição escarninha não vai ficar na literatice metafísica, em brincadeiras com a verossimilhança e as convenções literárias. O seu ânimo não hesita diante do “mau gosto” incisivo, e só se completa na ofensa e na conspurcação. Longe de ser presunçoso, o paralelo com as Escrituras é fruto de outro sentimento muito mais inconfessável: trata-se de satisfação maligna de rebaixar e vexar, de anunciar que os deslantes do narrador não vão se deter diante de nada, que não ficará pedra sobre pedra, o que para ele constitui uma superioridade ou inferioridade, não se sabe bem.

⁹⁹

Expressa-se, assim, o desejo de Brás em dessacralizar, quem sabe até mesmo zombar de valores até então considerados intocáveis na sociedade e que são válidos apenas para o mundo dos vivos, pois ao morto, o medo máximo, o da morte, já não é mais uma ameaça futura, um terror a ser enfrentado posteriormente, mas uma realidade. Brás Cubas, sob certo aspecto, é um homem sem medo, e a partir dessa singular condição, volta-se contra valores que entreviu serem falsos ou superficiais, que o homem não pode, mesmo sob o estigma do medo, da pressão psicológica da punição e do purgatório, deter aquilo que lhe é mais humano.

E nesse aspecto não se pode romantizar: o homem deseja o saciamento das suas vontades, sejam elas de quais naturezas forem. Nesse aspecto, o niilismo não é apenas uma forma fechada de comportamento, ou seja, apenas negação da vida, mas também pode representar uma afirmação, pois negar aquilo que desfigura o homem enquanto tal pode, no fim das contas, ser interpretado como uma possibilidade de libertação, pois o homem é um enigma e seu comportamento oscilante será sempre um labirinto cuja saída nunca se encontra facilmente posta. No próximo capítulo, serão abordados, em consonância com a obra machadiana, outros personagens que trazem o estigma do niilismo, mas em um sentido mais tradicional, ou melhor, mais europeizado.

⁹⁹ SCHWARZ. *Um mestre na periferia do capitalismo*, p.21.

Capítulo II
Memórias do subsolo

2.1. Memórias que não se apagam

A memória tem papel significativo na história do homem e na sua própria concepção e compreensão de mundo. A força cultural presente na memória, principalmente quando observada sob o aspecto da coletividade, é testemunhada através dos mais variados pontos: as tradições, um conjunto arquitetônico, celebrações, datas, paisagens, costumes, regras, demonstram que a sociedade, utilizando-se aqui uma abordagem durkheimiana (1994), apresenta uma determinada configuração que se reforça na memória da coletividade, o que confere a esta uma força quase institucional. Em contrapartida, há, também, a memória individual, que não raro precisa fazer concessões para integrar-se à coletividade, algo que não se efetua, em determinados casos, de modo harmônico.

O sociólogo francês Maurice Halbwachs (1990), também se posiciona acerca da memória individual. Afirma que esta não é uma forma de reviver um determinado passado, mas a abordou em um sentido de reconstrução atualizada, ou seja, com informações do tempo presente. Tal concepção volta-se contra a ideia de uma memória individual, pois segundo Halbwachs toda memória seria coletiva, pois adentra em tais fatores que já foram citados acima, mas que aqui são reforçados, a saber, a família, a comunidade, a interação com outros indivíduos, escola, trabalho, estes e outros muitos aspectos são responsáveis diretos pela memória do indivíduo. O outro, sob tal ponto de vista, apresenta-se em significativa importância, posto que ele também é uma espécie de partícipe expressivo na construção da memória coletiva.

Paul Ricouer (2007) argumenta que a memória não é de natureza imaginativa, ou seja, algo proveniente de uma ilusão ou irreal, mas uma capacidade que permitiria ao homem um retorno ao passado através de dados arquivados em sua mente. Dessa forma, ao homem que rememora, não se pode afirmar que ele está revivendo determinado momento da sua vida, mas sim que representa tal dado no passado, mas agora em um plano do presente. A memória, para Ricouer, não seria, assim posto, uma mera ferramenta mnemônica, mas uma capacidade que permite ao indivíduo (re)significar dados vividos, sentidos, experimentados etc., sobre si mesmo e sobre as coisas.

No campo filosófico, a memória, mais especificamente para o filósofo Nietzsche, apresenta um caráter bastante singular, pois estaria atrelada à concepção moral, uma vez que a memória possibilitaria ao homem efetivar promessas, aspecto este que, no campo social, significa dizer que o homem pode viver conforme regras estabelecidas, uma vez que a

sociedade exige de seus partícipes essa espécie de coadunação com os padrões morais estabelecidos.

Em *Genealogia da moral*, mais especificamente na segunda dissertação, Nietzsche demonstra como a memória se tornou um mecanismo imprescindível ao homem, que a partir desse momento podia prometer, empenhando dessa forma a sua palavra, comportamento este alcançado através do penhorar do corpo, o qual serviu, através da dor, como ativador da memória, pois uma quebra na promessa significava ter que, em muitos casos, sanar a dívida com castigos corporais. Assim observado, Nietzsche sustenta a concepção de que a memória nasceu da dor gerada nas relações humanas, até que o homem se tornasse confiável, doutrinado para, enfim, ser inserido em um sistema social ao qual receberia os benefícios mediante a regularidade do seu comportamento, o que, por fim, o tornaria um ser responsável:

Esta é a longa história da origem da *responsabilidade*. A tarefa de criar um animal capaz de fazer promessas, já percebemos, traz consigo, como condição e preparação, a tarefa mais imediata de tornar o homem até certo ponto necessário, uniforme, igual entre iguais, constante, e portanto confiável. O imenso trabalho daquilo que denominei “moralidade do costume” [...] com ajuda da moralidade do costume e da camisa-de-força social, o homem foi realmente *tornado* confiável.¹⁰⁰

O que é o homem? Não mais do que um animal, mas com a particularidade de poder pensar sobre si e sobre a realidade que se apresenta ao seu redor. Excetuando-se essa característica, o homem, como animal que é, é também instinto. Tal aspecto não se mostra condizente com uma sociedade que busca segurança na unidade grupal. Regras são estabelecidas para que a convivência desses seres não se torne caótica. Impõem-se valores que buscam nivelar o homem e sua animalidade, para que, por fim, se torne um membro ativo e produtivo socialmente. O criminoso, nesse parâmetro, é o outro, aquele que não segue as regras, que se distingue e se torna um membro nocivo ao grupo e à harmonia do mesmo. É preciso suprimi-lo, nos Estados mais autoritários, ou afastá-lo do convívio social, nos sistemas ditos mais humanizantes.

Mas a questão da memória trouxe efeitos colaterais significativos ao homem: a má consciência é um exemplo bastante expressivo. O castigo, que nenhuma relação possui com a liberdade, uma vez que é um mecanismo de doutrinação imposto à força, conduziu o homem transgressor à reflexão de seus erros, pois a si é posta a ideologia de que se lhe é aplicado o castigo, isto só ocorre devido ao fato da sua falta de dever e comprometimento para com os valores morais cultuados no seio social. Para Nietzsche, a violência é a base de tais preceitos:

¹⁰⁰ NIETZSCHE. *Genealogia da moral*, II, p.48-49.

Nesta esfera, a das obrigações legais, está o foco de origem desse mundo de conceitos morais: “culpa”, “consciência”, “dever”, “sacralidade do dever” – o seu início, como o início de tudo grande na terra, foi largamente banhado em sangue. E não poderíamos acrescentar que no fundo esse mundo jamais perdeu inteiramente um certo odor de sangue e tortura? ¹⁰¹

A má consciência nasce da impossibilidade do indivíduo em esquecer, reafirmando-se a culpa perante determinada atitude. Através do castigo, desenvolve-se o sentimento de culpa, pois o efeito verdadeiro que se busca com a prática da punição nunca foi o de corrigir, mas ampliar o medo, a prudência, cautela, reforçando-se no castigado a sua memória, o que, para Nietzsche, em nenhum momento significa a melhora desse indivíduo, mas apenas a sua domesticação.

A necessidade da sociedade por indivíduos domesticados é inegável: um homem doutrinado segue os padrões que lhe são impostos sem qualquer questionamento mais enfático. Esse chamado “bom cidadão” é o modelo desejado pelas esferas de controle, que na sua busca pela doutrinação dos seus componentes, buscam efeitos que visam a “desconfiguração” do homem que, como já dito, é antes da superficial civilidade e modernidade, um animal, e como tal, imprevisível. É preciso torná-lo equilibrado, arrebanhá-lo para que os sistemas opressores não se alterem, para que as hierarquias se mantenham intocadas. Mas nesse âmbito, no ínterim desse sistema de desnaturalização do homem, advém a condição de enfermidade, uma vez que retira-se, ou intenta-se, aspectos cruciais para a constituição do homem enquanto tal. Sobre a má consciência, diz Nietzsche:

Neste ponto já não posso me furtar a oferecer uma primeira, provisória expressão da minha hipótese sobre a origem da “má consciência” [...]. Vejo a má consciência como a profunda doença que o homem teve de contrair sob a pressão mais radical das mudanças que viveu – a mudança que sobreveio quando ele se viu definitivamente encerrado no âmbito da sociedade e da paz. ¹⁰²

Para Nietzsche, aquilo que a humanidade compreende como estado de paz é um modo inerme de existência, uma tentativa de fuga, quase sempre frustrada, de uma inclinação natural à guerra, uma vez que a paz é uma condição que não refreia o desejo do homem à luta, ao conflito. Em *O Anticristo*, logo ao início da obra, Nietzsche expõe o que seria felicidade para o homem: “O que é felicidade? – O sentimento de que o poder *crece*, de que uma resistência é superada. Não a satisfação, mas mais poder; sobretudo *não* a paz, mas a guerra”. ¹⁰³ É preciso, entretanto, observar que o sentido de guerra utilizado pelo referido filósofo vai bem além da simples referência bélica, mas abarca também o posicionamento do indivíduo

¹⁰¹ NIETZSCHE. *Genealogia da moral*, II, p.55.

¹⁰² NIETZSCHE. *Genealogia da moral*, II, p.72.

¹⁰³ NIETZSCHE. *O Anticristo*, p.11.

frente aos problemas e adversidades. O homem que age, que se impõe, que se mostra ativo e criador, portador de um espírito livre, busca a guerra uma vez que as relações humanas efetuam-se, em sua grande maioria, através do conflito, da disputa cotidiana, do choque entre querereres.

O homem domesticado, conforme demonstrado, é o resultado de um longo processo que envolve dor e cerceamento, para resultar no tipo enfermo, aquele que busca a paz por não possuir mais forças para combater. Deixa-se conduzir por ideologias de amor ao próximo e de perdão, centradas na ideologia cristã de oferta da outra face. Esse processo civilizatório, que implica essencialmente em um sistema de domesticação e enfraquecimento do tipo homem, resulta na construção da civilização, que, por sua vez, apresenta em toda cultura uma parcela expressiva de adestramento. Mediante o erro, o “pecado” cometido, o homem aceita a sua culpa, assimilando-se enquanto ser reduzido ao animal amansado que apenas consente afirmativamente ao que lhe é imposto. Da memória para a promessa, a história humana se constitui enquanto fenômeno de inibição das forças do homem. Ao abrir mão, por força inicialmente, e depois por costume, daquilo que lhe é peculiar, o sujeito, em nome de uma civilização, bloqueia a expressividade de seus instintos, afetando tanto o corpo quanto a própria psicologia do indivíduo.

No plano literário, observando-se a percepção de Nietzsche acerca da memória e interpretando-se a obra machadiana, é possível depreender determinados aspectos sobre a postura de Brás Cubas no que se refere ao seu comportamento em suas *Memórias*, que, sob certa perspectiva, não deixa de ser um romance no qual as aventuras de um determinado indivíduo convergem para uma sequência linear de acontecimentos, os quais, ponderados, mostram-se como uma sucessão de falhas que dão à obra um tom realista e pessimista.: “Morriam uns, nasciam outros: eu continuava às moscas”.¹⁰⁴ Brás Cubas falha em suas empreitadas mais ambiciosas, e o seu caso ilegítimo com Virgília não se configura como uma vitória, uma vez que com o passar do tempo, a paixão entre ambos arrefece, resultando em um rompimento sem qualquer resquício do antigo ardor dos amantes: “Não a vi partir (Virgília); mas à hora marcada senti uma coisa que não era dor nem prazer, uma coisa mista, alívio e saudade, tudo misturado, em iguais doses”.¹⁰⁵

A intenção da confecção de um romance por um defunto confere à existência uma nulidade sem precedentes: do além vida, como forma de desfastio, Brás Cubas não fala do “outro lado”, nem sequer se dá ao trabalho de fazer qualquer referência ao plano no qual se

¹⁰⁴ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, CXVI, p.291.

¹⁰⁵ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, CXV, p.290.

encontra, o que demonstra, em um viés interpretativo que o além vida mostra-se, talvez, ao olhos do narrador, mais desinteressante do que a própria vida, quando a tinha. Morto, Brás recebe a autoridade necessária para expressar aquilo que em vida era-lhe negado. Sobre tal assunto, expressa Walter Benjamin: “a sanção de tudo o que o narrador pode contar. É da morte que ele deriva sua autoridade”.¹⁰⁶

Brás não escreve com o intuito de aconselhar, orientar, servir de modelo aos leitores (ao contrário, desrespeita-os vez ou outra), nem demonstrar, com a sua experiência, como evitar enganos, atropelos, equívocos. Brás Cubas não possui essa inclinação moral, o que demonstra que as intenções do narrador vão além das premissas evidentes, se as mesmas existem:

Estávamos na sala de visitas, que dava justamente para a chácara, onde trocáramos (Brás e Virgília) o beijo inicial. Uma janela aberta deixava entrar o vento, que sacudia frouxamente as cortinas, e eu fiquei a olhar para as cortinas, sem as ver. Empunhara o binóculo da imaginação; lobrigava, ao longe, uma casa nossa, uma vida nossa, um mundo nosso, em que não havia Lobo Neves, nem casamento, nem moral, nem nenhum outro liame, que nos tolhesse a expansão da vontade. Esta ideia embriagou-me; eliminados assim o mundo, a moral e o marido, bastava penetrar naquela habitação dos anjos.¹⁰⁷

No decorrer de *Memórias*, o leitor confronta-se com uma narrativa que enumera feitos que não se destacam, ao contrário, reafirmam uma interpretação negativa da existência humana, como se o homem fosse posto ao mundo com objetivo incerto, sem finalidade, o que ressalta o caráter niilista em Brás Cubas, mas com ressalvas, uma vez que o niilismo que o referido personagem apresenta não pode, naturalmente, assemelhar-se ao europeu, uma vez que os cenários são distintos e a história da Europa e da América Latina permeadas de percalços que caracterizam seus povos de modos diversificados.

No Brasil, com o fim da escravidão, criou-se no um cenário de expectativa, de crença no desenvolvimento e na melhoria de vida da população, esperança esta que sempre se mostrou frustrada. E nesse ponto, Brasil e Rússia se aproximam, pois nesta o sistema de servilismo foi uma realidade onde os indivíduos eram tratados como “almas”, como se fosse um tipo de específico de escravidão¹⁰⁸, tal qual a realidade da escravidão que perpetra uma contradição marcante que faz eco em solo brasileiro. O país das contradições e das desigualdades, encontra na burguesia o expoente dessa ambiguidade, tão presente em *Memórias*, através da ações por vezes estranhas e sem fundamento de Brás.

¹⁰⁶ BENJAMIM. *O narrador*, p. 208.

¹⁰⁷ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, LXIII, p.247.

¹⁰⁸ Somente a partir das reformas agrícolas ocorridas em 1961, que os servos ou mujiques russos receberam áreas para trabalhar e cultivar e passaram a ser considerados teoricamente livres. Contudo, muitos ainda viram-se inseridos em um sistema de servidão similar ao que aconteceu no Brasil no período pós-escravidão.

Machado é considerado por muitos um pessimista, afirmação esta que apenas considerando suas obras, destituindo-as do contexto histórico e social significativos nos quais foram concebidas se torna vazia e sem sentido. Conhecedor profundo do seu tempo e do povo brasileiro¹⁰⁹, Machado escreveu sobre o desencanto, a traição, a perda da confiança, a desesperança diante da realidade cruel e inflexível. Tanto Brasil quanto Rússia padeceram dos mesmos problemas e das mesmas incapacidades de resolvê-los satisfatoriamente. Os resultados desse panorama são inúmeros, e o niilismo pode ser considerado um desses pontos.

O niilismo de Brás Cubas é inquestionavelmente diferente do de Raskólnikov¹¹⁰, ou de Ivan Karamázov¹¹¹, por exemplo. Enquanto estes se voltam para uma espécie de sentimento mais sombrio de percepção da vida, Brás Cubas, por sua vez, é detentor de uma alegria peculiar, uma forma de viver que, se destituída de sentido, não pode ser classificada como de toda desagradável, o que, entretanto, não é o suficiente para que não lhe seja imposto o título de homem do subterrâneo.

Tal expressão foi concebida por Dostoiévski na obra *Memórias do subsolo*¹¹², e que se refere, basicamente, a um tipo distinto de homem: aquele que diante da vida não age e vive na eterna conjectura da vingança e mostra-se incapaz de esquecer uma ofensa sofrida. O homem do subterrâneo oculta-se na sua “toca”, de onde se volta contra o mundo, em um processo de si contra todos. Sobre tal tipo peculiar, esclarece Girard:

O orgulho do subsolo, o orgulho do subterrâneo, surpreendentemente, é um orgulho coletivo. O mais vivo sofrimento provém do fato de o herói não conseguir *distinguir-se* concretamente dos homens que o rodeiam. Pouco a pouco toma consciência do fracasso. Percebe que está rodeado de pequenos funcionários que têm os mesmos desejos e sofrem as mesmas derrotas. Todos os indivíduos do subterrâneo crêem-se tanto mais “únicos” quanto mais são, de fato, parecidos [...]. Cada um mantém e precipita no Outro e faz com que este confirme sua dupla ilusão de grandeza e abjeção; cada um mantém e precipita no outro o vai e vem da exaltação e do desespero. A imitação enraivecida generaliza-se e os conflitos estereis exasperam-se. Cada um exclama, como homem do subterrâneo: “Eu sou só um e eles são todos”.¹¹³

A concepção de homem ganha contornos mais nítidos na modernidade, o que não exclui a ideia de que tais homens existiram desde sempre na humanidade: o desejo de vingança, desforra, a inclinação para o conflito com o outro, a disputa, dentre outros aspectos,

¹⁰⁹ Neste ponto a vida de Machado de Assis não pode ser ignorada, pois a sua infância pobre é um fator de relevância na constituição de um panorama do pensamento do escritor e na sua visão crítica da realidade brasileira.

¹¹⁰ Personagem central da obra *Crime e Castigo*, de Dostoiévski, publicada em 1866.

¹¹¹ É o protótipo do tipo niilista, segundo a perspectiva de Dostoiévski. Um tipo ideológico, teórico das ideias niilistas que, entretanto, não as põe em prática no romance *Os Irmãos Karamázov*, incitando atitudes niilistas em outros personagens da obra.

¹¹² Também traduzida por *Notas do subsolo*.

¹¹³ GIRARD. *Dostoiévski*: do duplo à unidade, p.51-52.

são sentimentos e comportamentos inerentes ao que vem a ser o homem, contudo, o homem do subsolo, tal como compreendido por Dostoiévski, está interligado com o conceito de ressentimento, ou seja, a incapacidade de reagir diante das adversidades, do conflito com o seu semelhante.

A domesticação do homem, a sua transformação em um ser socialmente aceitável gerou efeitos colaterais que hoje se apresentam por meio de diversas neuroses e patologias. Através principalmente do cristianismo, o homem viu-se obrigado a reprimir seus instintos mais basilares, mais animais em nome de uma vida social organizada e segura, o que significa segurança para existir, progredir, constituir família etc., mas essa civilidade não suprimiu no homem os seus instintos, no máximo reprimiu-os, acarretando para a *psique* uma série de efeitos indesejados: o homem tornou-se temeroso, medo este que perpassa por uma simples doença até concepções mais apocalípticas, como o fim do mundo. Mas como observa Girard, esse temor nasce do contato com o outro, é nesse outro que o ‘eu’ projeta seus temores, suas inclinações, receios e preconceitos. Não se conhece o outro, nem se busca realmente conhecê-lo, o que gera inevitáveis conflitos e uma constante sensação de que, apesar da ideia de civilização no seu sentido mais positivo, o outro é sempre o inimigo a ser temido.

O homem do subsolo é o sujeito que internaliza de um modo significativo esse medo. Mas nesse aspecto, o outro também é pensado de forma semelhante, o que cria uma sociedade na qual o sentimento de disputa, de conflito constante se faz presente e a vida, principalmente a moderna, tornou-se uma incessante disputa por aquilo que hoje se considera o valor social máximo: sucesso financeiro. Estuda-se, trabalha-se, produz-se arte, escreve-se em grande parte para a satisfação do sucesso e do conseqüente retorno financeiro.

Nesse aspecto, Brás Cubas não se distingue dos demais, e seu sentimento de disputa emerge vez ou outra no romance, mas é com Virgília que tal sentimento se acentua: desprezado pela moça, que escolheu outro com um futuro promissor, Brás, anos depois, envolve-se com a mulher que o desprezou em nome de Lobo Neves, “um homem que não era mais esbelto do que eu, nem mais elegante, nem mais lido, nem mais simpático, e todavia foi quem me arrebatou Virgília [...] tal foi o começo da minha derrota”.¹¹⁴ O outro, expresso na figura de Lobo Neves, rouba-lhe a noiva não por inclinação amorosa, mas unicamente por conveniências sociais que resultariam em benefícios políticos, sociais e monetários para Lobo

¹¹⁴ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, XLIII, p.230.

Neves e Virgília, que desejava ser baronesa, anseio este que com Brás talvez não se efetivasse. Este se coloca na posição de irremediavelmente derrotado.

Essa perda, que marca negativamente a existência de Brás Cubas, algo que é reconhecido pelo próprio, desfaz fatalmente os planos que Brás Cubas pai havia articulado para o seu primogênito:

Meu pai ficou atônito com o desenlace (o fim do relacionamento de Brás com Virgília), e quer-me parecer que não morreu de outra coisa. Eram tantos os castelos que engenhara, tantos e tantíssimos os sonhos, que não podia vê-los assim esboroados, sem padecer de um forte abalo no organismo. A princípio não quis crê-lo. Um Cubas!¹¹⁵

Brás, por esse e por muitos outros motivos, alguns dos quais serão ainda abordados no decorrer do trabalho, pode ser inserido no campo dos ressentidos e, por conseguinte, dos niilistas, mas como foi dito, não no sentido europeu, mas abasileirado, ou seja, um tipo de pessimismo que impulsiona o indivíduo a um tipo de vida que parece resignar-se perante um destino de amargura, o que conduz a um deboche de todos os valores, uma vez que os mesmos mostram-se nulos diante da vida e dos dissabores que esta apresenta ao indivíduo¹¹⁶.

A profundidade da obra machadiana, conforme expresso no decorrer do trabalho, e que encontra inspiração na sociedade brasileira, no homem em geral, pode ser evidenciada na relação com outros autores, como Dostoiévski, que Schwarz já defendera. Em *Memórias do subsolo*, tem-se a presença de uma personagem que pode, sem embargo, ser colocada em diálogo com *Memórias*, uma vez que a profundidade dos dois personagens reflete o enigmático espírito humano ante as questões que norteiam o homem. O niilismo, nesse caso, se faz presente justamente pelo fato de que são esses valores morais que conduzem o homem a um estado de tentativa de adequação que não se efetua de forma harmoniosa. O ressentimento, o desejo de vingança que nunca se concretiza, a inércia, a inatividade, são marcas desse homem do subterrâneo que se mostra um produto enfermo da modernidade, como se reconhece o próprio personagem de *Memórias do subsolo*:

Sou um homem doente... Um homem mau. Um homem desagradável. Creio que soffro do fígado. Aliás, não entendo níquel da minha doença e não sei, ao certo, do que estou soffrendo. Não me trato e nunca me tratei, embora respeite a medicina e os

¹¹⁵ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, XLIV, p.231.

¹¹⁶ Os casos nos quais Brás apresenta uma atitude desdenhosa diante de certos fatos tristes e pesados abundam no livro, como o caso da morte de sua mãe, que ao fim do sétimo dia, sai para caçar. Oito dias após o falecimento do pai, encontra-se com a irmã, Sabina, para discutir a divisão dos bens paternos, não abrindo mão nem da prataria da casa. Estes e outros casos demonstram a indiferença de Brás Cubas diante de situações delicadas, as quais resolve fugindo ou simplesmente ignorando. As reflexões que por vezes surgem de tais momentos são de natureza superficial e não expressam quase nada de significativo para Brás, o que não o torna um personagem vazio ou simples, ao contrário, realçam sua profundidade, pois demonstra um comportamento complexo e difícil de interpretar.

médicos [...]. Mas, apesar de tudo, não me trato por uma questão de raiva. Se me dói o fígado, que doa ainda mais.¹¹⁷

Um dos aspectos da personalidade do homem do subterrâneo é a negação da vida, a desqualificação da existência como fenômeno que possibilita o crescimento pessoal, evitando-a através de um refúgio particular, do qual pode vociferar contra o mundo e contra as pessoas, pois se crê protegido desses dois polos. O homem do subsolo dostoiévskiano não nega que conhece a medicina, o que não permite uma classificação precípua que o designe como um indivíduo ignorante. Se há uma recusa em tratar-se é por raiva, despeito, ressentimento, descaso para consigo mesmo, talvez no propósito de acentuar sua dor e sua condição de miserável. Tal tipo, segundo Frank, recebeu uma dupla interjeição nos estudos sobre esse homem:

Os desenvolvimentos culturais mais importantes do presente século – Nietzscheísmo, Freudismo, Expressionismo, Surrealismo, Teologia da Crise, Existencialismo – invocaram o homem do subterrâneo ou mantiveram ligações com ele por meio de zelosos intérpretes; e quando o homem do subterrâneo não foi aclamado como uma antecipação profética, foi exibido como uma advertência sombria e repulsiva.¹¹⁸

Esse homem doente, cuja psicologia inspirou muitos estudos e acalorados debates nos mais diversos círculos de conhecimento, não é um tipo raro, não é o produto particular de um determinado efeito colateral da modernidade, ele é parte crucial desse sistema e do seu tempo. Em Brás Cubas as críticas sociais, morais, efetuam-se em um plano irônico, de tom zombeteiro e trocista, no homem do subsolo dostoiévskiano as censuras baseiam-se em um racionalismo de caráter moderno, o que, apesar da distinção, significa dizer que ambos voltam-se contra aquilo que os incomoda, contra uma estrutura social que os desagrada.

A ironia de Brás Cubas diante dos valores, que indica sua inclinação niilista, demonstra talvez um desejo reprimido de voltar-se contra esse mundo que o tratou, aos seus olhos, de forma injusta e cruel. Desde o primeiro e grande golpe, a perda da futura noiva, a Brás foram impostos uma série de acontecimentos, sucessivas derrotas que, em uma espécie de efeito em cadeia, impossibilitaram-no de chegar até o patamar que desejava. Até mesmo em suas supostas vitórias há um aspecto de insuficiência e perda: “Mas é certo também que, a despeito da superioridade de todos os momentos, o narrador faz figura sempre de inferior: algo nas suas vitórias não convence, e a série delas configura uma completa derrota”.¹¹⁹ Seus disfarces mediante tais fracassos existenciais foram efetuados através da galhofa, da comicidade, da filosofia barata, do desejo de ofender, de desclassificar, sempre tentando

¹¹⁷ DOSTOIÉVSKI. *Memórias do subsolo*, p.15.

¹¹⁸ FRANK. *Dostoiévski, os efeitos da libertação 1860-1865*, p.427.

¹¹⁹ SCHWARZ. *Um mestre na periferia do capitalismo*, p.30.

demonstrar que os saldos positivos foram maiores do que os negativos, o que, como se sabe, não é factível, pois dentre inúmeras perdas somente o fato de não ter precisado trabalhar para se sustentar não chega a ser nem um consolo.

No que se refere ao personagem de Dostoievski, aquele já foi funcionário, mas exercia sua função de modo bastante representativo no que se refere à natureza subterrânea:

Já estive empregado, atualmente não. Fui um funcionário maldoso, grosseiro, e encontrava prazer nisso. Não aceitava gratificações; no entanto, devia premiar-me ao menos desse modo [...]. Quando os solicitantes, com pedidos de informações, se acercavam da mesa junto à qual me sentava, eu lhes respondia com um ranger de dentes, e sentia um prazer insaciável quando conseguia magoar alguém. Conseguia isto quase sempre. Na maior parte dos casos, aparecia gente tímida: era natural, em se tratando de solicitantes.¹²⁰

Percebe-se no excerto acima a necessidade que o homem do subsolo sente em destratar o outro, principalmente quando este se mostra tímido e se encontra em uma situação de evidente dependência em relação ao funcionário ressentido que, aproveitando-se da sua situação de poder mediante o solicitante, impõe sua postura agressiva e grosseira, em uma tentativa de satisfação pessoal, uma vez que a sua pequenez diante do mundo e das outras pessoas exige por vezes um escape.

Não é sem motivo que o termo subterrâneo coaduna com tal tipo de homem, pois tal terminação, similar a subsolo e submundo, apresenta a concepção de uma existência abaixo da superfície, algo que se encontra oculto, que não se encontra no mesmo nível das demais pessoas. Subsolo, assim posto, também pode significar a passagem de uma forma de vida para outro tipo, no caso, o exemplo mais comum é o da morte, que representa em muitas culturas e civilizações a transposição da alma do indivíduo falecido de um estágio para o outro, ou seja, da vida para a morte. O submundo, nesse caso, pode representar, simbolicamente, no referido personagem dostoievskiano que ele deixou de viver, que a sua existência agora se encontra em uma subestrutura, que não é propriamente vida, mas algo remoto que lembra a sombra do que foi um dia realmente existir. No caso de Brás, não se pode esquecer a sua condição de defunto autor, da sua condição de morto que fala, vocifera, acusa, destrata, zomba, tal como o homem do subsolo.

Brás, oculto pela condição de morto, pode, enfim, falar as suas verdadeiras impressões, seu posicionamento exato, sem preocupações sociais, elitistas, morais: “Talvez espante ao leitor a franqueza com que lhe exponho e realço a minha mediocridade; advirto

¹²⁰ DOSTOIÉVSKI. *Memórias do subsolo*, p.15-16.

que a franqueza é a primeira virtude de um defunto”.¹²¹ A morte para Brás funciona como uma espécie de protetora, que lhe permite enunciar qualquer tipo de opinião, de convicção. Nesse caso, a morte adquire uma das suas interpretações mais significativas, ou seja, como passagem, que por sua vez pode conduzir a uma revelação. Para se iniciar uma vida nova é necessário morrer para a antiga, como é o caso de Brás, mas com ressalvas significativas: a condição de morto deu-lhe uma liberdade que não possuía, permitiu-lhe uma postura que em vida era impossível, pois a sociedade exigia de si determinado comportamento.

2.2. Nihilismo e morte

O caráter trocista de Brás Cubas ainda se faz sentir tanto na vida como na morte. É claro que quem narra é o Brás morto falando sobre o Brás vivo, o que poderia indicar que o pensamento do segundo nos é desconhecido, pois o que temos é um relato do primeiro e suas impressões particulares e situadas em uma nova condição existencial, contudo, mesmo que o Brás vivo não tenha uma voz direta, através dos seus atos é possível perceber o quanto ambos são similares, e que a morte, mesmo exercendo a função de passagem, não serviu como uma fomentadora de uma nova postura de Brás, antes, provavelmente reforçou o seu caráter satírico.

Interessante observar que Brás não faz qualquer consideração mais consistente sobre a sua condição de morto. Não é possível inferir se, conforme a mitologia cristã, ele ascendeu ou decaiu; se o seu espírito encontrou a paz que em vida não teve, o que indica outra crítica, implícita de Brás, referente a um valor, a uma concepção que se mostra tão cara ao homem: a da morte e sobre o que aguarda aquele que passa da existência para o não ser. Outra zombaria de Brás, outro desrespeito para com uma temática que fundamenta religiões, filosofias, teorias metafísicas.

Ao ignorar a sua condição de morto no sentido de maiores esclarecimentos, Brás situa a morte no plano da banalidade ou das coisas desimportantes, preferindo descrever seus amores fugazes e frustrações. Ressalta ainda que a vida é uma espécie de prisão:

Na vida, o olhar, a opinião, o contraste dos interesses, as lutas das cobiças obrigam a gente a calar os trapos velhos, a disfarçar rasgões e os remendos, a não estender ao mundo as revelações que faz à consciência; e o melhor da obrigação é quando, à força de embaçar os outros, embaça-se um homem a si mesmo, porque em tal caso poupa-se o vexame, que é uma sensação penosa, e a hipocrisia, que é um vício hediondo. Mas, na morte, que diferença! Que desabafo! Que liberdade! Como a

¹²¹ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, XXIV, p. 212.

gente pode sacudir fora a capa, deitar ao fosso as lantejoulas, despregar-se, despintar-se, desafeitar-se, confessar lisamente o que foi e o que deixou de ser! Porque, em suma, já não há vizinhos, nem amigos, nem inimigos, nem conhecidos, nem estranhos; não há platéia. O olhar da opinião, esse olhar agudo e judicial, perde a virtude, logo que pisamos o território da morte; não digo que ele se estenda para cá, e nos não examine e julgue; mas a nós é que não se nos dá o exame nem do julgamento. Senhores vivos, não há nada tão incomensurável como o desdém dos finados.¹²²

Nessa significativa passagem, na qual se nota uma espécie de ode à morte, na qual a vida é vista de forma acentuadamente negativa, percebe-se o tom expressivamente pessimista que corrobora o sentido niilista das palavras. O outro tem papel significativo, pois é representado através da sociedade que exige uma postura, que julga, corrompe e, inevitavelmente, entra-se em conflito. Aos olhos do homem do subsolo, postura da qual Brás Cubas comunga, o outro é a fonte dos seus sofrimentos, dos seus dissabores e desesperança, que transforma a vida em um tipo de prisão. O indivíduo deixa de ser quem é para adotar uma roupagem, uma postura que seja condizente com o que a sociedade impõe, descaracterizando-se o sujeito, que se submete a tal condicionamento por temer a opinião e o julgamento alheio.

Percebe-se que o homem do ressentimento, o homem do subterrâneo repassa para o outro as suas frustrações, a culpa por não ter sido quem gostaria. Se há fracasso, se há derrota, a culpa é unicamente do outro, que limitou e frustrou as tentativas do homem do subsolo, a exemplo de Brás que perdeu a possibilidade de uma vida farta e notória ao ver frustrada a oportunidade do casamento arranjado com Virgília.

O ressentimento se faz presente no tipo subterrâneo de homem e instaura a sua doença da inatividade e da eterna vingança, mesmo que esta se efetue apenas na mente desse indivíduo, que sofre constantemente, uma vez que o outro, em termos de sociedade, encontra-se em qualquer lugar, com exceção da “toca” do homem do subterrâneo, lugar no qual pode, enfim, ver-se afastado da presença alheia. Mas quando, por força da necessidade, precisa estar em contato com o outro, “o homem do subsolo domina e tiraniza qualquer um com quem entra em contato”.¹²³ Característica esta que nos traz novamente Brás Cubas, autor que mente ao seu leitor, que busca persuadi-lo da sua superioridade, mas que apenas acaba reforçando a fragilidade de si e do homem em geral. Nega os valores, ridiculariza a filosofia e, conforme o seu desejo, adultera a história da humanidade, reinterpreta, ao seu bel prazer e de acordo com seus interesses, acontecimentos significativos, coloca-se no mesmo patamar que significativas

¹²² ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, XXIV, p.212-213.

¹²³ FRANK. *Dostoiévski, os efeitos da libertação 1860-1865*, p.429.

personalidades religiosas, compara sua obra póstuma ao Pentateuco¹²⁴, tentando demonstrar uma superioridade que, por vezes, inexistente ou se mostra insuficiente.

Assim, essas características, postas nesse sentido, fazem de Brás Cubas um bufão interessante, contudo se observa que estas não são particularidades apenas de Brás, mas do homem moderno que, por força das aparências, quer aparentar algo que não é: seja através da sua roupa de marca, do seu carro novo, do bom salário que recebe, tudo se transforma em uma tentativa de elevar-se em relação ao outro, pois, rebaixando-o, o homem do subsolo consegue ascender, mesmo que de modo superficial e banal, através da ideologia de que o homem vencedor, na modernidade, e sob o olhar aprovador do capitalismo, é aquele que acumula bens e possui quantidades monetária vultosas.

Brás Cubas não se revela por inteiro, vai deixando pistas no decorrer da obra. Através de uma fala, um ação, um gesto, que servem como peças de um quebra-cabeça extenso e intrigante, Brás vai aos poucos revelando quem é de fato. Através do tom irônico e espirituoso, revela verdades da sua personalidade que, como em qualquer outro homem, delineiam ambição: “Talvez naturalista, literato, arqueólogo, banqueiro, político, ou até bispo – bispo que fosse -, uma vez que fosse um cargo, uma preeminência, uma grande reputação, uma posição superior”¹²⁵; um caráter cínico, como se percebe diante da sua fuga em relação à condição de Eugênia, que é coxa: “Eu cínico, alma sensível? Pela coxa de Diana! Esta injúria merecia ser lavada com sangue, se o sangue lavasse alguma coisa nesse mundo”¹²⁶; inveja: “Quando me lembrava do Lobo Neves, que já era deputado [...] perguntava a mim mesmo por que não seria melhor deputado e melhor marquês do que o Lobo Neves – eu que valia mais, muito mais do que ele –, e dizia isto a olhar para a ponta do nariz...”¹²⁷; dentre outros aspectos que, em si mesmos não equivalem a crimes morais graves, contudo, toda essa postura, toda essa prosa, conforme expressão de Schwarz, oculta um “falsete”, que se afirma na própria postura de Brás, que, por sua vez, tenciona vender-se ao leitor como homem moderno, mas não sustenta tal imagem, revelando em seguida ou nas próximas folhas do romance o seu verdadeiro “eu”:

A todo momento Brás exhibe o figurino do *gentleman* moderno, para desmerecê-lo em seguida, e voltar a adotá-lo, configurando uma inconseqüência que o curso do romance vai normalizar. É como se a conduta ilustrada fosse credora de respeitosa consideração, tanto quanto de escárnio, e funcionasse ora como norma

¹²⁴ Cf. ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, I, p.177.

¹²⁵ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, XX, p. 208.

¹²⁶ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, XXXIV, p.223.

¹²⁷ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, XLVII, p. 234.

indispensável, ora como trambolho – complementaridade que delinea um modo de ser.¹²⁸

Tanto Brás quanto o narrador dostoiévskiano de *Memórias do subsolo*, são indivíduos suspeitos, dignos de desconfiança e descrédito, pois em muitos momentos buscam iludir o leitor, tencionam conduzir quem os lê a caminhos obscuros e repletos de uma desfaçatez que coaduna com seus gênios, suas posições no subsolo. Há desconforto em suas falas, segundas intenções, desejo de gerar desconforto.

Tenho agora vontade de vos contar, senhores, queirais ouvi-lo ou não, por que não consegui tornar-me sequer um inseto. Vou dizer-vos solenemente que, muitas vezes, quis tornar-me um inseto. Mas nem disso fui digno. Juro-vos, senhores, que uma consciência muito perspicaz é uma doença, uma doença autêntica, completa [...]. Pensais, sou capaz de jurar, que escrevo tudo isso para causar efeito, para gracejar sobre os homens de ação, e também por mau gosto [...]. Mas, senhores, quem é que pode vangloriar-se das próprias doenças, e ainda procurar causar com elas um efeito?¹²⁹

Em diálogo constante com os leitores/senhores, Brás Cubas e o homem do subterrâneo querem seduzir e corromper, conduzindo por um caminho labiríntico de palavras e ideias que, não raro, contradizem-se e refletem os conflitos interiores dessas duas personagens que, (des)norteados pelo seu tempo e pelas incongruências das próprias sociedades nas quais estão inseridos, desenvolvem, cada um ao seu modo, uma forma de comportamento e relacionamento com o outro que pode beirar a patologia, como é o caso do homem do subsolo, que se afirma enfermo em grande parte da obra, ou a ironia, a falsidade, o fingimento petulante de Brás Cubas, mas ambos possuindo como características compartilhadas o vazio humano, a incapacidade de adequação a uma sociedade que brutaliza, pondo em constante rivalidade seus concidadãos, aqueles mesmos que, na teologia, nas premissas cristãs são denominados de “irmãos”.

Tal lógica não se harmoniza com a realidade, que exige a disputa, o enfrentamento constante e acirrado. Os mais fracos sucumbem, os temerosos se afastam, acovardados, os fortes regozijam-se com seus feitos, não significando aqui, em nenhum momento, que tal força signifique capacidade, preparo ou destemor, mas apenas, em muitos casos, uma condição favorável sobre o outro. O homem moderno é o indivíduo, em sua grande maioria, das vantagens, das articulações, do benefício próprio, do individualismo exacerbado. É também, através desse homem, que o niilismo se faz presente, pois o desejo de vitória, de beneficiar-se de algum modo sobre o outro, conduz algumas vezes o homem a suprimir

¹²⁸ SCHWARZ. *Um mestre na periferia do capitalismo*, p.19-20.

¹²⁹ DOSTOIÉVSKI. *Memórias do subsolo*, p. 18.

valores de respeito, de consideração para com o outro, em nome de conquistas particulares que, em sua parcela significativa, considera qualquer meio para o alcance dos seus fins.

Brás Cubas, nesse sentido, não é o homem da ação, assemelha-se outra vez ao indivíduo subterrâneo, que nada faz para alterar a sua situação, que prefere a conjectura à efetividade. Vale lembrar que a ideia de casamento rentável foi concebida por Cubas pai, que visava vantagens reais para o filho com tal matrimônio:

- Tu; é um homem notável, faz hoje as vezes de imperador. Demais, trago comigo uma ideia, um projeto, ou... sim, digo-te tudo; trago dois projetos, um lugar de deputado e um casamento [...].

Riu-se meu pai, e, depois de rir, tornou a falar sério. Era-me necessária a carreira política, dizia ele, por vinte e tantas razões, que deduziu com singular volubilidade, ilustrando-as com exemplos de pessoas do nosso conhecimento.¹³⁰

Brás não é o homem da atitude: a ideia de estudar em Lisboa partiu também forçosamente do pai, que o desejava vê-lo distante da prostituta Marcela, que lhe sugava os bens pecuniários de forma vigorosa. Após a morte da mãe e, por fim, do pai, brigou com a irmã por ganância (Brás não abriu mão da prataria que serviria mais à irmã por esta ser casada), resolvendo afastar-se e viver parcialmente recluso: “Vivi meio recluso, mas a maior parte do tempo passei-a comigo mesmo. Vivia; deixava-me ir ao curso e recurso dos sucessos e dos dias, ora buliçoso, ora apático, entre a ambição e o desânimo”.¹³¹

Posteriormente, após o fracasso do relacionamento adúltero com Virgília, Brás tenta outra vez casar-se, projeto este também articulado por outra pessoa, Sabina: “Não senhor, agora, quer você queira ou não, há de se casar – disse-me Sabina. Que belo futuro! Um solteirão sem filhos.”¹³². A moça escolhida foi Eulália Damasceno de Brito, ou Nhá-loló, proveniente de uma família sem tradição e nome, cujo pai era adepto das brigas de galo, costume este cultuado pelas classes baixas. O novo projeto também não foi adiante, pois a moça falecera.

Aos cinquenta anos, Brás confessa o seu desinteresse pelas relações afetivas: “E agora sinto que, se alguma dama tem seguido estas páginas, fecha o livro e não lê as restantes. Para ela extinguiu-se o interesse da minha vida, que era o amor.”¹³³ O desencanto com a vida, a ausência de uma perspectiva mais concreta se faz presente. Brás, fatigado, delimita o seu tempo de desistência: o amor, seu maior objetivo de vida, e talvez o único, revelado pelo

¹³⁰ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, XXVI, p.215.

¹³¹ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, XLVII, p.233-234.

¹³² ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, CXX, p. 295.

¹³³ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, CXXXV, p.304.

narrador, mostra-se incompatível com o agora quinquagenário, que se mostra abatido e triste¹³⁴, o que não significa, entretanto, o abandono do tom bufo e satírico.

Nesse ponto, a complexidade de Brás Cubas, bem como do homem subterrâneo se faz sentir mais intensamente: a impossibilidade de classificação em termos dicotômicos dessas personagens demonstra a complexidade dos mesmos como uma imagem refletida do homem moderno, que permanece em uma constante luta de si para consigo. Bondade e maldade mesclam-se, vontade e impotência intercalam-se, tornando quase intraduzível o que vem a ser exatamente o homem ressentido, o niilista na sua consciência que, apesar de visível aos olhos do leitor, não significam possibilidade de descerramento completo.

A descrença nos valores absolutos, no homem, em si mesmo em alguns casos, marca uma acusação que tanto Brás quanto o homem do subsolo faz contra os outros em um movimento simultâneo em que acusam, também, a si mesmos. O caráter autodestrutivo dos dois narradores assinala uma característica humana ambígua, que pertence ao subsolo do inconsciente de cada um, mas que vem à tona através de um gesto, de uma palavra, de uma expressão. O que se oculta no ar sarcástico de Brás Cubas? O que entrever para além da condição de enfermidade do funcionário dostoiévskiano do subsolo? O que ambos querem atingir com seus discursos irônicos e causticantes? As possibilidades de respostas são vastas: machucar, acusar, desmoralizar, expor mágoas e ressentimentos pessoais, destratar o outro, tomando-o por fonte de todos os males. Ignorar a época, bem como a sociedade, em que ambas as obras foram escritas não deve fazer parte da tarefa do crítico literário no seu trabalho de ausculta a obra literária, como afirma Cândido:

De fato, antes procurava-se mostrar que o valor e o significado de uma obra dependiam de ela exprimir ou não certo aspecto da realidade, e que este aspecto constituía o que ela tinha de essencial. Depois, chegou-se à posição oposta, procurando-se mostrar que a matéria de uma obra é secundária, e que a sua importância deriva das operações formais postas em jogo, conferindo-lhe uma peculiaridade que a torna de fato independente de quaisquer condicionamentos, sobretudo social, considerado inoperante como elemento de compreensão. Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno.¹³⁵

¹³⁴ Cf. ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, p.305.

¹³⁵ CANDIDO. *Literatura e sociedade*, p.13-14.

O posicionamento do crítico brasileiro coaduna com o de Frank, que, sobre *Memórias do subsolo*, afirma:

O homem do subterrâneo admite ser um masoquista desavergonhado, e todos os muitos analistas estão bastante felizes em aceitar essa admissão como uma boa explicação para o seu comportamento. No entanto, essa aceitação não leva em conta a relação da psicologia do homem do subterrâneo com sua formação sociocultural. Isso porque ele chega a explicar que seu sentimento de alegria deriva da “consciência hipertrofiada de [sua] própria degradação”, uma hiperconsciência que o convencia da impossibilidade de tornar-se alguma outra coisa ou de ter outra conduta mesmo que o quisesse.¹³⁶

Tal afirmação, apesar de referir-se ao homem do subsolo, serve, em parte a Brás Cubas, aquele que não conseguiu tornar-se chefe de família, pai, indivíduo famoso, não teve a capacidade, ou disposição, para “dourar” o nome Cubas. Sua formação sociocultural da qual fala Joseph Frank está interligada de forma indissociável com a questão do niilismo. Desde que o indivíduo nasce, são impostos sobre ele valores morais que irão, em inúmeros casos, determinar vários aspectos da sua personalidade. É, aqui, impossível debater o assunto que gira em torno de aspectos humanos como, por exemplo, a ambição: nasce-se ambicioso ou torna-se um por influências externas? O debate sobre tal assunto é extenso e por vezes contraditório, e não é intenção aqui reproduzi-lo, mas a questão serve em muitos aspectos para o vislumbre da complexidade de se tentar definir quem de fato é Brás Cubas. Identificá-lo com o homem do subsolo em determinados aspectos não significa clarificar os traços que o compõem. O que se tenciona com este trabalho, lembrando, é apontar, na modernidade, a presença do niilismo e como este se apresenta diante das atitudes de determinados indivíduos.

O assassinato de um homem pode, sem embargo, assinalar a presença do niilismo nesse ato. A subtração de uma caneta ou de um objeto considerado de menor valor, também, o que demonstra que este é um fenômeno que se encontra também interligado com o que vem a ser o homem. O professor Antônio Manuel de Castro oferece uma perspectiva sobre o assunto:

É necessário pensar a construção do homem a partir do mito. Isto pode ser visto no estudo de Jaa Torrano. Quando trata das três fases e três linhagens dos deuses, ele nota que o homem moderno é concebido em duas tendências: ou subjetividade psicológica, ou através das leis estabelecidas pela ciência que podem ser naturais, sociais, econômicas, culturais etc. É nessa tensão que se dá a personalidade. Esta vem de *persona*, máscara. Há aí uma construção do homem de cunho metafísico, baseada na aparência e no falso, a *persona*. Também é uma construção do homem baseada na de-cisão do agir do homem, onde a ação de homem tem seu fundamento na subjetividade e sua vontade, em seu querer.¹³⁷

¹³⁶ FRANK. *Dostoiévski, os efeitos da libertação 1860-1865*, p.438-439.

¹³⁷ CASTRO, *Dicionário de Poética e Pensamento*. Disponível em: <<http://www.dicpoetica.letras.ufrj.br/index.php/Homem>>. Acesso em: 12/05/2015.

Os dois pontos ressaltados por Castro, a subjetividade psicológica e as leis, são elementos cruciais na constituição daquilo que é o homem. Entretanto, os resultados dessas influências são particulares e imprevisíveis. A vida em sociedade implica em uma aceitação das regras estabelecidas socialmente que visam à manutenção regular e, sempre que possível, harmoniosa desse grupo, o que não significa, contudo, que o homem não irá, sempre que possível ou quando sentir-se inclinado, desfazer tal controle ao seu modo. A descrença em tais regras, principalmente quando efetuadas em um plano que não se encontra expresso juridicamente, mas moralmente, ou seja, no plano cultural, encontra barreiras na sua efetividade ou perpassa por modificações profundas de paradigmas quando fatores significativos, como guerras, descobertas científicas etc., modificam o pensamento do homem de modo contundente. A morte de Deus, como já dito, assinala essa alteração na visão do homem sobre uma parte daquilo que acreditava ser verdadeiro. O resultado desse processo, como se sabe, nomeou-se de niilismo, que encontra representatividade através dos conflitos internos e psicológicos do homem moderno.

A forma pessimista de Brás Cubas enxergar o mundo não implica necessariamente em um niilismo declaradamente avesso ao âmbito da concretude, mas um indivíduo que vê ao modo brasileiro, conforme explica DaMatta sobre o ser brasileiro:

Aqui, o Brasil é um ser parte conhecido e parte misterioso, como um grande e poderoso espírito. Como um Deus que está em todos os lugares e em nenhum, mas que também precisa dos homens para que possa se saber superior e onipotente. Onde quer que haja um brasileiro adulto, existe com ele o Brasil e, no entanto – tal como acontece com as divindades –, será preciso produzir e provocar a sua manifestação para que se possa sentir sua concretude e seu poder. Caso contrário, sua presença é tão inefável como a do ar que se respira, e dela não se teria consciência a não ser pela comparação, pelo contraste e pela percepção de algumas de suas manifestações mais contundentes.¹³⁸

Esse modo brasileiro de ser, tão intrinsecamente interligado com gostos, costumes, modos de se comportar, está condicionado pelo local de nascimento e permanência em tal local. As raízes que se criam nessa vivência não são desfeitas, criando o que se chama de identidade, a qual insere-se, inclusive, na forma como o indivíduo nativo assimila determinadas questões, como se posiciona face a este ou aquele problema. Excetuando-se as questões particulares, inerentes a cada uma, ou seja, o seu modo pessoal de ser, como já foi abordado, há traços, sejam linguísticos, culturais, religiosos, políticos etc., que identificam determinados grupos sociais e que são reconhecidos pelos mesmos como traços distintivos que, apesar de particulares, são também, no mesmo momento, universais, pois outros grupos

¹³⁸ DAMATTA. *O que faz do Brasil, Brasil?*, p.8.

apresentam suas peculiaridades. Não basta apenas identificar como se come, como se reza, mas o que se come e para quem se reza, por exemplo, para um mais significativo panorama de determinada sociedade, constituindo-se o que se chama de cultura.¹³⁹

Um dos traços do niilismo europeu é a negação de toda e qualquer autoridade. Entretanto, o Brasil foi e ainda é marcado pelo traço hierarquizante da sociedade, na qual homens de reputação, prestígios, cargos de poder, juristas, agentes da lei, dentre muitos outros, acreditam-se detentores de uma autoridade válida para todo e qualquer momento de suas existências, o que lhes daria “permissão”, por exemplo, em serem atendidos antes das demais pessoas. Nesse ponto, recorre-se outra vez a DaMatta:

Tudo leva a crer, então, que as relações entre a nossa “modernidade” – que se faz certamente sob a égide da ideologia igualitária e individualista – e a nossa moralidade (que parece hierarquizante, complementar e “holística”) são complexas e tendem a operar num jogo circular. Reforçando-se o eixo da igualdade, nosso esqueleto hierarquizante não desaparece automaticamente, mas se reforça e reage, inventando e descobrindo novas formas de manter-se.¹⁴⁰

A sociedade brasileira, extremamente hierarquizada, estabelece critérios que estão interligados com o passado do país, no qual determinados comportamentos, como o assistencialismo, a troca de favores, o “jeitinho brasileiro” ainda se fazem sentir nos dias atuais e servem como pano de fundo para uma caracterização particular de niilismo no Brasil.

Brás Cubas, nesse sentido, é um autêntico representante da sociedade brasileira, com o detalhe de que ele, pertencente da pequena camada abastada, encontra-se no campo daqueles que se creem privilegiados por fazerem parte dessa elite, o que, entretanto, não exclui em nenhum momento o seu caráter pessimista e sua conduta de desvalorização da vida, pois a primeira característica não exclui absolutamente a segunda, o que demonstra que o niilismo, independente de país ou classe social, efetua-se e atua. Como já dito, o fato de não ter precisado ganhar o pão com o suor do seu rosto não significou grande coisa, pois a

¹³⁹ Não se quer aqui debater o conceito de cultura, que encontra em vários teóricos diversas possibilidades de explicação para o surgimento do que se compreende por cultura hoje, ou seja, toda a produção humana que, de um modo ou de outro, interviu na natureza com o intuito de modificá-la. A conceituação de um simples fruto em banana ou maçã já demonstra essa tentativa de apropriação humana dos elementos da natureza. Para estudiosos como Kenneth Oakley, a habilidade manual foi determinante para o desenvolvimento do intelecto e, conseqüentemente, da cultura. Para Lévi-Strauss a imposição da primeira regra, ou lei, a saber, a proibição do incesto, marca o nascimento da cultura. Outros ainda perpassam a questão cultural com o desenvolvimento biológico. Contudo, na maioria dessas conjecturas, aponta-se um fator determinante, um aspecto crucial para que o homem, de um momento para outro passasse de um ser primata irracional para outro estágio. Contudo, como afirma Roque de Barros Laraia, a natureza não atua através de saltos, demarcando pontos específicos que podem ser claramente definidos e demarcados, ao contrário, a natureza age de forma incrivelmente lenta. Se houve uma espécie de evolução do homem, principalmente no que se refere ao corpo, à sua estrutura física e intelectual, esta se efetuou no decorrer de milhões de anos. Dessa forma, pode-se afirmar que a cultura sofreu um processo longo e lento de gestação na mesma proporção que o homem.

¹⁴⁰ DAMATTA. *Carnavais, malandros e heróis*, p.201.

superficialidade das suas não realizações são mais expressivas: “A lista do que Brás não foi se poderia encompridar, e parece dizer, por extensão, que ele não foi nada. Isto é, nada de *apresentável*, na ordem burguesa das realizações individuais, devidas a esforço ou mérito”.¹⁴¹

A riqueza demarca um estilo de vida que, como visto em Brás, não apresentou outra serventia além de reforçar sua inércia e falta de inclinação para agir. Em termos existenciais, o niilismo demarca problemas humanos que perpassam pela divisão de classes, pela desigualdade social, mas não se encerra aí. As feições particulares que o niilismo adquire no Brasil, o que se vislumbra através de determinados aspectos de Brás, decorre de um todo generalizante que considera características essenciais de cada povo.

Brás Cubas, conforme afirmamos antes, é o típico homem do subsolo, pois ruma contra a sociedade sustentando uma postura de escárnio, galhofa e até mesmo descaso perante a existência. Entretanto, não queremos dizer com isso que não pode existir um aspecto positivo em tal posicionamento. Afinal, o homem do subsolo não deve ser caracterizado como um ser totalmente execrável, ao contrário, sua fina ironia, como no caso específico de Brás, põe em destaque um aspecto mordaz, o qual se introduz em alguns momentos, como uma forma de crítica, como argumenta no capítulo denominado “O estrume”, no qual argumenta sobre os benefícios da corrupção de Dona Plácida como algo benéfico para ela mesma, pois se não fosse pelo adultério de Brás e Virgília, a virtuosa senhora não livrar-se-ia da mendicância:

Súbito deu-me a consciência um repelão, acusou-me de ter feito capitular a probidade de Dona Plácida, obrigando-a a um papel torpe, depois de uma longa vida de trabalho e privações. Medianeira não era melhor que concubina, e eu tinha-a baixado a esse ofício, à custa de obséquios e dinheiros. Foi o que me disse a consciência; fiquei uns dez minutos sem saber que lhe replicasse [...]. Concordei que assim era, mas aleguei que a velhice de Dona Plácida estava agora ao abrigo da mendicidade: era uma compensação. Se não fossem os meus amores, provavelmente Dona Plácida acabaria como tantas outras criaturas humanas; donde se poderia deduzir que o vício é muitas vezes o estrume da virtude. O que não impede que a virtude seja uma flor cheirosa e sã.¹⁴²

É preciso ressaltar que o humor, a ironia, dentre outros aspectos similares, são também formas de resistência e de crítica aos valores estabelecidos. O desprezo a uma ordem, a uma lei vigente, também se faz através destes aspectos, que não precisam ser, necessariamente, extremistas ao modo do europeu, mais especificamente, do russo niilista.¹⁴³

¹⁴¹ SCHWARZ. *Um mestre na periferia do capitalismo*, p.128.

¹⁴² ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, LXXVI, p.259-260.

¹⁴³ Em *Crime e Castigo*, por exemplo, Dostoiévski apresenta Raskólnikov, o jovem latrocida niilista, como uma espécie de admirador de Napoleão. Segundo Joseph Frank, em *Dostoiévski, os anos milagrosos*, Dostoiévski compreendia Napoleão como o indivíduo que apresenta absoluto desprezo para com a vida humana, bem como pelas leis morais. Tal concepção está expressa no artigo que Raskólnikov escreve a um jornal, no qual descreve que ao homem superior tudo é permitido, inclusive matar. Dessa forma, Dostoiévski, em suas obras, adverte para

A visão do filósofo tcheco, naturalizado brasileiro, Vilém Flusser traz o conceito de niilismo para mais perto do Brasil, deslocando-o da fixidez com a qual até então era investido na Europa, tratado, em diversos casos, como um assunto eminentemente europeu¹⁴⁴. Segundo o filósofo tcheco, na obra *Fenomenologia do Brasileiro*, o tipo brasileiro encontra-se intercalado com aspectos que se afastam significativamente da Europa: a alienação, o não sentimento de inserção na história, a não identificação com a terra, e a natureza, na qual vive, a indiferença para com o outro. Estes e tantos outros aspectos marcam o brasileiro de modo acentuado. Tais pontos podem ser interpretados sob um cenário niilista, como argumenta Feitosa: “É importante observar que Flusser não usa em nenhum momento (em *Fenomenologia do brasileiro*) o termo ‘niilismo’, mas a questão está lá, expressa em termos de alienação, desenraizamento e decadência”.¹⁴⁵

Machado de Assis buscou na sociedade brasileira os aspectos humanos contraditórios gerais que serviram de base para a confecção de suas personagens, mas também situou tal contradição a um plano nacional. Brás Cubas é um típico exemplo da elite agrária brasileira da época machadiana, mas o escritor carioca não se limitou ao plano das classes abastadas: Prudêncio se faz presente, através do seu conflito de ex-escravo em tentar aparentar ser também um senhor ao adquirir para si um escravo; D. Plácida, a mulher honrada que por força da necessidade torna-se alcoviteira dos amores adúlteros de Brás e Virgília; Nhá Loló, moça pobre que Brás iria “arrancar” do pântano (a família na qual a moça havia nascido).

Dostoievski, de modo semelhante, busca na sociedade motes para seus romances, contos e novelas. Um dos costumes do escritor era recortar e guardar notícias de jornais que chamavam sua atenção. Seu homem do subterrâneo marca, como Brás, a contradição das ações e do pensamento. Não se está aqui falando de homens bons ou maus, mas de personagens que representam com profundidade os conflitos internos de cada indivíduo, não importa em qual grau for.

O sentimento de impotência, de desalento, de fraqueza e inércia são, em alguns momentos da vida dos indivíduos, fatos concretos e naturais. Contudo, o que ambos querem repassar é um estágio mais acentuado de tais sentimentos, processo resultante em grande parte de fatores externos que se personificam através do outro: quando perdeu a cadeira da Câmara dos deputados, novamente o outro é aquele a quem tem de fugir por força do fracasso:

o niilismo e seu uso na defesa extrema de atos inclusive criminosos, o que se mostrou atual na época, pois muitos atentados, principalmente contra membros da aristocracia russa e outras autoridades ocorreram na Rússia, inclusive uma tentativa de assassinato contra o czar, tendo, em alguns casos, a ideologia niilista como base ideológica.

¹⁴⁴ Citam-se aqui os filósofos Nietzsche e Heidegger como exemplos.

¹⁴⁵ FEITOSA. *No-nada. Formas brasileiras do niilismo*, p.7.

- Mas, enfim, que pretendes fazer agora? – perguntou-me Quincas Borba, indo pôr a xícara vazia no parapeito de uma das janelas.

- Não sei; vou meter-me na Tijuca; fugir aos homens. Estou envergonhado, aborrecido. Tantos sonhos, meu caro Borba, tantos sonhos, e não sou nada.¹⁴⁶

Diante de nova derrota, Brás toma como resolução imediata a fuga, pois teme a apreciação alheia. No fragmento acima, o narrador reassume a sua condição de nadificação, aqui compreendida através do insucesso em manter qualquer projeto em curso. O sonho de chegar a postos mais avançados na política havia sido frustrado. Percebe-se na voz de Brás que a sua definição de si se faz através daquilo que ele conquista ou alcança, se isto não ocorrer, Brás situa a si mesmo no plano do nada, desconsiderando tudo o mais.

Diante do desanimo de Brás, o amigo filósofo aconselha-o a abrir um jornal:

Para distrair-me, (Quincas) convidou-me para sair; saímos para os lados do Engenho Velho. Íamos a pé, filosofando as coisas. Nunca há de me esquecer o benefício desse grande passeio. A palavra daquele grande homem era a cordial sabedoria. Disse-me ele que eu não podia fugir ao combate; se me fechavam a tribuna, cumpria-me abrir um jornal. Chegou a usar uma expressão menos elevada, mostrando assim que a língua filosófica podia, vez ou outra, retemperar-se no calão do povo. Funda um jornal, disse-me ele, e “desmancha toda essa igrejainha”.

- Magnífica ideia! Vou fundar um jornal, vou escachá-los, vou...¹⁴⁷

Novamente o espírito do homem subterrâneo se faz presente em Brás Cubas: são os outros que decidem por ele. A ideia da fundação do jornal não demonstra um desejo autêntico de informar, instruir ou servir, de fato, como um instrumento cultural, mas unicamente como meio de proporcionar a Brás uma espécie de vingança contra aqueles que não permitiram a sua reeleição.

Assim posto, nota-se que Brás Cubas reafirma sua inclinação de homem apático, cujas decisões e ideias ficam ao encargo dos outros, em um movimento de dupla significação para o narrador, pois são os outros que o atacam, que lhe furtam a noiva e impedem-no de continuar sua trajetória rumo aos postos mais elevados no campo político. Mas também são esses outros que o aconselham, orientam-no, de certa forma, a vida, os projetos. E dessa forma sua vida prossegue, buscando, diante de uma dificuldade, fugir, evitar os entraves através da desistência. O homem do ressentimento fala outra vez através de Brás Cubas, que não aceita, não digere satisfatoriamente a perda da sua vaga na Câmara. O orgulho apresenta-se em Brás, mas em um sentido diferente, ressentido, pois, de fato, não é um orgulho ferido que o narrador defunto apresenta ante mais uma ruína, mas uma espécie de egoísmo vingativo disfarçado:

¹⁴⁶ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, CXLI, p.308.

¹⁴⁷ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, CXXXV, p.308.

Todas as morais que repousam sobre a harmonia entre o interesse geral e os interesses particulares “bem compreendidos” confundem o orgulho com o egoísmo, no sentido tradicional do termo. Seus inventores nem desconfiam que o orgulho é contraditório em sua essência, duplicado e dilacerado entre o Eu e o Outro.¹⁴⁸

No homem do subsolo dostoiévskiano, a questão da vingança é fonte de reflexão e inveja, pois para se vingar é necessário movimento, força de vontade, decisão, capacidade de manutenção da sua vingança até as últimas consequências, mesmo que um muro, metáfora para algum grave impedimento, interponha-se entre si e o outro que deve sofrer os efeitos dessa vingança:

Finalmente, mesmo que eu renunciasse a ser generoso e, ao contrário, quisesse vingar-me do ofensor, de nada poderia vingar-me nem de ninguém, pois certamente, não ousaria fazer algo, mesmo que pudesse [...]. Como é que faz, por exemplo, aquele que sabe vingar-se e, de modo geral, defender-se? Quando o sentimento de vingança, suponhamos, se apodera dele, nada mais resta em seu espírito, a não ser este sentimento. Um cavaleiro desse tipo pode atirar-se diretamente ao objetivo, como um touro enfurecido, de chifres abaixados, e somente um muro pode detê-lo.¹⁴⁹

O homem do subterrâneo inveja aquele que, efetivamente, põe em curso a sua vingança, parando somente, e talvez, mediante um muro, pois esta ação significa princípio de atitude, algo que falta ao homem do subsolo, acostumado apenas ao projeto de vingança sem nunca colocá-lo em prática. O homem do subsolo, de fato, é um tipo doente, mas não no sentido comumente utilizado de enfermidade, pois o ressentimento, intensificado e sem vias de escape, torna-o sensível ao extremo. Entretanto, as personagens dostoiévskianas tem, também, a função de conduzir o leitor a indagações sobre sua própria existência. Qual o limite para a ação e a espera? Não há medidas exatas para uma possibilidade de resposta, nem jamais haverá, pois cada homem é teoricamente responsável por si. Dessa forma, recolher-se a si mesmo, em um sentido psicológico, mostra-se como uma atitude enferma, pois o homem não é só pura inteligência, ele também, através do seu corpo, mostra que é impulso, desejo, vontade.

Sobre a questão do debate acerca da existência, Camus aponta os personagens dostoiévskianos: “Todos os heróis de Dostoiévski se questionam sobre o sentido da vida”, contudo, tal questão “é colocada com tal intensidade que só admite soluções extremas. A existência é enganosa ou é eterna”.¹⁵⁰

Definir o que é vida sem utilizar termos e expressões biológicas se torna tarefa bastante complexa. Não há uma definição exata sobre o que é viver, o que vem a ser o existir de fato. Se a consciência, o *cogito*, como desejava Descartes for a resposta para tal questão,

¹⁴⁸ GIRARD. *A crítica no subsolo*, p.76.

¹⁴⁹ DOSTOIÉVSKI. *Memórias do subsolo*, p. 21.

¹⁵⁰ CAMUS. *O Mito de Sísifo*, p.106.

significa dizer que o homem que dorme não existe, pois ali não se configura como um momento de consciência. Se viver é desfrutar das coisas boas que a vida tem para oferecer, pode-se afirmar, sem medo, que muitos homens não existem, pois, condicionados, vivem metodicamente e conforme a doutrina capitalista de produção e lucro constante.

Como niilista, o homem do subsolo, descrê de si e dos outros. A civilização, para si, não representa nada de significativo: “A civilização elabora no homem apenas a multiplicidade de sensações e... absolutamente nada mais”.¹⁵¹ O descaso para com um dos elementos de orgulho do homem, a civilização, é defendida através de argumento de natureza quase sempre negativas: para o narrador dostoiévskiano, até mesmos criminosos sanguinários fazem parte da civilização, o que, portanto, demonstra que ser civilizado não indica sinal de evolução ou orgulho. Seu ressentimento se volta contra todos aqueles que ele, do seu subsolo, não consegue imitar.

É possível detectar no monólogo do personagem de *Memórias do subsolo* o que Bakhtin chamou de polifonia:

Combinar numa criação artísticas confissões filosóficas com incidentes criminais, incluir o drama religioso na fábula da história vulgar, através de todas as peripécias da narrativa de aventura, conduzir as revelações de um novo mistério – eis as tarefas artísticas que se colocam diante de Dostoiévski e o chamavam a um complexo trabalho criativo.¹⁵²

As múltiplas vozes dos personagens dostoiévskianos rivalizam, contradizem-se, por vezes entram em conflito com o próprio autor, uma vez que parecem ganhar expressividade particular. O homem do subterrâneo divaga, filosofa, acusa, ofende, vocifera, tal como Brás Cubas, demonstrando um conhecimento que se interliga entre a psicologia, cultura geral, profunda visão do homem, o que o torna um crítico mais mordaz do outro. Nesse cenário, afirma-se que Brás Cubas, que adentra por diversos meandros da sua natureza e dos outros, também pode ser considerado um personagem polifônico, o que se percebe no jogo entre, basicamente, dois Brás Cubas: o narrador, já na condição de morto, e aquele sobre quem se fala, o vivo, aquele que, enquanto existente, precisava adotar posturas, adotar máscaras sociais.

Se *Memórias* for lida sob uma ótica mais atenta, perceber-se-á que há o narrador que fala de si, mas em uma outra situação bem distinta: morto, pode acusar, expor suas aflições, fraquezas, decepções, ludíbrios, sem precisar se preocupar com a opinião alheia. Quando vivo, sua percepção de mundo era outra, que não sabemos, pois tudo o que se sabe sobre o

¹⁵¹ DOSTOIÉVSKI. *Memórias do subsolo*, p.36.

¹⁵² BAKHTIN. *Problemas da poética de Dostoiévski*, p.14.

Brás Cubas vivo é reproduzido, e nesse processo há um quê também de interpretação do ponto de vista do morto. Não se sabe, diretamente, o que Brás vivo pensa, pois chega ao leitor apenas aquilo que o Brás morto julga através de seus olhos de defunto. É possível, também, que talvez não exista muitas diferenças de perspectivas entre um e outro, mas é provável que a morte tenha acentuado ainda mais as virtudes negativas de Brás Cubas, que antes agia tolhido e preocupado com o julgamento do outro, da aprovação deste em alguns casos.

Outro aspecto polifônico identificável com Brás: suas investidas em diversas áreas do conhecimento. Sobre o jurídico, no qual se formou em Coimbra, nada sabe, o que já demonstra um contrassenso entre o que é e aquilo que desejava ser. Brás adentra no campo da história, religião, filosofia, sem fixar-se em nada, como se todo esse conhecimento fosse inacessível em sua completude para si, ou, em outro caso, nada se configurasse como atrativo, servindo-se de tais dados apenas como forma de dourar algumas das suas reflexões ou demonstrar sapiência, o que, entretanto, desfaz-se diante dos problemas concretos, o que conduz Brás a uma certa impaciência: “ - Vai para o diabo com o teu Humanitismo, interrompi-o; estou farto de filosofias que me não levam a coisa nenhuma”.¹⁵³

No ato de ressentir do homem do subsolo, sua memória ganha expressividade para lembrar-se de cada ofensa a si dirigida: “No seu leito de morte, há de tornar a lembrar tudo com juro acumulados em todo esse tempo”¹⁵⁴, fala o indivíduo do submundo de si mesmo, lançando-se ao projeto de escrever toda a sua vida, de trás para frente, já em um ato de rebeldia e transgressão, empreendendo a concepção de um romance que consegue concretizar, talvez o único plano que conseguiu completar, mas não em vida.

Além da semelhança do termo “memórias” das duas obras, nota-se que a questão da recordação pode servir como uma espécie de esforço catártico para ambos os narradores, mas que não surte o efeito comumente esperado, o de aliviar tensões, sentimentos represados, mas que visam expor frustrações e mágoas advindas do contato com o outro. As memórias de ambos não são assinaladas por momentos felizes, de autêntica e harmoniosa relação com o outro, mas permeado de conflitos, disputas, desavenças, incompatibilidades.

Brás despede-se da vida tentando convencer o leitor de que não partiu em dividendo com ninguém, ao contrário, há ainda um saldo positivo: “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria”¹⁵⁵, famosa e já bastante debatida afirmação, a

¹⁵³ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, CXL, p.307.

¹⁵⁴ DOSTOIÉVSKI. *Memórias do subsolo*, p.24.

¹⁵⁵ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, CLX, p.320.

qual, argumentam muitos estudiosos da área, configura-se enquanto uma desfaçatez de Brás Cubas, que mentiu pela última vez no romance.

A miséria (humana) é posta pelo narrador e deixada em aberto: a miséria sob quais perspectivas? Na interação do homem para com o seu semelhante? Na incapacidade humana de resolver problemas que estarão por um significativo tempo interligados com arrogância, ganância, necessidades pessoais e outras características que tornam muitas vezes as relações humanas quase impossíveis? Ou Brás estaria se referindo a uma miséria particular, própria dos Cubas, cujas ambições, e talvez fale por si, tenham sido todas frustradas, o que lhe conferiu uma visão turva e cinza da vida? Assim como em *Dom Casmurro*, Machado de Assis deixa em dúvida também esta questão.

Apontar aspectos do niilismo em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* não é um exercício reflexivo que se limita a interpor conceitos filosóficos sobre a referida obra, mas desvelar os aspectos referentes a um fenômeno que não escolhe classe social, idade, sexo, religião, cor etc., acontecimento este que se encontra presente na própria essência humana, como ser que se interroga, que crê e descrê, que articula pensamentos que constroem e diluem; ser este que cria valores, mas que não pode prever os resultados desse processo, pois a imprevisibilidade do homem, apesar da sua civilidade, da sua cultura, educação, que sob certos aspectos são também formas de doutrinação, põe por terra concepções que em um momento considera indispensáveis e sagradas no sentido mais restrito do termo, para em outro, destruí-las, debochando de algo que um dia foi considerado como verdade absoluta.

Brás Cubas, bem como o homem do subsolo, apresentam esse contraste entre sociedade e indivíduo, associação esta que nem sempre se efetua em plano harmonioso, pois a pressão sobre o indivíduo gera consequências muitas vezes destrutivas para ambos os lados, o que não é algo de todo negativo, pois o surgimento de algo novo quase sempre se efetua nos escombros do antigo.

Apontar os aspectos niilistas no homem moderno não é denegri-lo ou situá-lo em um plano de completa barbárie ou degradação, uma vez que, sendo imprevisível, pode-se aguardar como resultado desse processo qualquer coisa, não apenas as negativas, pois um deus morto não significa a absoluta e irreversível condição de desconsideração da vida humana, há outros valores, naturais, como os que nascem entre pais e filhos, por exemplo, que independem de catequização, doutrinação ou qualquer outra forma ideológica de condicionamento do pensamento e postura humana.

Nesse âmbito, o niilismo soa como um aviso, uma forma de concepção do ser humano que converge para um pensamento: de que o homem pode ser coagido a pensar, agir,

trabalhar, viver, mas que tal condição não há de ser perpétua, pois o homem é um ser que foi domesticado pelas mais diversas instituições sociais, mas seus instintos nunca foram erradicados.

CAPÍTULO 3

O riso niilista de Brás Cubas

3.1. O riso de Brás Cubas e o riso de Zaratustra

A facilidade com a qual Machado de Assis transita do trágico para o cômico tem sido objeto de estudo de muitos pesquisadores. O risível do escritor carioca apresenta-se sob diversas vertentes que adentram em assuntos como política, morte, sociedade e o próprio ser humano, nada escapa ao olhar zombeteiro de Machado que, através das suas personagens, descortina vícios e falsas morais que induzem ao cômico, ao riso. Entretanto não qualquer riso, mas um tipo bastante particular, no qual o espírito humano parece rir de si mesmo e das suas falhas enquanto criatura racional.

Em certo sentido, esse caráter cômico presente nas obras de Machado visa mais atingir o outro, agredir, do que propriamente causar um efeito meramente cômico que irá anuviar o leitor de suas angústias particulares. Machado não busca esse efeito, pois sua crítica à sociedade efetua-se de modo menos violento, mas nem por isso destituído de forte caráter agressivo, pois o referido escritor alcança um resultado que poucos escritores conseguem: fazer com que o seu leitor ria de si mesmo, como se olhasse para um espelho e vislumbrasse um personagem comicamente bufão. Em *Memórias Póstumas*, percebe-se esse caráter da primeira à última página do livro, obra na qual o narrador defunto, ao dedicar a sua obra aos vermes, já demonstra uma crítica acentuada aos homens, reafirmando a certeza de que nenhum ser vivo racional é merecedor de tal romance. Este é, sem dúvida, o segundo ataque do narrador ao seu leitor, com o qual estabelece relações delicadas, uma vez que, no aviso ao leitor, Brás Cubas desdenha o leitor, afirmando que a obra agradará a este, mas se não o fizer, tanto faz: “A obra em si mesma é tudo: se te agradar, fino leitor, pago-me a tarefa; se te não agradar, pago-te com um piparote, e adeus”.¹⁵⁶

Contudo, é preciso atentar para determinados detalhes no que se refere a esse caráter risível na referida obra machadiana, pois o riso, o cômico, o engraçado, nem sempre possuem aspectos positivos, uma vez que o ato de rir ou gargalhar por vezes adquirem contornos negativos conforme a situações na qual o indivíduo está inserido. O riso, dependendo da sociedade, ou do indivíduo, pode representar uma crítica, uma denuncia, um gesto de repúdio ou repulsa, e ainda uma forma de interpretação da realidade conforme corrobora Marmysz:

De bom humor somos capazes de ver as coisas a partir de mais do que um único, rígido, e limitado ponto de vista. Humor nos permite mudar a nossa perspectiva a

¹⁵⁶ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, p.173.

fim de compreender como é que todas as coisas do mundo podem caber em uma estrutura grandiosa de ocultas associações conceituais.¹⁵⁷

Indubitavelmente, a via do humor possibilita uma compreensão multifacetada da realidade, bem distinta da perspectiva circunscrita e delimitada costumaz ao ser humano. Estudado desde a Antiguidade¹⁵⁸, o humor está presente inclusive entre os deuses e as entidades mitológicas. Sobre o riso, fala-no Bergson:

Passemos à sociedade. Vivendo nela, vivendo por ela, não podemos deixar de tratá-la como um ser vivo. Risível será, pois, a imagem que nos surgirá à idéia de uma sociedade que se disfarce e, por assim dizer, de um carnaval. Ora, essa idéia se forma a partir do momento em que percebamos o inerte, o já feito, o confeccionado, enfim, na superfície da sociedade viva. É da rigidez ainda que se trata, e que não se coaduna com a flexibilidade interior da vida. O aspecto cerimonioso da vida social deverá, portanto, encerrar certa comicidade latente, a qual só espera uma ocasião para exhibir-se plenamente.¹⁵⁹

O cômico, para Bergson, está presente na própria sociedade quando esta busca mascarar-se de algo que de fato ela não é. Pode-se destacar nesse ponto as questões morais, que norteiam o comportamento do homem, não sem um caráter arbitrário, mas que de modo algum suprimem os impulsos ou a natureza do homem, cujo conflito constante se faz presente em decorrência dessas regras e normas impostas, socialmente ou juridicamente, e aquilo que o homem realmente deseja ou busca. Lessing associa, por sua vez, a comicidade com um caráter que pode ser compreendido como corretivo:

A comédia pretende corrigir pelo riso, mas não pela troça. Corrigir, não aqueles defeitos que nos fazem rir, e muito menos apenas as pessoas em quem encontramos esses defeitos. A sua verdadeira utilidade geral reside no riso em si, no exercício da nossa capacidade de notar o que é ridículo, de o descobrir fácil e rapidamente sob todas as capas da paixão e da moda, em que todas as associações com outras qualidades, piores e melhores, até mesmo nas rugas da seriedade festiva. [...] O remédio preventivo é também muito importante, e para a moral não há remédio melhor nem mais eficaz do que o cômico.¹⁶⁰

Bakhtin coaduna com a concepção de que o riso possui uma tarefa social na qual é tencionada uma forma de crítica na qual o caráter de seriedade não é capaz de dar conta: “Na forma do riso resolvía-se muito daquilo que era inacessível na forma do sério”.¹⁶¹

¹⁵⁷ “In good humor we are able to see things from more than a single, rigid, and narrow-minded viewpoint. Humor allows us to change our perspective in order to comprehend how it is that all things in the world might fit into a grander structure of hidden, conceptual associations.” (MARMYSZ. Laughing at nothing: humor as a response to nihilism, p. 161. Tradução minha)

¹⁵⁸ BREMMER, J. HERMAN, R., *Uma História Cultural do Humor*, p.13.

¹⁵⁹ BERGSON, *Ensaio sobre a significação do cômico*, p.25.

¹⁶⁰ LESSING, G. E. *O riso e a troça*. In: BARRETO, J. *Literatura alemã: textos e contextos 1700-1900: o século XVIII*. p.121.

¹⁶¹ BAKHTIN. *Problema da poética de Dostoiévski*, p.109.

É provável que a intenção de Machado, com a sua crítica ironizante e zombeteira, fosse a de buscar semelhante efeito em seus leitores, uma vez que o instinto de nacionalidade de Machado de Assis não se efetuará somente na arte pela arte, mas sim, e principalmente, pelo envolvimento com questões sociais e políticas que se fazem presentes em qualquer sociedade. No Brasil da época de Machado, por exemplo, inúmeros eventos de caráter político se faziam sentir, refletindo diretamente na escrita do referido autor que, com sua visão aguda do homem, da sua sociedade e do seu tempo, não poderia ficar alheio, uma vez que, acrescentando-se a isto, buscava-se no campo literário uma afirmação de nacionalidade, uma busca por uma identidade que Machado almejou retratar em suas obras. E nada mais nacional do que a abordagem de problemáticas que são particulares de uma determinada nação ou sociedade. Convém, entretanto, ressaltar que Machado não se limitou apenas a isto e a sua investigação, sua posição na sociedade, sua crítica, conduziram-no a outros limites que fazem referência ao homem, independente da sua nacionalidade, e aqui estamos nos referindo ao niilismo, o qual abordaremos mais adiante em consonância com o caráter irônico e risível da obra machadiana.

“Um dos grandes recursos da literatura é a ironia”¹⁶², afirma Duarte. Em *Pai contra mãe*, Machado expõe a sua vertente crítica/zombeteira: “Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada”.¹⁶³ A ironia no referido fragmento conduz a um humor refinado, quase imperceptível diante de fatos marcantes da sociedade brasileira, como é o caso da escravidão. Os homens escravizados não gostavam da servidão, do cárcere, bem como também não apreciavam a violência sofrida, eis o que falamos o narrador machadiano, em uma evidência que se espalha não somente para os africanos aqui tornados escravos, mas também para qualquer ser humano. Nestas palavras, compreende-se a acusação machadiana diante desse sistema que perdurou durante tanto tempo no Brasil e que causou aos homens aqui escravizados uma dor e uma negativa distinção que ainda hoje se faz presente na sociedade brasileira.

Contudo, percebe-se que o tom de denúncia se perfaz de modo indireto, através de nuances ironizantes que podem causar o humor justamente pelo fato de que se está abordando um assunto de determinada gravidade sob um outro prisma. Nesse caso, o leitor é envolvido por uma série de sentimentos que podem beirar a acusação, o desgosto ou o grave risível diante das palavras do narrador. Ninguém gosta de tornar-se cativo, nem de sofrer

¹⁶² DUARTE. *Ironia e humor na literatura*, p. 153.

¹⁶³ MACHADO. *Relíquias da casa velha/Crônicas*, p.11.

agressão física, mas a ironia se concretiza no fato de que o leitor assimila tais fatos nas linhas machadianas no conforto de uma leitura. A situação não é consigo, nem com alguém próximo, por isso o efeito cômico para alguns, mas que não perde o tom delator.

Fala-nos Bergson: “O maior inimigo do riso é a emoção. Isso não significa negar, por exemplo, que não se possa rir de alguém que nos inspire piedade, ou mesmo afeição: apenas, no caso, será preciso esquecer por alguns instantes essa afeição, ou emudecer essa piedade.”

¹⁶⁴ E rir, zombar dos outros ou das situações alheias é ato que Brás Cubas não se poupa de efetivar durante toda a extensão de suas *Memórias*: “Marcela amou-me durante quinze meses e 11 contos de réis; nada menos” ¹⁶⁵, fala Brás Cubas daquela que arrebatou-lhe, por algum tempo, o coração. A relação entre ambos foi analisada por Brás não sob o peso da sentimentalidade, mas ironicamente sob o estigma monetário.

Não digo que a universidade me não tivesse ensinado alguma (filosofia); mas eu decorei-lhe só as fórmulas, o vocabulário, o esqueleto. Tratei-a como tratei o latim; embolsei três versos de Virgílio, dois de Horácio, uma dúzia de locuções morais e políticas, para as despesas da conversação. ¹⁶⁶

Tanto a ironia quanto o humor acusador não se limitam apenas ao outro, mas também a si mesmo. No que se refere aos seus estudos, Brás afirma não ter aprendido nada mais do que alguns mirrados fragmentos, usáveis mais para impressionar do que para serem utilizados em algum fim profissional prático. Nesse ponto, Brás apresenta uma faceta de alguns homens modernos: a suposta instrução como forma de distinção, garbo, no realce de uma posição social na qual os filhos da elite deveriam buscar instrução no exterior. O diploma serve-lhe como prova de que estudou no estrangeiro as leis e similares. Mas a falta de profundidade, a simplicidade do pensamento, são apresentadas pelo próprio narrador como evidência da sua mediocridade, crítica que não se restringe apenas a si, mas a uma parcela da elite brasileira da época. Nesse caso, Brás usa-se como exemplo para atacar um costume, pertencente à elite, cujo resultado visava apenas, para muitos, a possibilidade de vantagens e posições sociais de maior destaque.

Uns olhos tão lúcidos, uma boca tão fresca, uma compostura tão senhorial; e coxa! Esse contraste faria suspeitar que a natureza é às vezes um imenso escárnio. Por que bonita, se coxa? Por que coxa, se bonita? Tal era a pergunta que eu vinha fazendo a mim mesmo ao voltar para casa, de noite, sem atinar uma solução do enigma. ¹⁶⁷

¹⁶⁴ BERGSON. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*, p.12.

¹⁶⁵ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, XVII, p.202.

¹⁶⁶ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, XXIV, P.212.

¹⁶⁷ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, XXXIII, p.222.

A ironia de Brás não possui limites e converge para qualquer ponto: no caso, o defeito físico de Eugênia é-lhe motivo de zombaria, que durante alguns capítulos expõe de forma impiedosa, o que se inicia, propriamente dito, desde que alcunha a moça de “flor da moita”, termo que faz referência a um encontro atrás da moita que a mãe da moça teve com o senhor Vilaça e que foi prontamente denunciado por Brás.¹⁶⁸ O humor cínico de Brás continua: “Eu cínico, alma sensível? Pela coxa de Diana! Esta injúria merecia ser lavada com sangue, se o sangue lavasse alguma coisa nesse mundo”¹⁶⁹. A referência à coxa de Diana faz referência ao defeito físico de Eugênia, mas em um sentido contrário, antagônico. Sobre o referido fragmento machadiano, observa Schwarz:

Noutras palavras, se o universo fosse ordenado razoavelmente, moças coxas (pobres) não seriam bonitas, e moças bonitas não seriam coxas (pobres). Trata-se de uma harmonia universal, mas concebida a partir da mais imediata conveniência particular [...]. Que pensar deste festival de maldades? Ele prossegue no plano da linguagem, cuja finalidade narrativa periodicamente cede passo à intenção primária de humilhar.¹⁷⁰

Brás quer humilhar, detratar, espezinhar qualquer valor que contrarie suas inclinações, seus projetos, sua visão das pessoas e do mundo. Não basta Brás apenas negar a moça pelo fato desta ser coxa, sua sede de zombaria quer muito mais: “Ouvi uma voz misteriosa [...], essa voz saía de mim mesmo, e tinha duas origens: a piedade, que me desarmava a candura da pequena, e o terror de vir a amar deveras, e desposá-la. Uma mulher coxa!”¹⁷¹ Mais adiante, fala: “Em verdade vos digo que toda a sabedoria humana não vale um par de botas curtas”.¹⁷² Aos olhos de Brás nada é sagrado, nenhuma lei é sustentada verdadeiramente, mas talvez tolerada, suportada pelas conveniências, pelo comodismo. Sua zombaria a Eugênia o coloca em uma posição na qual até mesmo um defeito físico não escapa à crítica, ao desprezo, à comicidade. Não há limites para o criticismo/zombaria de Brás, cujo alvo, por vezes é ele próprio, como na explicação que faz para o nome de sua família:

O fundador da minha família foi um certo Damião Cubas [...]. Era tanoeiro de ofício, natural do Rio de Janeiro, onde teria morrido na penúria e na obscuridade, se somente exercesse a tanoaria. Mas não; fez-se lavrador, plantou, colheu, permutou o seu produto por boas e honradas patacas, até que morreu, deixando grosso cabedal a um filho, o licenciado Luís Cubas. Neste rapaz é que verdadeiramente começa a série de meus avós – dos avós que a minha família sempre confessou –, porque o Damião Cubas era afinal de contas um tanoeiro, e talvez mau tanoeiro, ao passo que Luís Cubas estudou em Coimbra.¹⁷³

¹⁶⁸ Capítulo XII, *Um episódio de 1814*.

¹⁶⁹ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, XXXIV, p.223.

¹⁷⁰ SCHWARZ. *Um mestre na periferia do capitalismo*, p.96.

¹⁷¹ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, XXXV, p.223.

¹⁷² ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, XXXVI, p.224.

¹⁷³ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, III, p.179.

A postura arrogante do narrador, sua visão trocista da realidade, seu desapego a determinados valores assemelham ser uma herança que, mais do que sanguínea, parece fazer parte indistinta do homem. A negação do parente trabalhador, que iniciou a fortuna dos Cubas, para enfatizar somente aquele que se destacou socialmente, é uma clara demonstração de que o trabalho, visto como indigno, não pode ser tomado como a fonte da qual emergiu determinado grupo familiar, no caso, os Cubas. Brás ri de si e dos seus, e o faz com a mesma precisão, com a mesma calma com a qual abandonou Eugênia por causa de uma perna coxa.

Entre as diversas facetas do que chamamos de humor, de cômico, há uma relação bastante delicada com o próprio ser humano, pois muitas vezes rimos de situações inocentes, bem como de casos mais dramáticos, o que demonstra que o humor é, em determinados casos, perigoso e enigmático:

Apesar da sua simplicidade aparente, o humor por vezes é muito perigoso, e não são poucos os autores [...] que pagaram com prisão ou exílio [...]. Quem pode rir melhor é o leitor, que ri por último, como se diz. É o que eu chamo aqui de síndrome de Akaki Akakiévich, o personagem de *O capote*, de Gogol, e um dos mais conhecidos do mundo. Nada mais triste e patético do que este pequeno funcionário e sua vida. E no entanto... Parece ser o mesmo misterioso mecanismo que nos faz rir quando vemos alguém cair na rua: nós somos cruéis e não sabemos.¹⁷⁴

Brás Cubas sabe que é cruel, e não perde a oportunidade de demonstrar isso, seja através de uma crítica mordaz, seja pelo efeito humorístico diante de uma determinada situação. Mas a linha entre o humor e a crítica é tênue e pode ocultar mais do que o simples desejo de fazer chacota ou desmoralizar este ou aquele indivíduo, também pode ser um sintoma. Mas de quê? Talvez de uma visão pessimista da vida, de uma plena descrença nos valores e nas pessoas, como se todos não fossem dignos de confiança, afeição ou respeito. Uma situação de total incredibilidade nos costumes vigentes, nas leis e normas que regem a sociedade, auxiliando na manutenção de um sistema não raro opressor do homem, que por sua vez aceita, em nome do bem-estar, estas regras como se fossem imutáveis. Este não é o caso de Brás Cubas, que subverte determinadas posturas através do seu humor sarcástico, ácido, incômodo. É o homem inegavelmente cruel, mas por força de determinadas exigências sociais, sua postura é controlada, restando-lhe apenas o âmbito do pensamento pessoal para muitas vezes discordar, questionar, achincalhar, dessacralizar determinadas posturas, concepções. Brás Cubas, nesse último aspecto, é um mestre. Destrata, ofende, humilha, satiriza, sem a menor crise de consciência, pois a sua voz advém do túmulo, sem o receio das acusações, das condenações e do destrato.

¹⁷⁴ COSTA. *100 melhores contos de humor da literatura universal*, p.14.

Entretanto, as ações de Brás Cubas enquanto vivo não deixam a desejar ao Brás Cubas morto. Quando vivo, o narrador, a exemplo do abandono de Eugênia, da corrupção de Dona Plácida¹⁷⁵, a prática do adultério, dentre outros casos, demonstra que os valores que unicamente importavam eram os seus, os quais representa ao leitor quase sempre em um sentido ridicularizante.

O espírito cômico de suas observações, seu tom crítico e mordaz, por vezes, como já dito, efetua-se de um modo parodiante, pedante, no qual se mesclam o caráter cômico e grave, através da ironia, algo que Machado de Assis executa com maestria, antecipando uma vertente que Lipovetsky chamou de neoniilismo: “A descrença pós-moderna, o neoniilismo que toma corpo não é nem ateu nem mortífero: é a partir de agora humorístico”.¹⁷⁶ Na modernidade, o niilismo encarnou outras vertentes, um possível sintoma de que o espírito humano mostra-se em um estado de inconformismo com determinados valores, alguns seculares, mas que ainda se impõem em uma condição de delineadores da existência humana. Brás, dentre este e outros argumentos expressos, é o protótipo do homem moderno, que subverte a ordem vigente, os costumes, a moral, em nome de sua inclinação pessoal. Em *A ponta do nariz*, XLIX, Brás expõe a necessidade de que cada homem se ocupe apenas de seu próprio nariz:

Nariz, consciência sem remorsos, tu me valeste muito na vida [...] sabe o leitor que o faquir gasta longas horas a olhar para a ponta do nariz, com o intuito de ver a luz celeste. Quando ele finca os olhos na ponta do nariz, perde o sentimento das coisas externas, embeleza-se no invisível, apreende o impalpável, desvincula-se da terra, dissolve-se, eteriza-se. Essa sublimação do ser pela ponta do nariz é o fenômeno mais excelso do espírito, e a faculdade de a obter não pertence ao faquir somente: é universal. Cada homem tem necessidade e poder de contemplar o seu próprio nariz, para o fim de ver a luz celeste, e tal contemplação, cujo efeito é a subordinação do universo a um nariz somente, constitui o equilíbrio das sociedades.¹⁷⁷

Neste interessante fragmento, no qual se percebe nitidamente a mescla de argumentos profundos, mas permeados de humor e sátira, nota-se a crítica, ou a defesa, dependendo do ponto de vista, de uma postura mais egoísta, cuja visão centra-se no comportamento individualista do homem que deve olhar para o seu próprio nariz, algo não apenas importante, mas necessário para o bom funcionamento social. Esse olhar que precisa ser dirigido a si mesmo, perdendo-se “o sentimento das coisas externas” é bastante significativo, pois apresenta uma questão bastante delicada em nível social: a liberdade humana. É o homem realmente livre ou fatores externos conduzem-no, conscientemente ou não, na efetivação da

¹⁷⁶ LIPOVETSKY. *A sociedade humorística*, p. 112.

¹⁷⁷ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, XLIX, p.235.

sua existência, intervindo quando necessário, ou melhor, quando a ordem e a paz coletiva assim o exigem?

É inegável a atuação da sociedade sobre a vida do indivíduo, contudo, é preciso observar o quanto dessa intervenção não é sufocante ou niveladora do homem em um sentido negativo do termo. Esse homem oprimido, subterrâneo machadiano é o agente de conflitos internos: aquele que transgride, mas não se livra das reflexões sobre a sua postura, mesmo que ao fim das mesmas chegue à conclusão que não haveria outro meio de ação:

O homem, o homem vencido, angustiado, indolente de Machado (seja ele Brás Cubas, Rubião ou Bentinho), por mais cínico e imoral que possa parecer, é sempre, apesar de tudo, o único representante das razões morais, o único que, mesmo quando a vida de relação o leva a contrastar a lei, escuta do fundo da consciência a interrogação moral.¹⁷⁸

A interrogação moral não chega a ser, nas referidas personagens, autopunição ou reversão dos valores assumidos: Bentinho, por exemplo, vive seus últimos dias sempre com a imagem de adultério da esposa. Brás Cubas, no momento derradeiro, reconhece seus insucessos, mas retira como saldo positivo o fato de nunca ter precisado trabalhar, ou seja, reafirma no fim da vida a futilidade de sua existência (ou, aos seus olhos, a de qualquer um?), demonstrando que a convergência de todas as coisas é sempre para um nada, não importando se este ou aquele objetivo foi ou não alcançado. Cita-se aqui, a pergunta que o narrador de *O espelho* faz após uma série de reflexões sobre sua própria vigência no mundo: E o julgamento-problema, podendo sobrevir com a simples pergunta: — "Você chegou a existir?".¹⁷⁹ Tal questão adquire contornos niilistas ao situá-la no plano da efetividade da vivência, questionando o que de fato é existir. Ser e ter poderiam ensaiar uma resposta para a vigência do homem no mundo, contudo seria uma resposta simplista que não abarca toda a complexidade do que é ser no sentido existencial.

A intenção deste trabalho não é o de adentrar em tais questões de forma profunda, contudo, o próprio Brás Cubas aponta-nos este caminho quando afirma que não transmitirá a nenhum outro ser o legado da miséria humana. Se em termos de bens materiais, Brás Cubas era bem servido, pode-se dizer que este não foi um dos vazios que o angustiou a vida. Seus relacionamentos, duradouros ou efêmeros, demonstram que não foi um indivíduo solitário no sentido estrito do termo. Apesar de ter vivido uma vida que para muitos poderia ser considerada bastante satisfatória, ainda assim o tom de amargura é expressivo no fim do romance. O tom niilista de narrador, oculto muitas vezes em uma vertente sarcástica, não

¹⁷⁸ STEGAGNO-PICCHIO. *História da literatura brasileira*, p. 282.

¹⁷⁹ ROSA. *Primeiras estórias*, p.83.

pode, entretanto, ser observado simploriamente sob uma vertente negativa, uma vez que este humor, apesar de soar ameaçador aos mais puritanos, também possui um significado importante na existência do homem, o que, de certo modo, já foi expresso no decorrer deste capítulo, a saber, de que o humor, o riso, também são formas de supressão, de crítica contundente a valores que aprisionam o homem, tornando-o cativo de um sistema que muitas vezes age conforme lógica e princípios próprios, que se contrapõem aos anseios da grande maioria. Brás Cubas, apesar de pertencente, sob certo aspecto, à sociedade abastada, ainda assim não se viu livre de uma angústia existencial, expressa no último capítulo, mas delineada no decorrer de toda narrativa. Nietzsche, ao qual outrora nos remetemos, corrobora de forma muito emblemática para nos situarmos acerca da interpretação do riso enquanto possibilidade ao vazio experimentado pelo homem:

Eu acreditaria somente num deus que soubesse dançar.
Quando vi meu diabo, achei-o sério, metuculoso, profundo e solene: era o espírito de gravidade – ele faz todas as coisas caírem. Não com a ira, mas com o riso é que se mata. Eia, vamos matar o espírito de gravidade!¹⁸⁰

Nietzsche aponta para uma vertente de postura que entrevê no riso e na alegria uma possibilidade de resposta para o vazio da existência humana. Em *Assim falou Zaratustra*, o filósofo alemão expõe com mais ênfase a sua visão sobre o riso como detentor de uma potência criativa e transformadora. Para que algo seja modificado é necessário movimento e é nesse sentido que Nietzsche expõe a sua personificação de um deus que soubesse dançar, ou seja, que está em movimento constante. Tal referência à mobilidade é uma crítica direta aos valores estagnantes, que não se alteram, permanecendo os mesmos, ainda que diante da transformação do homem perante vários fatores, como o avanço tecnológico.

É inegável que a sociedade, os seres vivos, alteram-se, modificam-se, compelindo a reestruturação de novos olhares e perspectivas. Essa evidência contrapõe-se aos valores que, enraizados, buscam fixar o homem em determinados comportamentos, posturas que na atualidade mostram-se retrógradas. Não é o caso, aqui, de efetuar uma crítica à tradição, aos costumes propriamente ditos, mas apontar para perspectivas, possibilidades novas de percepção do mundo. O riso, nesse aspecto, é um significativo fator de mudança, pois através do cômico põe-se em questionamento determinados valores. O humor advém de uma posição que muitas vezes apresenta uma postura crítica sobre aspectos que consideramos banais na existência humana, mas que, se observados de outro ângulo, podem revelar contrastes. Rimos, através de uma piada, uma charge, um conto ou romance, de situações que vão desde as mais

¹⁸⁰ NIETZSCHE, *Assim falou Zaratustra*, “Do ler e escrever”, p.41.

cotidianas até as mais complexas que se espraiam para outras esferas do social, como política, religião etc.

Algumas inclinações humanas, consideradas “defeitos”, pois assim foram classificadas em determinada época, adquirem a terminologia de “pecado”. O comportamento humano agora está sob suspeita e toda conduta que se espraie para além das normas estabelecidas deve ser condenada¹⁸¹. Tem-se aqui o controle, muitas vezes religioso, da vida do indivíduo, na clara intenção de supressão de determinadas características humanas. O sensualismo, classificado como luxúria, encontra oposição no cenário eclesiástico, uma vez que a vida espiritual agora estaria acima de todas as coisas, inclusive do mundo e do corpo, tomados como imperfeitos e impuros, em um claro processo de desvalorização desses dois polos centrais da vida humana. O “espírito de gravidade” toma conta do homem. O sagrado tornou-se silencioso, circunspecto, intocável, grave, e com ele adveio uma postura a ser seguida: de abnegação, sofrimento e humilhação. Os eleitos agora são os sofredores, os desamparados, os mortificados e miseráveis, visão imposta que busca valorizar a pobreza e a simplicidade, como se fossem condições indispensáveis para se alcançar um plano superior.

O riso, na sua aparente simplicidade, rompe com a gravidade imposta ao homem pelo viés da violência e do medo, tal como ocorreu durante a Idade Média. Sob esse prisma, o humor, o cômico funcionaria como um antídoto:

O riso surge nos momentos mais dramáticos, como uma válvula de escape nas tensões do grupo. Os antigos perceberam isso e o riso sempre fez parte de rituais sagrados. Assim, em diferentes culturas encontramos figuras de mascarados que dão gritos e dançam danças exageradas, provocando espanto, medo e, por isso mesmo, o riso.¹⁸²

Ao se instituir um deus que é o princípio e o fim, que é eterno, está-se fixando essa entidade em um plano da inflexibilidade, concepção esta que está apara além daquilo que o próprio homem representa na sua multiplicidade. Nietzsche reafirma a necessidade do

¹⁸¹ Podem-se citar alguns termos, como ganância, gula ou inveja. Tais comportamentos foram interpretados pela Igreja Católica como os sete pecados capitais. A gula, por exemplo, trata sobre o desejo insaciável do homem por comida ou bebida. Contudo, ela faz referência a outra postura do homem, que seria o egoísmo, pois esta estaria relacionado ao querer constante e insaciável do homem pelas coisas. Neste ponto, pode-se fazer uma relação com o pensamento de Schopenhauer sobre a vontade. Para o referido filósofo, a vontade seria algo que não poderia ser saciado no homem, pois almejasse algo que, se alcançado, será prontamente substituído por outro desejo, e assim sucessivamente, em um processo que não encontra fim enquanto o indivíduo viver. Desse modo, a vontade, para Schopenhauer, seria algo natural, intrínseco ao homem. Um dos pontos defendidos pela Igreja é de que os pecados capitais são classificações dos vícios humanos e que foram instituídos com a intenção de reger a vida do fiel, educando-o e protegendo-o, mas que também possui a tarefa de controlar os instintos mais elementares do homem. Contudo, falar em supressão ou repreensão de características humanas como a inveja, a ira, a luxúria, dentre outras, é situar o ser humano em uma postura conflitiva interna intensa e, não raro, declinante.

¹⁸² CASTRO. *O Elogio da Bobagem* – palhaços no Brasil e no mundo, p.18.

movimento, do aspecto dançante como forma de confrontar tudo aquilo que se mostra fixo e que exige semelhante postura daqueles que o seguem ou que nele creem.

Quero ter duendes ao meu redor, pois tenho coragem. A coragem que espanta os fantasmas cria seus próprios duendes – a coragem quer rir.
Já não sinto como vós: essa nuvem que vejo abaixo de mim, essa coisa negra e pesada da qual eu rio – justamente isso é vossa nuvem de tempestade.
Olhais para cima quando buscais a elevação. Eu olho para baixo, porque estou elevado.
Quem, entre vós, pode ao mesmo tempo rir e sentir-se elevado?
Quem sobe aos montes mais altos ri das tragédias do palco e da vida. ¹⁸³

Através do riso é possível superar aquilo que se encontra estagnado, preso, imóvel, em uma constante postura de impossibilidade. Zaratustra olha para baixo enquanto muitos olham para cima, ou seja, é na terra, e não no céu, que está o sentido da vida, a própria elevação do homem. A crítica ao pensamento cristão de desprezo ao mundo e ao corpo é desfeita com Zaratustra, que indica o movimento, a alegria, como modos de se posicionar em oposição a um sistema de vida que apregoa a fuga e a ilusão da crença em valores que buscam, em sua maior parte, amordaçar o homem.

Brás Cubas utiliza o humor de maneira distinta da observada em Zaratustra. A crítica machadiana, em consonância com a filosofia nietzschiana no que se refere ao cômico como forma de questionamento, é voltada para um ataque de cunho mais social, aos costumes estabelecidos, o que não significa que seja de menor envergadura. A disposição demonstrada por Brás Cubas diante dos valores sociais é o desprezo, mas se a sua posição de sátira perante a “santidade do casamento” é passível de desagradar por parte de alguns dos seus leitores, isto não muda a posição do narrador, que afirma a sua tranquila consciência diante de determinadas ações consideradas imorais, mas que podem ser atenuadas com outras ações consideradas morais. Tal princípio, Brás denominou de “lei da equivalência das janelas” concebido convenientemente no início do seu relacionamento adúltero com Virgília:

“É minha!”, disse eu comigo, logo que a passei (Virgília) a outro cavalheiro; e confesso que, durante o resto da noite, foi-se-me a ideia entranhando no espírito, não à força do martelo, mas de verruma, que é mais insinuativa.
“É minha!”, dizia eu ao chegar à porta de casa.
Mas aí, como se o destino ou o acaso, ou o que quer que fosse, se lembrasse de dar algum pasto aos meus arroubos possessórios, luziu-me no chão uma coisa redonda e amarela. Abaixei-me; era uma moeda de ouro, uma meia dobra.
“É minha!”, repeti eu a rir-me, e metia-a no bolso.
Nessa noite não pensei na moeda; mas no dia seguinte, recordando o caso, senti uns repêlões da consciência, e uma voz que me perguntava por que diabo seria minha uma moeda que eu não herdara nem ganhara, mas somente achara na rua [...]. Enviei uma carta ao chefe da polícia, remetendo-lhe o achado, e rogando-lhe que, pelos meios a seu alcance, fizesse devolvê-lo às mãos do verdadeiro dono.

¹⁸³ NIETZSCHE, *Assim falou Zaratustra*, “Do ler e escrever”, p.41.

Mandei a carta e almocei tranquilo, posso até dizer jubiloso. Minha consciência valsara tanto na véspera, que chegou a ficar sufocada, sem respiração; mas a restituição da meia dobra foi uma janela que se abriu para o outro lado da *moral*; entrou uma onda de ar puro, e a pobre dama respirou à larga. Ventilai as consciências! Não vos digo mais nada. Todavia, despido de quaisquer outras circunstâncias, o meu ato era bonito, porque exprimia um justo escrúpulo, um sentimento de alma delicada [...].

Assim, eu, Brás Cubas, descobri uma lei sublime, a lei da equivalência das janelas, e estabeleci que o modo de compensar uma janela fechada é abrir outra, a fim de que a moral possa arejar continuamente a consciência.¹⁸⁴

No fragmento acima, Brás joga com as ideias em um cenário moral no qual ele busca encontrar uma espécie de equilíbrio para o relacionamento em vias de iniciar com Virgília: a lei da equivalência das janelas, que nada mais é do que um jogo de argumentos morais, com vistas a atenuar a sua consciência sobrecarregada. Se Brás se sente mal pelo caso com a moça, a questão se resolve prontamente, pagando-se uma ação ruim com uma boa, ou seja, a tentativa de devolução da moeda de ouro. Esta lei articulada por Brás, que versa sobre a abertura de uma janela quando outra é fechada, demonstra o caráter transgressor e, sob certo sentido, libertário de Brás, que, na intenção de suprimir de si qualquer inconveniente no que se refere a uma possível crise de consciência, cria imediatamente um subterfúgio para a sua situação, o que anuviará algum sentimento de remorso que possa vir a sentir. Neste ponto, interpreta-se o ato de Brás sob uma roupagem cínica, irônica, mas que em momento algum é destituída de sobriedade ou profundidade, inclusive filosófica.

Para Brás Cubas não há pecado em seu ato, não há qualquer referência a uma espécie de arrependimento, apenas a sensação de euforia pelo objeto conquistado, pelo furto da companheira alheia. Sua vontade é posta em prática e comemorada, o êxito está acima de qualquer crise moral, que, por sua vez, precisa apenas ser ajustada, para que o espírito se tranquilize. Não se quer apresentar no trabalho concepções de bem ou mal, mas apenas demonstrar, através das atitudes de Brás Cubas, que o homem é o único animal que deseja. E este anseio exacerbado é refletido, ponderado, colocado na balança das probabilidades para que se seja possível concretizá-lo. Pode-se apontar na postura de Brás uma autonomia, um ar libertário que, independente das consequências da sua ação, pois o que importa, principalmente no início do projeto, seja qual for, é o sucesso. Sua postura não pode deixar de ser interpretada através de um prisma niilista, que se manifesta não apenas no narrador, mas também em outras personagens, como dona Plácida, alcoviteira dos amores de Brás com Virgília, mas que inicialmente aceitava tal condição com pesar, até mesmo asco:

¹⁸⁴ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, LI, p.236 (Grifo nosso).

Custou-lhe muito a aceitar a casa; farejava a intenção e doía-lhe o ofício (de alcoviteira); mas afinal cedeu. Creio que chorava, a princípio; tinha nojo de si mesma. Ao menos, é certo que não levantou os olhos para mim durante os primeiros dois meses; falava-me com eles baixos, séria, carrancuda, às vezes, triste (...) Não fui um ingrato; fiz-lhe um pecúlio de 5 contos – os cinco contos achados em Botafogo -, como um pão para a velhice. Dona Plácida agradeceu-me com lágrimas nos olhos, e nunca mais deixou de rezar por mim, todas as noites, diante da imagem da Virgem, que tinha no quarto. Foi assim que lhe acabou o nojo.¹⁸⁵

Brás corrompe e expõe, através da sedução monetária, o que há de mais oculto em Dona Plácida, que subtrai suas crenças e sua visão de mundo em nome de uma ajuda pecuniária que não compra somente sua ajuda, mas esfacela suas concepções morais e valorativas. O ganho dos cinco contos subtrai da referida personagem suas crenças em um sistema de comportamento mediado pelo certo e pelo justo, com reforços morais inquestionáveis. Contudo, até aonde se pode sustentar tal postura quando a própria situação de pobreza demonstra que tais valores, dada a necessidade financeira, desfaz-se com facilidade. Dona Plácida não se torna apenas a alcoviteira, mas também a confidente, a conselheira, a amiga que reza pela alma do seu benfeitor. A supressão quase instantânea mediante a recompensa financeira demonstra o quanto determinados valores são tênues e vigoram enquanto interesses maiores não estão postos em jogo.

Dona Plácida, tanto quanto Brás Cubas, é um ser humano na sua mais clara essência, pois a crença, a fé, dentre outros valores, são muitas vezes postos em cheque mediante uma situação de maior necessidade, o que demonstra a imprevisibilidade do indivíduo e sua representação, no plano literário de uma humanidade recorrente e enigmática. Nesse aspecto, Passos reflete sobre as marcas e densidade das personagens machadianas:

Os desvãos que habitam o sujeito fazem, não poucas vezes, com que o indivíduo se lance a um projeto reparador, expresso ora no esforço ingente dos personagens por parecerem ser o que não são, ora no denodo dos narradores por dar sentido à rede de desconfiança com que seu olhar apanha a ação do outro. Em ambos os casos, a máscara é ainda e sempre o elemento *através* do qual Machado opera sua ficção. Seus personagens ganham teor e densidade exatamente por conta desse desencontro que se entranha no eu.¹⁸⁶

É na aparente incongruência dos atos das personagens machadianas que se encontra o verdadeiro indivíduo, aquele que age em conformidade com a sua lógica, com as suas diretrizes, cujo limite é ultrapassado ou refeito mediante novos cenários e situações. O chamado egoísmo, o interesse particular, a inveja, os chamados pecados capitais, apresentam-se ou encobrem-se mediante a máscara exigida em determinada situação que não denominaremos de machadiana, mas humana. O niilismo, nesse campo fértil, reafirma sua

¹⁸⁵ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/ Dom Casmurro*, LXX, p. 255.

¹⁸⁶ PASSOS. *Romance com pessoas: a imaginação em Machado de Assis*, p.16-17.

presença, pois as folhas de um romance retratam as perspectivas humanas de supressão ou conflito com este ou aquele valor, quando considerados interesses pessoais.

Não é intenção apontar nas personagens machadianas um caráter reto ou irregular, mas observar o quanto de humano há em todas essas personagens, que agem e se movimentam seguindo, muitas vezes, seus assuntos mais ocultos. É neste aspecto que o niilismo também adquire sua parcela de positividade, uma vez que o homem precisa adaptar-se, muitas vezes para não sucumbir, não sofrer, ou simplesmente, a exemplo de Brás Cubas, no saciamento de seus desejos, o que significa infração, violação dos estatutos vigentes.

Não se busca aqui apresentar as ações de Brás Cubas sob os ditames meramente morais, nem se propor a questões sobre a atualidade ou relevância de determinados valores, mas sim observar que o homem, desde sempre, talvez, seja o único violador das leis que ele mesmo criou. Nesse aspecto, as leis, as normas, parecem atuar sobre o homem na medida em que este aceita tal condicionamento ou não possui forças para dele se desvencilhar ou suprimir quando assim deseja. Aqui, aproxima-se outra vez a filosofia de Nietzsche, cujo conceito de autossuperação, pode ser evocado no referido contexto.

Tanto na vida quanto na filosofia de Nietzsche, a autossuperação assume um lugar central. Ela é mais do que apenas “uma figura de pensamento da autossupressão” [...], um acontecimento existencial e corporal que toma o homem como um todo [...]. O próprio Zarathustra significa para Nietzsche “autossuperação da moral pela veracidade, a autossuperação do moralista em seu oposto – em MIM”.¹⁸⁷

Não é o moralista que deve ser contemplado na filosofia de Nietzsche, nem o imoralista, mas aquele indivíduo que busca uma superação dos valores morais vigentes. Autossuperação no sentido de conseguir suplantar morais que se apresentam mais contrárias à vida do que favoráveis. Para que o indivíduo torne-se o que de fato é, faz-se necessário, antes de tudo, uma busca de si sem os adornos sociais que lhe são impostos através da religião, dos costumes, da tradição.

Em *Ecce Homo*, Nietzsche argumenta sobre a possibilidade do indivíduo tornar-se o que se é¹⁸⁸, expressão tomada emprestada de Píndaro¹⁸⁹, mas que sob o olhar de Nietzsche adquire outros contornos. O homem pode ser considerado um animal que no decorrer da sua vida vai acumulando valores que, muitas vezes insignificantes, são aceitos sem questionamentos e parecem apresentar uma pretensão de moldagem do ser humano. A invenção da alma, do conhecimento, dentre outros, não são suficientes para dizer quem o

¹⁸⁷ NYEMEYER. *Léxico de Nietzsche*, p. 65.

¹⁸⁸ NIETZSCHE. *Ecce Homo*, Por que sou tão inteligente, p. 15-16.

¹⁸⁹ Píndaro de Cinoscefale/Píndaro de Beozia, poeta grego (518 a.C., Tebas – 438 a.C., Argos), autor de "Epinícios" ou "Odes Triunfais", é de sua autoria a frase "*Homem, torna-te no que és*".

homem é, uma vez que perguntando-se como se é possível tornar-se o que se é, evidencia-se que tal indagação é interna e a resposta deve partir do próprio indivíduo, do seu interior. Desse modo, a questão toda é perspectivística, pois cada um encontrará uma determinada resposta, desconfigurando-se aqui a pretensão de verdade sobre si. Não há, legitimamente, uma verdade sobre cada um, mas possibilidades.

Não se busca neste trabalho pousar Brás Cubas sobre uma determinada filosofia, como se pudesse configurar-se como uma unidade, mas pode-se falar em diálogo. O narrador de Brás Cubas, de fato, não pode ser avaliado sob um prisma de autossuperação, nem sob uma espécie de busca de si mesmo no decorrer de *Memórias*, contudo, seu aspecto de agir, de compreender a sua situação, as desestruturações que efetiva de modo que se adequem aos seus anseios, a forma que reelabora valores, desorganizando costumes e verdades consideradas, para muitos, sagradas, seja por meio cômico, irônico, zombeteiro ou descortês, é também uma postura de posicionar-se contra uma estrutura social cujos valores nublam determinadas inclinações humanas. É o que se pode ver em Brás Cubas e tantas outras personagens retratadas de modo excepcional por Machado e também outros escritores da literatura universal, em diferentes romances, uma vez que o fator humano parece em constante conflito consigo mesmo e com o mundo, escancarando-se o incômodo, o fastio, a opressão, o encarceramento que o homem sofre por sua simples convivência em sociedade.

No caso específico de Machado, em *Memórias*, o caminho escolhido foi o do humor sarcástico, do motejo com fins de rir do próprio homem e do que ele deixou que o tornassem. Brás Cubas não é, de fato, uma personagem que representa, nos moldes tradicionais, a luta interna que se instaura em cada um dos seres humanos, mas a sua risada, mediante determinados aspectos sociais, já demonstra a sua acusação, o seu afrontamento com vertentes que são erigidas, mas quase sempre esquecidas, negadas ou enfrentadas. Este é um aspecto mais do que humano, demasiadamente humano, que Machado apresentou de modo não grave, ao estilo russo, mas gracejando, divertindo-se, como faz Brás Cubas diante de cada atitude sua, buscando quase sempre ludibriar quem o lê, rindo-se das impressões que causa no leitor e na possível repulsa que eventualmente venha a causar.

Brás Cubas não se preocupa com a opinião de quem examina suas memórias, ele quer apenas expor o quanto de humano há em si, o quanto de libertário conseguiu ser, mesmo que no fim da obra tenha permanecido mais fiel ao aspecto negativo e pessimista da vida, o que não altera, ainda assim, a sua postura autêntica de seguir um caminho próprio, com leis particulares. O aspecto niilista de seus atos é claramente expresso: no último capítulo, o das negativas, expôs o fracasso do projeto matrimonial, mas, observando-se a obra, percebe-se

que não existiu esforço mais efetivo por parte do narrador em realizar tal desejo. A posição cômoda de amante foi-lhe agradável e natural durante muitos anos, conforme observa Schwarz¹⁹⁰, demonstrando, desse forma, que o referido narrador, com geniosa desfaçatez, sempre escondeu a verdade do seu leitor. Mesmo na morte, Brás Cubas ainda não parece dizer tudo claramente. Ou se o faz é através de subterfúgios, que exigem de quem o lê um olhar mais atento e, necessariamente, para uma maior compreensão, libertário e afirmativo da vida.

3.2. A afirmação da vida: diálogos entre Machado e Dostoiévski

No capítulo LC, “Rotação e translação”, pondera Brás Cubas sobre a vida e os ciclos que a compõe, relacionando-a ao seu empreendimento de publicação de um jornal, que durou apenas seis meses. Tal ciclo curto de vida, Brás relaciona aos movimentos de rotação e translação, que também podem servir para exemplificar a própria existência humana:

Há em cada empresa, afeição ou idade um ciclo inteiro da vida humana. O primeiro número do meu jornal encheu-me a alma de uma vasta aurora, coroou-me de verduras, restitui-me a lepidéz da mocidade. Seis meses depois batia a hora da velhice, e daí a duas semanas a da morte, que foi clandestina, como a de Dona Plácida. No dia em que o jornal amanheceu morto, respirei como um homem que vem de longo caminho. De modo que, se eu disser que a vida humana nutre de si mesma outras vidas, mais ou menos efêmeras, como o corpo alimenta os seus parasitas, creio não dizer uma coisa inteiramente absurda. Mas, para não arriscar essa figura menos nítida e adequada, prefiro uma imagem astronômica: o homem executa à roda do grande mistério um movimento duplo de rotação e translação; tem seus dias, desiguais, como os de Júpiter, e deles compõe o seu ano mais ou menos longo.¹⁹¹

Brás pondera que, na vida do homem, há determinados ciclos que são constituídos de dois movimentos basilares: o de vida e o de morte, como se na própria existência do indivíduo, o início e o fim fossem ocorrências constantes, ou seja, a vida seria uma espécie de translação, na qual, internamente, ocorrem diversificadas rotações. Essa visão de Cubas acerca da existência pode ser interpretada sob diversos signos, dentre os quais, é possível situar o próprio homem como um ser que está vivo para uma determinada existência, mas que pode morrer e renascer para outra diferente.

¹⁹⁰ “O próprio narrador tampouco é romântico, e seu comentário, sempre escarninho, não polariza aspiração individual e casamento: prefere estudar o sistema de compensações voluntárias e involuntárias que fazem que Brás Cubas e Lobo Neves vivam ‘contentes um com o outro’, ou quase”. (SCHWARZ, *Um mestre na periferia do capitalismo*: Machado de Assis, p.135).

¹⁹¹ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, CL, p. 315.

É de se reconhecer que o homem não é um indivíduo naturalmente estagnado, mas valores e outras formas de coerção o tornam, além de docilizado, um ser inercial em um sentido moral. As metamorfoses pelas quais passam um determinado personagem, principalmente os protagonistas, são, muitas vezes, diversas e intensas, o que muitas vezes resulta em um personagem “diferente” daquele ao fim da obra. Esse processo, muito presente em algumas obras nas quais o herói lança-se em busca de si ou de outra reflexão profunda que o modifique, pode ser vislumbrado também em *Memórias*, mas oculta sob um manto sutil, ou uma máscara delicada, que pode sem embargo ser representado pela morte.

Fala-nos Brás logo no início de suas lembranças, reconhecendo-se um defunto autor: “Para quem a campa foi outro berço”¹⁹². Essa significativa frase não pode ser compreendida apenas sob o sentido do pesar diante do fim, da morte como algo irreversível e incontestável. É preciso adentrar, para compreender tal enunciado, a lógica de *Memórias*, na qual, como se sabe, é um defunto que fala, que expõe não apenas a sua vida, mas suas opiniões, seu ponto de vista, sua crítica, suas verdadeiras inclinações e paixões.

Nesse processo de diálogo entre narrador e leitor exige-se uma postura de cumplicidade, até mesmo de auxílio mútuo, pois Brás muitas vezes fala de modo que somente o seu leitor mais próximo venha a compreender. Sobre tal aspecto, observa Ana Maria Machado:

No fundo esse leitor (machadiano) é também personagem de Machado de Assis, mais uma de suas criaturas. Para que isso possa ocorrer, estabelece-se mais um grande e fascinante diálogo de sua obra: o que Machado mantém permanentemente com quem lê. Graças a esse sofisticado processo narrativo, o autor se dedica a tecer com paciência o leitor que quer e necessita [...]. Dessa forma, se estabelece um pacto entre criador e criatura, entre autor e leitor, e este vai compreendendo que, se não aceitar esse pacto, não mergulhará realmente no livro, mas se limitará a ficar na superfície tentando acompanhar o enredo, como se o romance pudesse ser reduzido.
193

O leitor, cúmplice de Brás Cubas, precisa posicionar-se, não em um sentido de julgamento moral das ações do narrador, mas em uma tentativa de compreensão desse espírito que se apresenta tão complexo como qualquer ser humano. A campa, servindo-lhe de berço, é de fato, um local de morte, de finitude, mas também de despertar, renascer. O Brás em vida não é o mesmo que fala das entranhas da morte. Este observa aquele, expondo as motivações das ações do primeiro, justificando, de forma filosófica ou humorística, acusando ou criticando, mas ambos desnudando-se ao leitor, que por sua vez também é desnudado, pois é convidado a posicionar-se sobre Brás, mas para que tal posicionamento não seja simplista,

¹⁹² ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, I, p.177.

¹⁹³ MACHADO. Diálogos machadianos, In MACHADO *et all*, *Machado de Assis: um autor em perspectiva*, p.35.

superficial, é necessário que este leitor vá ao fundo de si mesmo e vislumbra aquilo que também há de conflituoso em si.

O cinismo (XXXIV – A uma alma sensível), a fraqueza e covardia (XLIII – Marquesa, porque eu serei marquesa), o ganancioso (XLVI – A herança), o egoísta (XLIX – A ponta do nariz), o adúltero (LI – É minha!), o interesseiro (LXX – Dona Plácida), o niilista (CLX – Das negativas), estes e tantos outros adjetivos passíveis de descrever Brás Cubas, não são suficientes para defini-lo ou conceder ao leitor uma imagem da complexidade labiríntica do referido narrador. Entretanto, o viés da personalidade de Brás que interessa ao presente estudo é certamente a sua faceta niilista, que, como já dito, não pode ser interpretada sob um cenário apenas sombrio e negativo, mas também como uma possibilidade de mudança.

De fato, não há normas, regras absolutas de comportamento. Não existe um manual de como se deve agir diante desta ou daquela situação moral e política¹⁹⁴, a tensão humana entre o que deseja e como deve agir segundo os padrões sociais é significativa. A filosofia, a exemplo de Kant, fundamentou a ética em bases racionais humanas, estabelecendo que a ação correta ou incorreta ficaria a critério do indivíduo enquanto ator da ação, unicamente. Contudo, a filosofia não considerou fatores como a ganância, o egoísmo, o desejo por poder, dentre outros muitos aspectos que caracterizam a personalidade, consciente ou não, do homem. Desse modo, percebe-se que a razão se mostra insuficiente para aquilo que se compreende como o julgamento de uma determinada ação moral. Exigir do homem a pura “boa vontade”, atrelando-a ao dever, mas que não se equivalem, como explicitou Kant em *Fundamentação da metafísica dos costumes* é tomar o homem quase em sentido simplório: “conceito de dever que contém em si o de boa vontade”.¹⁹⁵

Brás Cubas, ao morrer, renasce para uma nova vida, a qual ele não diz claramente qual é, restando ao leitor pressupor os moldes dessa nova existência. Renascimento pressupõe outra vida, diferente da anterior, algo que não se percebe claramente no Brás narrador e naquele lembrado. Apesar disso, evidencia-se um ataque furioso e antagonicamente cômico do autor defunto, contra a humanidade. Mas talvez este não tenha sido o alvo principal de Brás, mas sim os valores que permeiam a vida humana e que fazem com que o indivíduo fale e faça algo enquanto, internamente, deseje outra coisa.

¹⁹⁴ Tal posicionamento não considera determinados aspectos religiosos, pois estes estão inseridos na postura já apresentada no trabalho, a saber, de que as posturas religiosas muitas vezes mais cerceiam o homem do que o tornam independente e livre. Situação esta que não é exclusiva do terreno religioso, pois a filosofia, durante muitas gerações, colocou-se também tal tarefa, ou seja, servir como um norte para as ações humanas, algo que, como se percebeu, é falacioso pois a imprevisibilidade do homem, apesar de todos os esforços em doutrina-lo completamente, se faz presente na sociedade.

¹⁹⁵ KANT. *Fundamentação da metafísica dos costumes*, p.26.

O que ocorre em *Memórias Póstumas*, conforme Saraiva, é uma tentativa, por parte do narrador, em apreender a vida, empreendimento agora possível com a morte, que seria condição indispensável para esta narrativa e, libertadora, permite a Brás uma visão panorâmica da sua existência:

Para que a vida possa ser inteiramente revelada e seja possível redimensioná-la na totalidade do seu sentido, é preciso que o sujeito a vivencie em plenitude. *Memórias Póstumas de Brás Cubas* realiza a condição ideal do gênero autobiográfico: o autor fictício situa-se além da fronteira da vida, o que lhe possibilita escrever não a sua biografia, mas a sua metabiografia, visto que as sucessivas edições da vida redigiram a errata última e concludente. A morte funda, pois, o ato narrativo, legitimando o surgimento do narrador como memorialista e garantindo-lhe autoridade para se pronunciar sobre a própria vida. Como limite, ela é o tempo e o espaço da “voluptuosidade do nada”, que distancia o eu-enunciador do outro que ele foi; como circunstância, simultaneamente inarredável e libertadora, ela corresponde à superação das contingências do existir.¹⁹⁶

A morte, sem dúvida assinala um estado niilista na lógica de *Memórias*, pois é neste cenário que Brás Cubas fala e reflete sobre o vivido, chegando a conclusões incisivas sobre a existência humana, profundas e por vezes duras, mas que são expostas, como visto, através de uma pena quase humorística. Mais do que simplesmente fazer rir ao leitor simplista, Brás Cubas convida, com um riso irônico, a uma reflexão sobre a existência humana. O que faz o homem a respeito da sua vida, afirma-a ou nega-a? Qual a extensão do questionamento sobre o que somos? A morte para alguns se configura como um alívio, para outros, algo a ser profundamente temido, posicionamentos contrários que supõem que a vida pode se apresentar ao homem de diversas formas, cabendo a ele olhar, apreciar, lutar, temer ou fugir, dependendo de cada um.

A eminência da morte é um fato que persegue o homem desde o seu nascimento. Tal ser vê-se marcado por essa espécie de estigma que, ironicamente, demonstra também a beleza da vida e a necessidade de usufruí-la, uma vez que temporária. A posição de Brás Cubas, como defunto autor que refaz os passos que efetivou em vida, é uma demonstração que a morte, antes de ser temida, deveria ser revalorizada, pois a concepção de fim, diante da modernidade, perdeu sua profundidade e, conseqüentemente, reduziu a reflexão humana sobre o seu vigorar no mundo: “A desvalorização do mito da morte, fruto de uma cultura moderna e dissociada, baseada na razão e na tecnologia, deixam o homem atual distanciado dos movimentos arquetípicos da transformação e do confronto com a morte”.¹⁹⁷

Em “Sem olhos”, conto que constitui o volume *Relíquias da casa velha*, Machado expõe uma dupla concepção acerca da morte:

¹⁹⁶ SARAIVA. *O circuito das memórias em Machado de Assis*, p.195.

¹⁹⁷ CALLIA. *Apresentando a morte*, p.12.

–Sabe o que é a morte?

–Imagino.

–Não sabe. A morte é um verme, de duas espécies, conforme se introduz no corpo ou na alma. Mata em ambos os casos. Em mim não penetrou no corpo; o corpo geme porque a doença reflete nele; mas o verme está na alma. Nela é que eu o sinto a roer todos os dias.¹⁹⁸

A morte, assim posta, corrói, ou deveria corroer o homem. De que forma? Machado não explicita, mas deduz que seja através da reflexão sobre a finitude da vida, ou no que se refere ao próprio tempo, que não encontra entrave, e segue impassível, contando os dias, as horas das diversas existências humanas para os seus respectivos fins. Em todos esses casos, a questão do nada se faz presente. Doloroso ou não, ele é um fato concreto que todos os seres vivos, principalmente os racionais, hão de se confrontar um dia. É o que expõe Brás Cubas.

Tem o homem a necessidade de preencher vazios e o faz das mais diversas formas: através da paixão, da representação de um deus, da filosofia, da ciência etc., se há o preenchimento ou não desse vazio, desse nada existencial, é algo para longo e inconclusivo debate, o qual não será abordado profundamente aqui. Para Schopenhauer, a morte configura-se como uma restituição ao estado anterior, o que significa um retorno ao nada que o homem era antes de existir:

O morrer é o momento de libertação da unilateralidade de uma individualidade que não constitui o núcleo mais íntimo de nosso ser, mas antes tem de ser pensada como um tipo de aberração dela: a verdadeira, originária liberdade aparece de novo nesse momento que, em sentido já indicado, pode ser considerado como uma *restitutio in integrum* [restituição ao estado anterior].¹⁹⁹

O plano da ficção literária é um terreno profícuo para que o homem possa refletir sobre os mais diversos assuntos e estabelecer as mais prováveis realidades. Nesse sentido, a relevância de Machado de Assis nesse cenário, em termos de Brasil, cuja transição do romantismo para o realismo ainda é um processo efetivo, demonstra que o enredo de *Memórias* apresenta muito mais do que se concebe em um primeiro momento. Brás Cubas reflete sobre seus feitos, posiciona-se sobre si mesmo, apontando aspectos particulares que não podem ser considerados falhas ou fraquezas, mas inclinações, desejos, pulsões, as quais somente encontrariam vazão mediante o ultrapassamento dos ditames sociais. Heráclito lega ao homem o seguinte pensamento: "A única coisa que permanece é a mudança".

O homem não pode ser fixado, reprimido, forçado a adotar uma vida para a qual não possui disposição. Ultrapassando-se os adjetivos negativos sobre Brás, pode-se afirmar que a sua postura niilista é também uma forma afirmativa da vida, mesmo que o seu discurso seja

¹⁹⁸ ASSIS, Sem olhos. In *Germina: revista de literatura & arte*. Contos de Machado por Mauro Rosso. Contos fantásticos 2. 81. Julho, v.4, n.2, 2008. Disponível em: <http://www.germinalliteratura.com.br/2008/contosdemachado_semolhos.htm>. Acesso em: 12/01/2016.

¹⁹⁹ SCHOPENHAUER. *Metafísica do Amor. Metafísica da Morte*, p. 139-140.

voltado para uma espécie de pessimismo. A complexidade do referido personagem está justamente naquilo que lhe foi imposto como diretrizes prioritárias para sua vida: um casamento rentável e uma carreira política, proposta, como se sabe, pelo pai Cubas. A resposta de Cubas filho não poderia ter sido mais enfática: “Não entendo de política – disse eu depois de um instante – quanto à noiva... deixe-me viver como um urso, *que sou*”.²⁰⁰ Brás apresenta-se, talvez em um dos raros momentos das suas memórias no qual fala sem a ironia, tal como concebe a si.

Sua ignorância em política não é uma falha, mas uma espécie de falta de ambição em “dourar ainda mais o nome Cubas”. Quanto ao casamento, o narrador afirma a sua clara indisposição para tal relação, algo que se confirma no decorrer da narrativa. Brás, desse modo, não pode ser acusado de não ter conquistado objetivos os quais não eram realmente seus, mas obrigações que deveriam ser cumpridas. A morte do pai fez com que desaparecessem tais obrigações, porém os ecos das mesmas permanecem em seu espírito: a busca pela notoriedade talvez se apresente, inconscientemente, como um resquício do sonho paterno em vê-lo ilustre. A morte paterna marca-o, e o que deveria ser um capítulo sobre tal acontecimento torna-se apenas um amontoado de notas:

Soluços, lágrimas, casa armada, veludo preto nos portais, um homem que veio vestir o cadáver, outro que tomou a medida do caixão, caixão, essa, tacheiros, convites, convidados que entravam [...]. Isto, que parece um simples inventário, eram notas que eu havia tomado para um capítulo triste e vulgar que não escrevo.²⁰¹

Brás, como já disse anteriormente, é uma personagem em muitos momentos emblemática: o derradeiro capítulo “Das negativas” parece, aparentemente, contradizer-se com os capítulos iniciais, como “O delírio”, no qual, em diálogo com Natureza ou Pandora, Brás Cubas implora por mais algum tempo de vida:

- Creio; eu (Pandora) não sou somente a vida; sou também a morte, e tu (Brás Cubas) estás prestes a devolver-me o que te emprestei. Grande lascivo, espera-te a voluptuosidade do nada.

Quando esta palavra ecoou, como um trovão, naquele imenso vale, afigurou-se-me que era o último som que chegava aos meus ouvidos; pareceu-me sentir a decomposição súbita de mim mesmo. Então, encarei-a com olhos súplices, e pedi mais alguns anos.

- Pobre minuto! – exclamou. – Para que queres tu mais alguns instantes de vida? Para devorar e seres devorado depois? Não estás farto do espetáculo e da luta? [...]. Que mais queres tu, sublime idiota?

- Viver somente, não te peço mais nada. Quem me pôs no coração este amor da vida, senão tu?²⁰²

²⁰⁰ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, XXVI, p.215. Grifo meu.

²⁰¹ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, XLV, p.231.

²⁰² ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, VII, p.186.

O amor de Brás à vida envolve reflexões que se mostram bastante abrangentes e complexas e que escapam aos olhos do leitor mais desatento: é possível falar em amor à existência diante de uma espécie de afirmação desqualificatória diante da humanidade? A própria ideia já apresenta uma resposta coerente, ou seja, a vida não é inerente às ações do homem. Ou seja, se estar vivo configura-se como algo desagradável ou não, isto não está presente no plano da natureza, mas sim no âmbito do fazer humano. É este que, conforme seus desejos, inclinações, anseios, valores, transforma a vida, que é por si só, em algo que simploriamente designa-se de boa ou má. Um indivíduo abastado financeiramente pode considerar a sua existência um fardo, enquanto que alguém, de parcas condições veja a sua vida de forma totalmente diferente. Entretanto, os valores para se classificar, erroneamente, se a vida é boa ou não, ainda estão aferroados ao ter e ser. Nesse aspecto, a obra *Memórias*, de fato, não pode ser considerada uma obra negativa, e aqui corrobora-se com a concepção do professor Vitor Cei, pois a acusação de Brás não se volta contra a vida propriamente dita, mas contra aquilo que o homem faz dela, impondo-lhe valores que, ao fim, nada representam ou possuem uma importância menor do que o apregoado. Desse modo, se a vida assim é confeccionada superficialmente pelo homem, o que lhe causa melancolia, resta, como forma de fuga à perenidade humana, a narração, as memórias:

Se para os pessimistas e niilistas não houve, até hoje, nenhum outro sentido para o homem, e sua existência sobre a Terra não se apresenta senão como um deplorável absurdo, uma aventura desprovida de finalidade, um grande “em vão”, ao qual falta qualquer horizonte de sentido, Brás Cubas oferece a sua obra como um sentido justificador: perenizar o que por si só é fugaz, narrar para não morrer.²⁰³

A angústia da finitude da vida é atenuada com recordações que expressam o percurso da vida de Brás, seja ele qual foi e em quais meios e modos ocorreu. Tudo deve ser dito, como um expurgo final do que foi a existência para si. Nesse ponto, a presença do niilismo se faz ainda mais contundente, pois o fim, ao qual o homem sempre procurou fugir ou negar, está presente em todos os dias da sua efetividade. Nesse ponto, não há negação da vida em Brás, mas afirmação através de suas lembranças, que continuarão existindo, independente de seu protagonista e narrador.

Certamente, não se trata de fornecer elementos para uma superação do niilismo, pois o que Brás Cubas oferece não é uma perspectiva salvacionista, mas sim a revelação do niilismo em toda sua plenitude e em todas as suas possibilidades – ele faz da falta de fundamento o objetivo de uma afirmação, saindo da vida com um pequeno

²⁰³ CEI. *A voluptuosidade do nada: o niilismo na prosa de Machado de Assis*, p.227.

saldo. O irônico é que, no ato mesmo de negar a vida, o defunto autor a afirma com a criação de uma obra.²⁰⁴

Ao contrário da angústia, da negação de que o homem é transitório no mundo, Brás prefere o riso, o humor, a alegria, mesmo para lembrar certas passagens que alguns podem considerar angustiantes ou tristes na narrativa. As memórias, adquirem nesse contexto, uma significativa função, pois são elas que, além de amenizarem o vazio de Brás, também podem se configurar como uma forma de permanência na vida, pois recordando-se, volta-se à vida:

A ideia das memórias pode ser vista como um recurso criado pelo narrador defunto para driblar o tempo, que segundo Brás Cubas é o ministro da morte. A recordação é uma maneira própria de retornar ao mesmo ou à experiência vivida e por isso a vida deve ser compreendida a partir de todo o esforço que ofereça a ela a maior intensidade possível, pois a advertência de Cubas é categórica: “ninguém se fie – apenas – da felicidade presente”.²⁰⁵

A complexidade do homem não pode ser calculada em medidas exatas. O fenômeno do niilismo expõe uma faceta do homem que a este marca de modo indelével: quem de fato é o homem? Brás, mesmo após a vida, não consegue responder tal questão, mas aponta um norte, a saber, de que a relação do homem com a vida/morte é, em grande parte, responsável pelo que cada um é ou a forma como enxerga a vida. A almejada felicidade é, de fato, o que para o homem? Uma efemeridade, conforme o olhar de Brás, e a vida não mais que um sopro. Vive-se sob a tutela das mais diversas organizações sociais, e com qual finalidade, se o caminho final é sempre o da morte, o vazio, o nada?

Brás encontra nas próprias memórias um bálsamo, o seu emplasto no sentido concreto do termo. A vida, tão apreciada por Brás, é fixada em suas memórias, nas quais não há disfarces, adornos, floreios, nem posturas mascaradas que visem agradar o leitor, ao contrário, a trajetória de Brás é exposta diretamente, o que, sob uma perspectiva positiva, pode ser interpretada sob um sentido afirmativo da vida, pois Brás não teme o julgamento, a moralidade, uma vez que suas memórias trazem aquilo que foi a sua vida. Por que envergonhar-se ou recear pelo que foi feito no passado aos possíveis olhos julgadores de um ou outro leitor? Brás apresenta a sua existência, desnudando-a tal como ela ocorrera. Em Brás, como ocorre em muitos heróis, não houve redenção, conversão ou mudança, pois o referido narrador nunca esteve em busca de tais transformações, mas desejava apenas viver.

As regras que o próprio Brás erigiu para si não visaram, em momento algum, criar uma nova ética, mas apenas adequar às situações, os acontecimentos a uma lógica sua, com

²⁰⁴ CEI. *A voluptuosidade do nada: o niilismo na prosa de Machado de Assis*, p.228.

²⁰⁵ CONCEIÇÃO. *Em busca do deus perdido em Machado de Assis*, p.325.

base em uma postura de liberdade que iam de encontro inclusive aos valores que lhe foram repassados em família:

Outrossim, afeiçoei-me à contemplação da injustiça humana, inclinei-me a atenuá-la, a explicá-la, a classificá-la por partes, a entendê-la, não segundo um padrão rígido, mas ao sabor das circunstâncias e lugares. Minha mãe doutrinava-me a seu modo, fazia-me decorar alguns preceitos e orações; mas eu sentia que, mais do que as orações, me governavam os nervos e o sangue, e a boa regra perdia o espírito, que a faz viver, para se tomar uma vã fórmula.²⁰⁶

Brás reafirmou sua postura e seus valores, argumentando ser incapaz de negar seus impulsos, seu sangue, postura esta que se assemelha à posição de Nietzsche, o qual afirma que vícios e até mesmo virtudes não podem servir como parâmetros para julgamentos morais em relação ao homem, o que se pode falar, portanto, é em uma reafirmação do homem e sua natureza.

Quando se fala da humanidade, a noção de humanidade é de algo que *separa* e distingue o homem da natureza. Mas uma tal separação não existe na realidade: as qualidades “naturais” e as propriedades chamadas “humanas” cresceram conjuntamente. O ser humano em sua mais elevadas e nobres capacidades, é totalmente natureza, carregando consigo seu inquietante duplo caráter. As capacidades terríveis do homem consideradas desumanas, talvez constituam o solo frutífero de onde pode brotar toda humanidade, em ímpeto, feitos e obras.²⁰⁷

A educação, a religião, o Estado e seus mecanismos de manutenção da ordem não são suficientes, em muitos casos, para a repreensão da natureza humana no seu sentido mais intrínseco. Niilismo, nesse caso, representa, mais do que uma ameaça, uma perspectiva, um caminho diverso a ser seguido. Brás não está em busca de uma nova direção, de um outro rumo para sua existência, que já findou, mas sua postura em vida possibilita entrever, além do ganancioso, do sensualista, do egocêntrico, do pessimista, do irônico mordaz etc., também o inconformado, o questionador, aquele que desafia e se põe em direção contrária.

Machado e Nietzsche, com suas respectivas obras, buscam demonstrar que o homem é mais do que a refinada educação e galanteria, mais do que gestos cordiais moldados na tradição social, mais do que cultura elevada e princípios morais rígidos, ele também é aquele que quer denegrir esses valores, pois o seu caráter niilista não é apenas uma via de mão única voltada para a destruição, mas também para a criação. É inegável que entre o escritor carioca e o filósofo alemão, há muitas similaridades:

Se o homem cria os valores para si mesmo, ainda que atribua essa criação a Deus ou aos céus, para Nietzsche seria chegado um novo tempo em que todos esses valores deveriam ser questionados e revistos. Machado de Assis também traz à tona valores sociais vigentes e, com muita ironia, denigre a validade de cada um deles. Talvez Nietzsche fosse um personagem de *O Alienista* de Machado. Talvez Machado fosse

²⁰⁶ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, XI, p.191.

²⁰⁷ NIETZSCHE. *Cinco prefácios para cinco livros não escritos*, p.65.

o super-homem de Nietzsche. Se as distâncias não permitiram que um se desse a conhecer para o outro, suas obras no entanto dialogaram em um mundo que só começamos a descobrir.²⁰⁸

Como já dito, não há uma proposta de superação do niilismo em *Memórias*, mas também não há uma exaltação do pessimismo, tão comumente associado a Machado de Assis, e aqui não se deve confundir criador com criatura, uma vez que o tom pessimista do escritor estava mais voltado para um sentido de crítica do que uma postura de desânimo, posição mais do que compreensível, dada a história do Brasil.²⁰⁹

Brás não pode ser considerado um pessimista no sentido clássico do termo, pois sua ambiguidade demonstra desconforto, inconformidade, necessidade de rir de tudo e de todos, mas, em contrapartida, suas memórias tratam de uma vida que viveu em um mundo que um dia foi seu. Se esta realidade dos vivos não mais o agradasse ou chamasse sua atenção, certamente não escreveria sobre o passado, mas sobre o futuro, o além vida, o qual não fez questão alguma de apresentar.

Talvez não se tenha em Brás Cubas a postura de uma personagem que sai em busca de si mesmo, em uma espécie de autorreflexão construtiva, mas há o questionamento, por vezes implícito, outras vezes escancarado, de um mundo, uma sociedade, da qual Brás faz questão de zombar, reafirmando sempre a flexibilidade de todas as coisas: “Era fixa a minha ideia, fixa como... Não me ocorre nada que seja assaz fixo neste mundo”.²¹⁰ Se nada é fixo, tudo está em mutação, em transformação, incluindo aí o homem. Brás reafirma o homem e a sua natureza, a sua indocilidade, o seu constante interrogar, mesmo que não o faça, muitas vezes, de forma consciente. O homem, de fato, parece estar em uma constante busca de si mesmo.

Semelhante postura é percebida em um personagem, Aliócha, uma das figuras centrais do romance *Os irmãos Karamázov*, de Dostoiévski, cujas reflexões sobre si e o mundo, ao modo de Brás Cubas, porém sob uma perspectiva menos cômica, demonstra a questionabilidade dos valores vigentes no mundo.

Ao colocar estes dois escritores em diálogo, afirma-se que o homem moderno, independente da sua nacionalidade, está em constante conflito consigo e com aquilo que o

²⁰⁸ MÉLEGA, Machado de Assis encontra Nietzsche. Disponível em: <<http://filosofiacienciaevida.uol.com.br/ESFI/Edicoes/84/artigo292501-4.asp>> Acessado em: 16/01/2016.

²⁰⁹ “Olhando para o mundo, Machado está mesmo de olho no Brasil, não só descrente dos projetos modernizadores que despencam por toda parte mas, antes disso, mapeando o tema da farsa que nos constitui: a falsificação e a pouca importância dos acontecimentos políticos, do Grito do Ipiranga à pancadaria no Largo do São Francisco (...) Enfim, um sistema representativo falido, há dez anos nas mãos dos conservadores que tinham até mesmo realizado o programa dos liberais”. CARA, S. A. *Machado de Assis nos anos 1870: a preparação do romance realista*, In: O bruxo do Cosme velho: Machado de Assis no espelho, p.42.

²¹⁰ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, IV, p.180.

cerca. Os valores vigentes, seja em qual cultura for, apresentam efeitos colaterais que não podem ser ignorados. O niilismo, um dos sintomas dessa modernidade, apresenta-se como uma tentativa de quebra desse sistema que cria os ditames a serem seguidos, sem qualquer questionamento, sem a devida reflexão sobre os efeitos deste ou daquele parâmetro sobre a vida dos indivíduos.

Os irmãos Karamázov é uma obra de 1879, *Memórias Póstumas*, por sua vez, data de 1880, ou seja, apenas um ano separa esses dois livros que marcam, cada um e ao seu modo, a sociedade de modo incômodo, seja através das ideias expressas, seja pela estrutura da narrativa. Este último caso pode ser conferido exclusivamente às *Memórias*:

Machado já havia mostrado nos romances e contos anteriores um gosto pela ironia, pela anedota filosófica, pela sobreposição dos interesses aos deveres. Já tinha algumas “rabugens” de pessimismo e não era romântico por inteiro. Mas a sua experiência em Nova Friburgo acelerou a sua passagem para um tipo de narrativa diferente, em que a trama não é o único ingrediente importante. Com um narrador pouco confiável (Brás Cubas), que necessariamente distorce sua história, ao mesmo tempo que nos dá pistas para perceber que faz essas distorções, a estrutura ficou solta, ágil, tão inteligente quanto divertida; o leitor ri internamente quase a cada parágrafo, e ri de como o ser humano pode ser patético com seus sonhos de totalidade.²¹¹

No que se refere à obra do romancista russo, fala Joseph Frank:

De fato, essa obra (*Os irmãos Karamázov*) se destaca até mesmo das duas obras-primas anteriores e consegue rematar uma expressão clássica do grande tema que o estava preocupando desde *Memórias do Subsolo*: o conflito entre a razão e a fé cristã. Nunca antes Dostoiévski tinha expressão esse conflito com tamanha força poética, tamanha exaltação simbólica e com descrição tão ampla dos tipos sociais russos e da vida na Rússia.²¹²

Como percebido no fragmento acima, Dostoiévski abordará em seu monumental romance o conflito interno entre razão e fé que muitas vezes assalta o espírito humano, em um claro e angustiante digladiar de posturas e pensamentos, uma vez que o homem não é totalmente racional: o medo, a fúria etc., são demonstrações que o ser humano por vezes abandona o seu lado racional, conscientemente ou não, e assume outras posturas.

O romance, que trata, basicamente, de um assassinato, o do Karamazóv pai e os conflitos entre este, antes de morrer, e os seus três filhos, Dmitri, Ivan e o caçula, Aliócha, aborda, em significativa parte do romance, algumas questões morais que, não raro, atormentam, principalmente os três irmãos, em especial Aliócha, jovem seminarista, cuja visão religiosa é, antes da morte do seu mestre, bastante expressiva. Seu principal opositor

²¹¹ PIZA. *Machado de Assis, um gênio brasileiro*, p.202-203.

²¹² FRANK. *Dostoiévski, o manto do profeta*, p. 711.

ideológico é o irmão Ivan, homem inteligente e declaradamente niilista, o qual concebe a ideia de que tudo é permitido diante da ausência de uma autoridade divina:

Pois bem, imagina que o resultado definitivo disso é que eu não aceito esse mundo de Deus e, mesmo sabendo que ele existe, não o admito absolutamente. Não é Deus que não aceito, entende isso, é o mundo criado por ele, o mundo de Deus que não aceito e não posso concordar em aceitar. ²¹³

Aliócha, por sua vez, é o lado puro e bondoso dos Karamázov, aquele que não julga e nutre um forte amor pelos seus semelhantes:

Mas amava os homens: parecia ter vivido a vida inteira acreditando plenamente neles, e entretanto nunca ninguém o considerara nem simplório, nem ingênuo. Nele havia qualquer coisa que dizia e infundia [...] que ele não queria ser juiz dos homens, que não queria assumir sua condenação e por nada os condenaria. Parecia até que admitia tudo, sem qualquer condenação, embora tomado amiúde de uma tristeza muito amarga. ²¹⁴

A religiosidade do mais jovem dos três irmãos é inegável. Contudo, sua postura aos poucos vai se modificando, principalmente após o falecimento do seu mestre, *stárietz*²¹⁵ Zossima, que servia ao rapaz como uma espécie de tutor, amigo e guia espiritual. Sobre esse fato, a morte do ancião, é preciso deter-se minimamente, para se compreender o conflito de Aliócha e seu posterior rompimento com a vida monástica. Aliócha, religioso, mas que não perde o seu senso realista. ²¹⁶Aqui já é exposta uma natureza conflituosa na referida personagem, que crê em milagres, contudo não perde o seu senso crítico.

A questão dos milagres é apresentada no romance como algo bastante significativo no mosteiro no qual Zossima e Aliócha estão vinculados. É uma espécie de tradição que os *stárietz* que levaram uma vida religiosa plena e dedicada à religião, tornar-se-ão santos, o que é assinalado na hora da morte, uma vez que o corpo de tais homens, segundo a crença do lugar, não irá emitir o odor de decomposição, algo considerado um milagre. E muito se acreditava que o *stárietz* Zossima alcançaria tal condição, dada a sua vida devotada ao auxílio alheio e à simplicidade de um modo tal que até mesmo os outros monges do mosteiro não conseguiam viver. Contudo, tal milagre não ocorreu:

²¹³ DOSTOIÉVSKI, *Os irmãos Karamázov*, p. 325.

²¹⁴ DOSTOIÉVSKI, *Os irmãos Karamázov*, p. 33.

²¹⁵ Em suma, uma espécie de homens santos, que abdicam da vida material para viverem de modo humilde. Por causa dessa filosofia de vida, tornaram-se estimados pelo povo russo. Segundo o autor, apesar de terem aparecido há menos de cem anos na Rússia, ou seja, na época de Dostoiévski, tais homens já existiam há milênios.

²¹⁶ “Talvez digam que as faces vermelhas não impedem nem o fanatismo, nem o misticismo; a mim, porém, me parece que Aliócha era até mais realista que qualquer outra pessoa. Oh, é claro, no mosteiro ele acreditava piamente em milagres, mas a meu ver os milagres nunca desconcertam o realista. Não são os milagres que inclinam o realista para a fé. O verdadeiro realista, caso não creia, sempre encontrará em si força e capacidade para não acreditar no milagre” DOSTOIÉVSKI, *Os irmãos Karamázov*, p.44.

Quando, ainda antes do raiar do dia, colocaram no caixão o corpo do *stárietz* preparado para o sepultamento e o levaram para o primeiro cômodo, a antiga sala de recepção, surgiu uma pergunta entre os que se encontravam junto ao caixão: será o caso de abrir as janelas do cômodo? Mas essa pergunta, se alguém fizera de passagem e por alto, ficou sem resposta e quase não foi notada – talvez só alguns dos presentes a tenham notado, e assim mesmo de si para si, dando-lhe o único sentido de que esperar decomposição e cheiro deletério de um defunto como aquele era puro absurdo, digno de pena (senão de zombaria) em face da pouca fé e da leviandade de quem a fizera. Porque se esperava exatamente o contrário.²¹⁷

Inicia-se, após esse episódio, um acontecimento que, apesar de humano, enche o jovem Aliócha de horror e raiva: alguns dos monges demonstram alegria diante do milagre não efetuado:

Mal a decomposição começou a manifestar-se, só pelo aspecto dos monges que entravam na cela do morto dava para deduzir o que os levava ali. Um entrava, permanecia um pouco e saía para confirmar depressa a notícia aos outros que aguardavam aglomerados lá fora. Entre os que aguardavam, uns meneavam a cabeça com tristeza, mas outros nem faziam questão de esconder sua alegria, que resplandecia nitidamente em seu olhar enfurecido. E ninguém mais os censurava, ninguém dizia uma palavra a favor do morto.²¹⁸

A fama de santo que Zossima adquiriu em vida vai, desse modo, aos poucos desaparecendo não apenas entre a população que tanto auxiliou, mas entre os seus próprios irmãos de mosteiro. Os casos de outros *stárietz* que morreram e não apenas não cheiravam mal, como até exalavam uma certa fragrância é relembra pelos monges (DOSTOIÉVSKI, 2012, p.451) em tom maldoso, para se contraporem ainda mais ao fato de que o *stárietz* Zossima não alcançou o nível de santidade, demonstrando-se que entre os demais religiosos havia uma parcela significativa de inveja e disputa. Aliócha, como não poderia ser de outro modo, sofre com a perda do amigo e mestre, e também com a ausência do milagre:

Mas mesmo assim havia perturbação, mesmo assim ele (Aliócha) a experimentava, e era tão angustiante que até mais tarde, muito tempo depois, Aliócha considerava aquele triste dia (o da morte de Zossima) um dos mais penosos e fatídicos da sua vida [...]. Mais uma vez, porém, não era de milagres que ele precisava, mas tão somente de “suprema justiça” que, segundo crença sua. Havia sido violada, e assim seu coração ficara tão cruel e inesperadamente ferido.²¹⁹

Diante de tal injustiça para com o seu mestre, Aliócha começa a questionar se aquele lugar, o mosteiro, era de fato um lugar sagrado; se aqueles homens poderiam ser chamados de santos. Com a morte do Zossima, Aliócha vê-se diante de uma nova tentação: a corrupção da sua fé: “o próprio *stárietz* torna-se, com a sua morte, objeto de uma nova tentação: a rápida corrupção de seu corpo choca a fé ingênua da comunidade monástica”.²²⁰ Adentra-se, nesse

²¹⁷ DOSTOIÉVSKI. *Os irmãos Karamázov*, p.446.

²¹⁸ DOSTOIÉVSKI, *Os irmãos Karamázov*, p. 448.

²¹⁹ DOSTOIÉVSKI. *Os irmãos Karamázov*, p.457-458.

²²⁰ GIRARD. *Dostoiévski: do duplo à unidade*, p.136.

debate, profícuas e profundas questões que não poderiam alcançar aqui a merecida atenção, contudo, percebe-se que o niilismo faz-se presente no espírito de Aliócha, e sob um aspecto que não se faz tão diferente daquele que apresenta Brás Cubas: a liberdade. O mundo piedoso e devoto que Aliócha acreditava existir, rui com a morte do seu mestre, a verdade é exposta e a alma dos homens apresenta-se em seu aspecto natural, o que não deve ser entendido aqui como uma repreensão ou qualquer coisa do tipo. Sua fé, posta à prova, exige uma resposta, uma possibilidade de solução. A resposta de Aliócha para tal enigma é simplesmente a vida, ou melhor, a afirmação desta.

Assim como o epilético, o criminoso e o ateu são protagonistas na teodiceia dostoiévskiana. Eles estão no limite mais extremos da liberdade: o seu próximo passo necessariamente os conduzirá a Deus ou ao abismo do inferno. Eles rejeitaram a tax de decoro tal como foi imaginada por Pascal . pascal propunha aos homens viverem piamente, acreditassem ou não em Deus; se Deus existisse, seu pietismo seria eternamente recompensado; caso contrário, suas vidas teriam sido, não obstante, decorosas e racionais. Os heróis de Dostoiévski se rebelam contra tal equívoco. Para eles, a existência ou a inexistência de Deus é indiferente ao significado da vida. ²²¹

A solução que Aliócha dá aos seus conflitos internos não foge inteiramente daquilo que acreditava: a vida possui uma forte dimensão terrena, cujo ator principal, o homem, com suas dicotomias, desejos e valores, que não raro entram em embate, é telespectador e partícipe, dependendo de cada indivíduo. É preciso salientar que tal resolução não advém puramente de Aliócha, mas dos conselhos do seu próprio mestre, que o manda, por assim dizer, para a vida. O que Aliócha buscava encontrar no mosteiro, ou seja, o caráter do sagrado, de fato, mostrou-se equivocado. Não é em um mero lugar que se pode vislumbrar a sacralidade no seu sentido mais genuíno, mas sim na própria terra e na vida:

Aliócha está situado no contexto religioso, e sua crise de dúvida, que, como as do Rei Lear e de Hamlet, põe em questão toda a ordem do universo, é resolvida tão-somente por uma intuição cósmica de harmonia secreta que liga a terra aos céus estrelados e aos outros mundos. ²²²

O conflito entre fé e razão, presente em Aliócha, exemplifica as lutas internas que cada um se depara diante deste ou daquele valor, que muitas vezes entram em choque com as próprias inclinações naturais de cada um. A fé que Aliócha detinha foi posta em cheque diante de uma simples morte, a de Zossima, uma vez que as suas crenças, ou aquilo que acreditava existir, mostrou-se inexistente. Os homens, independente de religião, apresentam aspectos intrínsecos que nenhuma doutrina consegue refrear. Aos olhos de Aliócha, portanto, a questão não é puramente sobrenatural, religiosa, mas também de humanidade, em uma esfera do físico, do mundo tal como ele se apresenta. Aspecto este que não pode ou não deveria ser

²²¹ STEINER. *Tolstói ou Dostoiévski*, p.220.

²²² FRANK. *Dostoiévski: o manto do profeta*, p.712-713.

negado pelas religiões. Assim como Brás Cubas, Aliócha torna-se criador da sua própria lei: o sagrado não está somente em outros mundos, mas também aqui, na vida.

Faz-se necessário observar que essa sede de vida, tão repetidamente apresentada em cada um dos três irmãos no decorrer da obra, é também, segundo os mesmos, a fonte de seus infortúnios:

Ivan, “bem-humorado”, confirma o julgamento de Aliócha e confessa esse amor puramente instintivo à vida. Diz: “É com certeza um traço dos Karamázov essa sede de viver sem considerações por nada, tu também a tens sem dúvida nenhuma, mas por que ela é vil?” Obviamente, pode tornar-se vil, como no velho Fiódor Pavlovitch (Karamázov pai) ou nas aventuras sexuais de Dmítri, mas também pode ser uma força de sustentação da vida.²²³

Em *O discurso à pedra*, última parte de *Os irmãos Karamázov*, Aliócha, que acabara de participar do sepultamento de Iliúchetchka²²⁴, chama os amigos do menino para uma conversa, na qual expõe a sua visão de vida:

Sabei que não há nada mais elevado, nem mais forte, nem mais saudável, nem doravante mais útil para a vida que uma boa lembrança, sobretudo trazida ainda da infância, da casa paterna. Muitos vos falam da educação, mas uma lembrança maravilhosa, sagrada, conservada desde a infância, pode ser a melhor educação. Se o homem traz consigo muitas dessas lembranças para sua vida, está salvo pelo resto da existência. Mesmo que guardemos apenas uma boa lembrança no coração, algum dia só isto nos poderá servir como salvação. Talvez mais tarde até nos tornemos perversos, até sejamos incapazes de resistir a um ato mau, talvez venhamos a rir das lágrimas humanas e das pessoas que dizem, como Kólia ainda há pouco: “Quero sofrer por todos”, e a zombar talvez maldosamente dessas pessoas. E mesmo assim, por mais malvados que nos tornemos, que Deus não o permita, tão logo nos lembremos de como sepultamos Iliútcha, de como o amamos em seus últimos dias, e de como conversamos agora com tanta harmonia e tão junto aqui ao pé desta pedra, nem o mais cruel e zombeteiro de nós – se assim nos tornarmos – se atreverá a zombar intimamente de como foi bom, de como foi belo neste momento!²²⁵

A fala do ex-seminarista é bastante realista, não nega que um dos garotos ou até ele mesmo venha a ser uma pessoa cruel, zombeteira, frisando, contudo, que isso não impede tal pessoa de ter boas lembranças, o que poderia até ser algo positivo, pois diante de tais memórias, aquele indivíduo que se tornou mal pode vir a refletir sobre si e sua situação. Tais lembranças, conforme Aliócha, devem ser cultuadas na vida, pois o momento da transformação do homem é agora, não em um momento posterior.

No início da sua fala, Aliócha parece fazer uma crítica à educação, apontando que uma boa lembrança pode valer muito mais. Desse modo, o rapaz alerta que a educação não é suficiente para que um indivíduo tornar-se alguém bom, ou mal. Uma lembrança agradável

²²³ FRANK. *Dostoiévski: o manto do profeta*, p. 751.

²²⁴ O filho de um homem que fora humilhado por Dmítri em um bar. Aliócha, sentindo-se culpado pela ação do irmão, faz amizade com o garoto e com a família deste, sendo que o menino vem a falecer tempos depois, vítima da tuberculose.

²²⁵ DOSTOIÉVSKI. *Os irmãos Karamázov*, p.996.

marca na memória uma determinada sensação agradável, de um momento salutar, harmonioso, que não deve ser esquecido, mesmo das mais adversas situações, sob o risco do homem corromper-se. Assim, Aliócha não afirma que os valores certos estão nas igrejas ou nos templos, na doutrinação desta ou daquela igreja, mas dentro do próprio homem e na sua vida, nas boas lembranças que ele vai recolhendo no decorrer da mesma. Aliócha não expõe, em uma livre interpretação da sua fala, uma solução para a crise do homem, mas aponta uma possibilidade de resistência, uma postura de obstinação ao que se impõe sobre tal indivíduo.

Assim, tanto Brás Cubas quanto Aliócha criam seus próprios valores e elegem a vida como uma probabilidade de resposta diante daquilo que oprime o homem. Nos dois casos, a percepção do niilismo é confrontada, pois o primeiro, seguindo seu próprio caminho, apresenta, através da ironia e da alegria, uma nova postura de existência, mesmo que isto não se apresente de modo direto no romance. Brás Cubas obedece somente às suas leis, aos seus ditames, mesmo que isto signifique transgressão, oposição àquilo que é comumente colocado como normal, certo, ideal. Se há pessimismo em *Memórias*, esta decorre da impossibilidade da Brás Cubas viver plenamente conforme aquilo que projetou para si: não quis casamento, mas a sociedade impõe ao indivíduo tal projeto, e pelos mais diversos motivos. Para Brás, o casamento era necessário para projetos futuros de engrandecimento social e monetário, tal como havia projetado Cubas pai.

É nas suas memórias que Brás mantém-se em conexão com a vida, tal como expõe Aliócha em seu discurso à pedra. Não há como fugir desta existência, por mais que se queira, é o que nos ensinam as referidas personagens, pois o embate entre ser aquilo que se é e ser aquilo que a sociedade estabelece, com seus valores e tradições, sempre será uma constante na vida do homem, pois este, individualmente, possui seus valores, suas inclinações, suas pulsões e desejos que, inevitavelmente, entrarão em conflitos com o que é imposto socialmente.

Afirmção da vida, apesar do vazio, da ausência de resposta, da angústia, apresenta-se, conforme visto através dos olhares destas duas personagens, como um viés afirmativo da existência, mesmo que esta um dia finde, como irá de fato ocorrer. Assim posto, percebe-se que o niilismo é um aspecto que parece ser inerente ao homem, e não se está mais aqui falando de um niilismo social, político, ideológico, religioso, mas sim do próprio homem e daquilo que o angustia, externamente ou internamente, pois o ser humano, complexo como ele é, não pode ser classificado como bom ou mal, justo ou injusto, forte ou fraco, mas como um ser criador, que se maravilha e se amedronta diante da sua própria existência.

Considerações finais

A fortuna literária machadiana é inegavelmente rica e profícua, muitos dos assuntos apresentados em suas obras, incluindo também a poesia, não foram devidamente trabalhadas ou explorados, e não se está aqui falando apenas no campo literário, uma vez que Machado de Assis, como todo grande autor, ultrapassa os limites estabelecidos, avançando para outras áreas, dialogando com a filosofia, a psicologia, dentre muitas mais.

Neste trabalho, efetuou-se a relação comparativa e interpretativa de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* em consonância com a filosofia, mais especificamente com o pensamento do filósofo Nietzsche, um dos principais pensadores do século XX, abordando-se de modo central a questão do niilismo, fenômeno moderno. Não se objetivou aqui realizar uma pesquisa que pudesse dar conta das interpretações niilistas em *Memórias Póstumas*, uma vez que tal romance apresenta muitas nuances que exigem estudos mais detalhados.

O comportamento de Brás Cubas, comumente associado a uma postura pessimista, cuja dedução de alguns estudiosos para tal conclusão era muitas vezes a vida do próprio autor, não pode ser resumida a uma visão negativa do mundo. Parte-se de diversos princípios estabelecidos na própria lógica da obra e que Brás Cubas, através do seu ar humorístico e galhofeiro, vai apresentando ao leitor, não sem esquivas, disfarçatez, ironias que parecem conduzir a um ponto, mas que objetivam outra coisa. Brás é um narrador/personagem no qual o leitor acredita, mas com muitas ressalvas, uma vez que Brás pode enunciar algo que, de fato não quis dizer e o leitor, apanhado em sua armadilha, interprete tal fala sob a sua própria percepção ou identidade, ou seja, quando o leitor chama Brás de dissimulado em determinadas partes, é provável que o leitor, sem perceber, esteja falando de si mesmo, pois agiria dessa forma se fosse consigo em tal situação.

A questão do niilismo, associado ao comportamento de Brás, não pode ser entendida sob um único viés, o do temor, o da destruição, como se o niilismo refletisse no homem apenas uma tendência, uma inclinação, ao caos, a barbárie, ao extermínio das crenças absolutas e a instauração de um novo mundo governado pela violência. Afastemos tal pensamento e vejamos o homem sob um aspecto mais positivo e menos fatalista. O que o homem de fato procura? Uma resposta para esta questão aparentemente simplória poderia consumir livros e mais livros, inúmeras teses sem a possibilidade concreta de uma réplica satisfatória ou definitiva, pois, de fato, não se pode divisar o que o homem realmente quer ou

o que a sociedade impõe-lhe como necessário. Talvez ele busque, em meio ao progresso, como argumenta Adorno, redenção:

O conceito de progresso é filosófico na medida em que, enquanto articula o movimento social, ao mesmo tempo se lhe contrapõe. Surgido socialmente, ele reclama uma confrontação crítica com a sociedade real. O momento da redenção, por mais secularizado que seja, não pode ser apagado dele.²²⁶

Redenção, como exposto por Adorno, não seria a busca pelo sanar de uma falta ou um erro cometido, mas uma espécie de retorno à natureza, não em um sentido literal, mas a tentativa do homem retornar a um estado no qual os conflitos entre o homem e a natureza não eram mediados por valores depreciadores desses dois polos. Poderia falar-se até mesmo em liberdade nesta condição de redenção, pois as pressões externas não atuariam, ou se o fizessem seriam em menor grau, permitindo ao homem certa condição de autonomia, de ser quem ele é, algo que foi perdido no decorrer da história da civilização.

Mas como falar em autonomia, em redenção, no sentido adorniano, em um país como o Brasil, cujos valores foram, não poucos, herdados de outros países? No campo da literatura essa dependência perdurou por um longo período, o que exigiu de Machado um claro e enfático posicionamento em sua crônica, *Instinto de nacionalidade*, que propunha uma forma de independência do Brasil, cuja tradição, no terreno das letras, é inexistente. O próprio Machado, naquela que é considerada sua primeira fase, mantém muito de dependência a um tradicionalismo de origem europeu, cuja religião e os valores tradicionais, como os familiares, ainda se apresentavam de forma acentuada, como expressa Schwarz, ao estabelecer uma relação comparativa entre Alencar e Machado:

O problema põe-se de maneira diferente nos primeiros romances de Machado de Assis. Também eles trazem na composição a marca da dependência nacional. Falta-lhes no entanto a simpatia, que a ingenuidade – para olhos de hoje – dá ao rompante de Alencar. São livros deliberada e desagradavelmente conformistas [...]. Machado se filiava à estreiteza apologética da Reação europeia, de um fundo católico, e insistia na *santidade das famílias* e na *dignidade Da pessoa* (por oposição ao seu direito). Donde o clima bolorento, ao qual o leitor moderno é particularmente alérgico, já que perdeu o costume, não dos regimes autoritários, mas de sua justificação moral. Contudo, estávamos no Brasil.²²⁷

Brás Cubas, bem como Bentinho, representa um claro rompimento de Machado com essa mentalidade arcaica. Temos na referida personagem, ao modo de Macunaíma, a tentativa de representação ou condensação daquilo que seria uma imagem representativa do brasileiro. Seu comportamento, sua postura diante de preceitos e das leis morais, são postos em

²²⁶ ADORNO, Theodor W. (1969). Progresso. In: Palavras e sinais: modelos críticos 2. Tradução M. H. Ruschel. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 37-61.

²²⁷ SCHWARZ, 2000, p. 99-100.

suspensão, não há outras regras além das suas próprias a serem seguidas, uma postura que, pelo alto teor de individualismo e de crítica ao que é estabelecido como certo e errado na sociedade, só poderia suscitar análises por vezes depreciativas ou equivocadas sobre Brás Cubas: o lascivo, o mentiroso, o falsário, o pessimista²²⁸, o niilista. No que se refere a este último aspecto, o presente trabalho buscou demonstrar que o niilismo, apesar de uma vertente por vezes radical, também pode ser apresentado sob outra compreensão, a saber, a de um período de transição. Se Deus morreu na modernidade, o alarde sobre tal fenômeno não pode convergir para o caos e para o fatalismo, como se o homem fosse uma criança menor de idade abandonada em uma imensa casa. É provável que ele venha a criar novos deuses. Este é um caminho. Ou olhar mais para si e compreender que a vida depende apenas de si e sua convivência com os outros. Esta é outra possibilidade.

Livre, ao menos de sistema anterior, o homem tem a chance de ser quem é. Mas é sabido que muitos indivíduos não aguardam mudanças tão significativas no mundo, cabendo-lhe a iniciativa, em sua própria existência, de se transformar em agente transformador. É justificado que o pensamento pessimista de Machado de Assis, o qual repassou para muitas de suas personagens, é fruto da sua própria experiência pessoal. Entretanto, se tal fato é concreto, também é bastante evidente que Machado não se deixou abater por tal pessimismo, buscando enfrenta-lo, contorná-lo ou suprimi-lo, do contrário, não teria se tornado o grande expoente das letras no Brasil. Pessimismo, descrença, perda de referenciais valorativos não significam destruição, mas possibilidades de recomeço, de reestruturação.

A dissimulação de Brás, seu caráter volúvel, sua instabilidade, sua ceticismo, seu desrespeito por determinados códigos não significam sua condenação como ser abominável, horrendo socialmente, mas transgressor, em um sentido positivo do termo.

Em defesa de Brás e do seu caráter demasiado humano, é preciso observar que as mudanças sociais significativas foram iniciadas com questionamentos, enfretamentos, negações, críticas. Não, Brás não é nenhuma personagem de teor libertário, político, no sentido partidário de alguma vertente idealista, mas pode-se dizer que Brás é fiel a si, à vida e à natureza.

²²⁸ Nesse aspecto, o pesquisador Vítor Cei expõe, em sua tese de doutorado, uma explicação que vai além de um pessimismo vulgar, como o dos personagens romantizados que abundaram na Europa: “O olhar com que o defunto autor penetra nos meandros da sociedade fluminense de seu tempo mostra a decomposição do sistema escravista e a possibilidade de violação da vontade dos senhores, mas com a permanência da estrutura social assimétrica e injusta. Nesse sentido, o tom de Brás (que também é o de Bento e, de certa forma, o de Aires) é de pessimismo, autocomiseração diante da consciência da derrota e nostalgia em relação a um mundo que não mais existe” (CEI, 2015, p.207). Desse modo, o pessimismo de Brás converge não para uma postura negativa diante da vida em si, mas sim perante o declínio de um sistema do qual ele fazia parte.

Se na fase inicial Machado comungava com determinadas convicções predominantes, já no seu período maduro atacava-as impiedosamente, passando de crítico literário para crítico social:

Depois de 1880, em Machado de Assis conservou-se a crítica, mas dispensou o crítico, na acepção em termos de avaliador das obras alheias. À crítica propriamente dita, praticada por Machado de Assis, sucede a crítica exarada pelo espírito crítico, que se foi consolidando durante a prática literária. Superada a fase de confronto direto com as obras e os espetáculos, deu maior elasticidade à visão do mundo e efetivou, sem desfalecimento, a ação corrosiva contra ideias-feitas herdadas da tradição conservadora, esteadas na obrigatória e exclusiva pedagogia católica do período monarquista [...]. Atacava a empáfia humana, as contradições e injustiças dos poderosos e de seus miseráveis admiradores. Comprazia-se de modo especial em ridicularizar a grandiosidade e as pompas dos rituais da convivência urbana. É que adotara um olhar satírico, quando não parodístico, para destruir a presunção dos dominadores [...]. Ao mesmo tempo, os conceitos de Machado de Assis, homem educado na lei da Igreja (com “I” maiúsculo), se apresentam de modo herético. Ele retira a transcendência dos textos dogmáticos e os dessacraliza. Desmistifica igualmente o aparato litúrgico das encenações religiosas. A Ética social é comumente repelida nos seus relatos.²²⁹

A postura niilista de Machado de Assis em muito assemelha-se à de Brás Cubas. Criador e criatura desafiam e criticam valores, cada uma ao seu modo, não com a intenção de instaurar no mundo a desordem, mas tão somente denunciar, no caso de Machado, valores que muitas vezes funcionam como prisões distintivas ao homem. Deleuze e Guattari afirmam que “a filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos”.²³⁰ A fabricação de conceitos implica, em alguns casos, na destruição ou afastamento dos anteriores, o que não poderia deixar de ser compreendido como um ato niilista, mas, conforme Nietzsche, em um uso mais ativo e positivo do termo. É claro que Brás no decorrer de *Memórias Póstumas* não apresenta nenhum caráter criador, mas pode-se qualificá-lo sob uma forma de contestador, sob a argumentação de que mais alto falavam a suas inclinações particulares, criador de uma moral sua que necessariamente excluía as demais: “um só mundo, um só casal, uma só vida, uma só vontade, uma só afeição -, a unidade moral de todas as coisas pela exclusão das demais que me eram contrárias”.²³¹

As características niilistas de Brás Cubas demonstram que o homem não é um ser acomodado, cuja dependência externa aos valores sociais efetua-se não raro com alguma anomalia, alguma contradição. Sua contestação, e não foram poucas no decorrer das suas memórias, efetivava-se através da ironia, do humor desqualificatório, do seu espírito negador, tal como o Diabo, de *A igreja do diabo*: “– Senhor, eu sou, como sabeis, o espírito que nega”

²²⁹ LUCAS. *O núcleo e a periferia de Machado de Assis*. p.9-10.

²³⁰ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* p. 10.

²³¹ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, LXVII, p. 253.

²³², evidenciando que o homem, muitas vezes, aceita determinadas imposições mais por conveniência do que comodismo, conveniência esta posta à prova a todo o momento, principalmente quando interesses particulares entram em conflito com o que é instituído como correto.

Falar em esfacelamento dos valores, não equivale ao esfacelamento da memória, da sociedade, de determinados aspectos culturais, mas por em cheque alguns destes princípios para que outros possam nascer, talvez mais condizentes com a natureza humana e suas inclinações, menos opressores ou desqualificadores do homem e do mundo.

Brás, como a maioria dos homens, quer a vida, busca-a, exalta-a, mas cada um ao seu modo, uma vez que não existe uma única forma de celebrá-la. Contudo, por mais agradável que seja a vida, ou venturosa, ou farta, nada disso preenche o vazio que existe no homem através da certeza de que um dia ele voltará a ser nada. A concepção da morte foi e ainda é a grande angústia humana. Possuir a consciência de que tudo o que cerca o homem é transitório conduz inevitavelmente a uma melancolia que pode conduzir a um pessimismo. Nesse contexto, para alguns o niilismo qualifica-se como um detrator da vida, cuja ausência de sentido é algo concreto e não superável. Religião, cultura, amor, justiça, fama, todos esses elementos não são mais fortes do que o nada.

Entretanto, não seria esta a verdadeira virtude da vida: saber que a vida é passageira? Com ou sem morte a existência continuaria configurando-se uma grande angústia, pois se fosse possível a imortalidade do homem em vida, qual seria o sentido em acordar todos os dias uma vez que ele saberia que sua vigência no mundo seria infinita e, portanto, as demais coisas perderiam sua importância e urgência. Desse modo, a ideia concreta da morte pode ser vislumbrada como uma espécie de tempero da vida para alguns, o que seria algo a ser pensado em futuros trabalhos: a morte como uma das forças motrizes da vida.

O diálogo de Machado com pensadores como Nietzsche e outros escritores, do patamar de Dostoiévski, demonstram que o niilismo não é um fenômeno particular de um país ou continente, mas uma percepção do homem acerca da vida, que deve ser estudado com a profundidade que não pode abrir mão do auxílio filosófico, evidenciando-se a profundidade da escrita machadiana, apresentada aqui sob a figura de Brás Cubas. O debate, entretanto, é extenso e exige um tempo posterior para maior aprofundamento. Nada sobre Machado e seu diálogo com as demais vertentes do conhecimento, bem como com outros autores, está fechado, ao contrário, quanto mais a obra machadiana for garimpada, mais há de se encontrar.

²³² ASSIS. *Contos escolhidos*, p.112.

Mas é preciso tempo para uma tarefa tão hercúlea, esse mesmo tempo que subsiste, imutável, talvez a única coisa permanente: “O derradeiro homem, ao despedir-se do sol frio e gasto, há de ter um relógio na algibeira, para saber a hora exata em que morre”.²³³ Nada mais a ser dito aqui, fecha-se a campa.

²³³ ASSIS. *Memórias Póstumas de Brás Cubas/Dom Casmurro*, LIV, p. 240.

Referências bibliográficas:

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. Trad. Da 1ª ed. brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi; revisão e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ADORNO, T. W. (1969). Progresso. In: **Palavras e sinais: modelos críticos 2**. Tradução M. H. Ruschel. Petrópolis: Vozes, 1995.

ASSIS, M. **Contos escolhidos**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

_____. **Obra Completa**. Volume 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ARALDI, C. **Nihilismo, Criação e Aniquilamento: Nietzsche e a filosofia dos extremos**. São Paulo: Discurso Editorial: Ijuí: RS: Editora UNIJUÍ, 2004.

BARRENECHEA, M.A. **Nietzsche e a liberdade**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

BAUMAN, Z. **Confiança e medo na cidade**. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

BENJAMIN, W. O narrador. In: **Magia e técnica, arte e política: obras escolhidas**. Tradução Sérgio P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BERGSON, H. **O riso: ensaio sobre a significação do cômico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

BLANCHOT, M. **A parte do fogo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

BOSI, A. **História concisa da Literatura Brasileira**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

BREMMER, J.; ROODENBURG, H. **Uma História Cultural do Humor**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

BRANDÃO, O. **O niilista Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Organização Simões Ed., 1958.

CALLIA, Marcos H. P. Introdução. In: OLIVEIRA, Marcos Fleury de; CALLIA, M. H. P. (Orgs). **Reflexões Sobre a Morte no Brasil**. São Paulo: Paulus, 2005.

CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul Ed., 2006.

_____. **O método crítico de Sílvio Romero**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

CARA, S. A. Machado de Assis nos anos 1870: a preparação do romance realista, In: COELHO, M.M; OLIVEIRA, M.F. (Orgs.). **O bruxo do Cosme velho**: Machado de Assis no espelho. São Paulo: Alameda, 2004.

CASTRO, A. M. de. **Dicionário de Poética e Pensamento**. Disponível em: <<http://www.dicpoetica.letas.ufrj.br/index.php/Homem>>. Acesso em: 12/05/2015.

CASTRO, A. V. de C. **O Elogio da Bobagem** – palhaços no Brasil e no mundo. Rio de Janeiro: Editora Família Bastos, 2005.

CAMUS, A. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2010.

CEI, V. **A voluptuosidade do nada**: o niilismo na prosa de Machado de Assis. Tese de doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2015. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP9U4K9G/vitor_cei_a_voluptuosidade_do_nada_o_niilismo_na_prosa_de_machado_de_assis_tese.pdf?sequence=1>. Acesso em: 01/10/2015.

_____. **Contra-isso-que-está-aí**: o niilismo nas jornadas de junho. In: CEI & BORGES (Org.). **Brasil em crise** [recurso eletrônico]: o legado das jornadas de junho. Autores, David G. Borges... [et al.]. - Dados eletrônicos. - Vila Velha, ES: RCG Comunicação Total: Praia Ed., 2015.

CHALHOUB, S. **Machado de Assis**: Historiador. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CHAVALIER, J; GHERRBRANT, A. **Dicionário de Símbolos**. Tradução de Vera da Costa e Silva [et al.]. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

COELHO, M.M; OLIVEIRA, M.F. (Orgs.). **O bruxo do Cosme velho**: Machado de Assis no espelho. São Paulo: Alameda, 2004.

CONCEIÇÃO, D. R. da. Em busca do deus perdido em Machado de Assis. In FERRAZ, S.; MAGALHÃES, A.; CONCEIÇÃO, D.; BRANDÃO, E.; TENÓRIO, W. **Deuses em poéticas**: estudos de literatura e teologia. Belém: UEPA, UEPB, 2008.

COSTA, F.M. (Org.) **100 melhores contos de humor da literatura universal**. 9ª edição. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis**: uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. **O que faz do Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 1992.

DIAS, Rosa Maria. “O autor de si mesmo: Machado de Assis leitor de Schopenhauer”. In: **Revista Kriterion**. Belo Horizonte: Departamento de Filosofia da UFMG, nº 112, 2005.

DI MATTEO, V. Nietzsche, pensador da modernidade. **Cadernos Nietzsche**, p.117-142, v.27, 2010.

DIXON, P. B. **O chocalho de Brás Cubas**: uma leitura das Memórias Póstumas. São Paulo: Nankin: EDUSP, 2009.

DOMINGUES, I. A filosofia no 3º milênio: o problema do niilismo absoluto e do sujeito demiurgo. **Interações**, São Paulo, v. 5, n. 9, jan/jun 2000.

DOSTOIÉVSKI, F. **Dostoiévski**: correspondências. Tradução de Robertson Frizero. Porto Alegre: 8Inverso, 2011.

_____. **Crime e Castigo**. Tradução de Rosário Fusco. São Paulo: Abril, 2010.

_____. **Memórias do subsolo**. Tradução, prefácio e notas de Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2009.

_____. **Os Irmãos Karamázov**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2012.

DUARTE, L. P. **Ironia e humor na literatura**. Belo Horizonte: Ed. da Puc Minas, 2006.

DURKHEIM, E. Representações individuais e representações sociais. In: **Sociologia e Filosofia**. São Paulo: Ícone, 1994. p. 9-54.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FACIOLI, V. **Um defunto estrambótico**: análise e interpretação das Memórias Póstumas de Brás Cubas. 2ª ed. São Paulo: Nankin: Edusp, 2008.

FAORO, R. **Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio** 4º ed. São Paulo: Globo, 2001.

FEITOSA, C. No-nada: as formas brasileiras do niilismo. **Flusser Studies**. Luagno, nº 03, 2006.

FERRATER MORA, J. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

FOUCAULT, M. **O que é um autor?** Portugal: Veja/Passagens, 2002.

FRANK, J. **Dostoiévski**, As Sementes da Revolta 1821- 1849. São Paulo: Edusp, 2008.

p

_____. **Dostoiévski**, Os Anos de Provação 1850-1859. São Paulo: Edusp, 1999.

_____. **Dostoiévski**, Os efeitos da Libertação 1860-1865. Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2002.

_____. **Dostoiévski**, O manto do profeta, 1871-1881. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

_____. **Pelo prisma russo**: ensaios sobre literatura e cultura. Tradução de Paula Cox Rolim e Francisco Achcar. São Paulo: Edusp, 1992.

FURLAN, S. **Seduções e desencantos**. *Machado de Assis*: um crítico do século XIX. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

GIRARD, R. **A crítica no subsolo**. Tradução Martha Gambini. Revisão técnica Pedro Sette-Câmara. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____. **Dostoiévski**: do duplo à unidade. Tradução Roberto Mallet. São Paulo: Realizações Editora, 2011.

GLEDSON, J. **Machado de Assis**: impostura e realismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1991

GOETHE, J. W. **Os Sofrimentos do Jovem Werther**. Porto Alegre: L&PM, 2007.

HALBWACHS, M. **A Memória coletiva**. Trad. de Laurent Leon Schatter. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

HÉBER-SUFFRIN, P. **O “Zaratustra” de Nietzsche**. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

KANT, M. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Trad. Paulo Quintela. Int. Pedro Galvão Lisboa: Edições 70, 2009.

KRAUSER, G. B. O bruxo contra o comunista ou: o incômodo ceticismo de Machado de Assis. **Kriterion**. Belo Horizonte, 2007.

LESSING, G. E. O riso e a troça. In: BARRENTO, J. **Literatura alemã**: textos e contextos 1700-1900: o século XVIII. Lisboa: Presença, 1989. v.1. p.119-121.

LIPOVETSKY, G. A sociedade humorística. In: **A era do vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Barueri-SP: Manole, 2005, p. 111-144.

LUCAS, F. **O núcleo e a periferia de Machado de Assis**. Barueri, SP: Manole, 2009.

LUKÁCS, G. **Ensaio sobre literatura**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965.

LYONS, D. **As regras morais e a ética**. Tradução de Luís Alberto Peluso. Campinas, SP: Papyrus, 1990.

MARMYSZ, J. **Laughing at nothing**: humor as a response to nihilism. Albany, NY: State University of New York Press, 2003.

MARTON, S. **Extravagâncias**, ensaios sobre a filosofia de Nietzsche. São Paulo: Discurso Editorial & Editora Barcarolla, 2009. (Sendas e Veredas).

MÉLEGA, S. R. Machado de Assis encontra Nietzsche. Portal Ciência & Vida, **Revista filosofia**, Disponível em:

<<http://filosofiacienciaevida.uol.com.br/ESFI/Edicoes/84/artigo292501-4.asp>>. Acesso em: 25/01/2016.

MEYER, A. **Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Presença, 1975.

MINOIS, G. **História do riso e do escárnio**. Trad. Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MOURA, C. A. R de. **Nietzsche: civilização e cultura**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MÜLLER-LAUTER, W. **Nietzsche**, sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia. Tradução Clademir Araldi. São Paulo: Editora Unifesp, 2009.

NIEMEYER, C. **Léxico de Nietzsche**. São Paulo, 2014.

NIETZSCHE, F. **Além do bem e do mal**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **Crepúsculo dos ídolos**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **Cinco prefácios para cinco livros não escritos**. Tradução de Pedro Süsskind. Rio de Janeiro: sete letras, 2005.

_____. **Ecce Homo: como alguém se torna o que é**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. **Fragmentos finais**. Tradução de Flávio R. Kothe. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

_____. **Genealogia da moral. Uma Polêmica**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **Gaia ciência**. Tradução Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. **O anticristo: maldição ao cristianismo / Ditirambos de Dionísio**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **Sabedoria para depois de amanhã**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

NUNES, B. **No tempo do niilismo e outros ensaios**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

PASCHOAL, A. E. **Nietzsche e a auto-supressão da moral**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2009. (Coleção Nietzsche em perspectiva).

PASSOS, J. L. **Romance com pessoas: a imaginação em Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

PECORARO, R. **Niilismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

PELBART, P. P. **O avesso do niilismo**, cartografias do esgotamento. Traduzido por John Laudenberg. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

PIZA, D. **Machado de Assis: um gênio brasileiro**. 3ª ed. São Paulo: Imprensa Oficial Do Estado De São Paulo, 2008.

PRANDI, R. Referências sociais das religiões afro-brasileiras: sincretismo, branqueamento, africanização. In CAROSO, Carlos; BACELAR, Jéferson (Orgs.). **Faces da tradição afro-brasileira**: religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafricanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida. 2 ed. Rio de Janeiro:Pallas/Salvador: CEAO, 2006.

REALE, G.; ANTISERI, D. **História da Filosofia**: antiguidade e idade média. Vol. I. São Paulo: Paulus, 1990.

RICOEUR, P. **O percurso do reconhecimento**. Tradução Nicolás Nyimi Campanário, SP: Loyola, 2006.

_____. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução: Alain François. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

RODRIGUES, A. S. **Machado de Assis: personagens e destinos**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bom Texto. 2008.

ROSA, G. **Primeiras estórias**. 39. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

SARAIVA, J. A. **O circuito das memórias em Machado de Assis**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 1993.

SCHWARZ, R. (Org.). **Ao vencedor as batatas**. São Paulo: Editora 34, 2012.

_____. **Os pobres na literatura brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. **Que horas são?** Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. **Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

SCHOPENHAUER, A. **Los dos problemas fundamentales de la ética**. Trad. Pilar López de Santa Maria. 1 ed. Madrid: Siglo XXI, 1993.

_____. **Metafísica do Amor**. Metafísica da Morte. São Paulo, Martins Fontes, 2004.

_____. **O mundo como vontade e como representação**. Tradução de Jair Barbosa. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

SOARES, L. E. **Cinismo, niilismo e utopia**. Disponível em: <observatordaimprensa.com.br/News/view/_ed678_cinismo_niilismo_e_utopia>. Acesso em: 09/10/2015.

SOARES, M. N. L. **Machado de Assis e a análise da expressão**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1968.

STEGAGNO PICCHIO, L. **História da literatura brasileira**. 2º ed. ver. e atualizada. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

STEINER, G. **Tolstói ou Dostoiévski**: um ensaio sobre o velho criticismo. São Paulo: Perspectiva, 2006.

TEIXEIRA, I. **Apresentação de Machado de Assis**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

TODOROV, T. **As estruturas narrativas**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006.

TURGUÊNIEV, I. **Pais e filhos**. Tradução de Ivan Emilianovitch. São Paulo: Editora Martins, 1971.

VERÍSSIMO, J. Introdução. In: **História da literatura brasileira**. 4ªed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1981.

VERSIANI, F. R. **Industrial Investment in an 'Export' Economy**: the Brazilian Experience before 1914. London: University of London, Institute of Latin American Studies, April 1979. (Working Papers, n. 2).

VIVEIROS DE CASTRO, A. **O Elogio da Bobagem** – palhaços no Brasil e no mundo. Rio de Janeiro: Editora Família Bastos, 2005.

VOLPI, F. **O nihilismo**. Trad. Aldo Vannucchi. São Paulo: Loyola, 1999.